



PUC RIO

ROSA MARIA TONIOLO

O ESPAÇO DESTE TEMPO: UMA LEITURA DA INTIMIDADE
DO ADOLESCENTE

TESE DE MESTRADO

Departamento de Psicologia

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio, agosto de 1980.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>

N. Chamada: 150 / T665 / TESE UC

Título: O espaço deste tempo . uma leitura da in



0 0 3 1 4 4 5

EX. 1-CENTRAL

2195

ROSZ MARIA TONIOLO

UC19562-2

O ESPAÇO DESTE TEMPO: UMA LEITURA DA INTIMIDADE
DO ADOLESCENTE

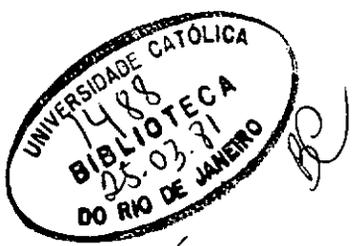
Tese apresentada no Departamento de Psicologia da PUC/RJ como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Monique Augrās

Departamento de Psicologia
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio, agosto de 1980.

LM



31445

150
T665
TEST-UC
UC 19562-2

Fotografias: Regina Vater

Lay-outs e diagramação: Daisy B.B.Carvalho

À

- Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, cujo respaldo acadêmico tornou possível nosso trabalho;
- Monique Augras, nossa Orientadora, presença que nos propiciou, apoiou e animou sua execução;
- Regina Vater, com a qual pudemos compartilhar nosso trabalho;
- Daisy B.B. Carvalho, Fernando Milis Toniolo, Jair Queiroz Mourão, Jorge Broide, Liliana Marssichno Guedes, Lúcia Carvalhaes Bonilha, Luis Fernando de Barros Carvalho, Marcos Morette Marcundes, Maria Cristina de Barros Carvalho, Maria do Carmos Guedes, Maria Isabella de Santis Mourão, Maria Lúcia Thibau Guimarães, Pedro Otávio Barreto Prado, Regina Kátia Toniolo, Wanderley dos Santos, gente amiga com quem pudemos contar;
- Às Escolas de cada bairro escolhido;
- Aos adolescentes, que sem sua adesão, nossa pesquisa não seria executada;
- Maria Luiza de Barros Carvalho, Maria Neuza Rizério da Silva, Maria de Lourdes S.A.P. de Oliveira, responsáveis pela datilografia;
- Fiorângelo Carmine Luciano de Santis, Brandina Pereira dos Santos, responsáveis pela execução gráfica do nosso trabalho,

Nossa Gratidão,

Rosmarini Toniolo

SUMÁRIO

Meu corpo	Minha cidade
Meu quarto	Meu bairro
Minha casa	Minha casa
Meu bairro	Meu quarto
Minha cidade	Meu corpo

TODOS: MEUS ESPAÇOS

A trilogia corpo=casa=cosmos, tal qual Mircea Eliade expõe em sua obra, evidencia que o espaço mítico aparece sempre como espaço estrutural. Assim, na construção do espaço a organização dada pelo homem funde-se na dialética centro-limites, e é nessa obra que o mundo, a casa e o corpo se interpretam.

O esquema espacial do corpo e da casa (quarto) se transformam no elo que liga o homem ao cosmos, e as imagens simbólicas da casa (quarto) e do corpo constituem suas representações. Ter um corpo, e instalar-se numa casa (quarto) equivale a assumir uma situação existencial; habitar um corpo da mesma forma que se habita uma casa (quarto) é comunicar-se com o cosmos.

O presente trabalho pesquisou o estudo do espaço através da leitura de corpos e quartos habitados de 40 adolescentes da cidade de São Paulo. Foi documentado fotograficamente uma vez que a linguagem espacial é por excelência visual.

Consideramos nossa pesquisa como um ensaio sobre as regras da gramática do corpo e do quarto. Concluimos que ambos se expressam, e que a expressão é traduzida na intimidade, na personalidade individual e que é possível uma leitura, leitura assim, psicológica.

O valor heurístico se evidenciou: diagnosticamos ou apontamos caminhos para tal. Sugerindo e explicitando uma forma de apreensão intuitiva no campo do psicodiagnóstico, encontramos o adolescente.

SUMMARY

My body	My city
My bedroom	My neighborhood
My house	My house
My neighborhood	My bedroom
My city	My body

ALL: MY SPACES

The trilogy body=house=cosmos presented in the work of Mircea Eliade demonstrates that mythical space always appears as a structural space. The organization given by man in the construction of this space merges in the dialectics center-limits, and it is through this task that the world, the house and the body are interpreted.

The spacial interrelationship between the body and the house (bedroom) becomes the link which connects man to the cosmos; the symbolic images of the house (bedroom) and body being what constitute its representations. To have a body and to install oneself in a house (bedroom) is equivalent to appropriating an existential situation; to inhabit a body in the same manner a house is to communicate with the cosmos.

This work researched the study of space through the reading of bodies and bedrooms inhabited by 40 adolescents living in the city of São Paulo. It was documented photographically since spatial language is essentially visual.

We consider our research as an attempt to decipher the rules of grammar of the body and bedroom. We reached the conclusion that both the body and the bedroom express themselves, and that their expression is translated in the individual intimacies and personalities; it being possible to interpret them psychologically.

The heuristic value of our findings was clear: we made diagnoses or presented approaches to do so. By suggesting and making explicit an intuitive form of understanding in the field of psychological diagnosis, we found the adolescent.

O ESPAÇO DESTE TEMPO: UMA LEITURA DA INTIMIDADE

DO ADOLESCENTE

I.	Introdução	3
II.	<u>Do espaço</u> : sua história até Einstein	13
III.	<u>Do espaço psicológico</u> : o corpo como expressão da <u>e</u> xistência	27
IV.	<u>Do Adolescente</u> : o espaço deste tempo	45
V.	<u>A Pesquisa</u> : buscando a evidência mítica no cotidia no da experiência	57
VI.	<u>A leitura da intimidade</u>	68
VII.	<u>Discussão e conclusão</u>	131
VIII.	<u>Bibliografia</u>	145

I. INTRODUÇÃO

Em psicologia, a abordagem simbólica sempre foi de nosso interesse, curiosidade e trabalho. Tanto na praxis clínica como na função acadêmica, a busca da compreensão do ser - no mundo , foi e é orientada numa perspectiva de captação e explicitação da mensagem simbólica, da linguagem em seus níveis verbais e não verbais.

A compreensão do corpo, sua movimentação, atitudes,

posturas; a fala expressa nos tons de voz mais variados, foca a apreensão holística dos fenômenos psicológicos.

A procura de um curso de pós-graduação em psicologia clínica, nos proporcionou sintetizar novas aprendizagens com o já aprendido.

Assim, o estudo do espaço numa dimensão psicológica, canalizado posteriormente para o espaço do adolescente (material humano de especial interesse) , sua significação e linguagem, dirigiu-nos para a construção desse trabalho.

Mircea Eliade, em "O sagrado e o profano", onde se lê a trilogia corpo=casa=cosmos; Ernst Cassirer em "Filosofia das Formas Simbólicas", na qual o pensamento mítico é colocado como uma forma de conhecimento; Monique Augras, em "O ser da Compreensão", e em aulas assistidas, onde aponta a abordagem fenomenológica na situação de Psicodiagnóstico, e sua visão mítica do mundo; nas diversas obras de José Angelo Gaiarsa, através das quais a Psicologia do Movimento abarca o corpo na estrutura e na dinâmica de sua expressão; e Gaston Bachelard, na "Poética do Espaço", foram nossos inspiradores básicos.

Com pais e mãe assumidos, partimos para a obra . Restava decidir a respeito da coleta de dados, dos critérios metodológicos; já que nosso objetivo se focalizava no espaço, queríamos também, buscar uma metodologia espacial, se é possível dizê-la assim.

Estudando a formação histórica de São Paulo, cidade onde nossa pesquisa seria feita, e a estrutura do espaço mítico, encontramos fundamentos para tal metodologia. Ora, estudar u

ma cidade, é por correspondência, estudar também sua dimensão espacial, sem transgredir o campo dos arquitetos e urbanistas. Esse estudo teve a finalidade de recuperar a história paulistana nos seus diferentes bairros; núcleos históricos iniciais, alicerçar nosso trabalho, e através disso delinear nossa amostra, análise dos dados e discussão da pesquisa.

Regina Vater, fotógrafa, profissional nas Artes Plásticas, em 1977 expôs um trabalho, documentando através de fotografias, interiores de casas em diferentes pontos do mundo. No catálogo de sua exposição X - RANGE, podemos conhecer sua intenção:

"

X - RAY + RANGE OF ACTION

ray - raio de luz

raio de calor

range - espaço,

classificar,

percorrer,

excursão,

alcance,

série,

linha de tiro

Trabalho começado em 1975 em New York. Nos X - RANGE intento perseguir (como em outros trabalhos anteriores ou da mesma época) a presença na ausência e procuro documentar poeticamente como os indivíduos utilizam seu espaço doméstico. Penso que as pessoas se projetam e se revelam (em suas condições sociais, culturais e psicológicas) pela maneira que elegem os seus objetos e organizam o seu espaço privado. O que me interessa é a Poesia Cotidiana que o homem imprime à sua volta através dos seus gestos revelando a sua maneira de ser e viver.

Meu trabalho reúne várias espécies de casas dos mais variados níveis sociais e culturais. Tenho cerca de 50 casas documentadas do que penso ser um trabalho progressivo. Os traços do Ser Humano, a despeito de serem gravuras provisórias são duráveis como a existência humana ("De tudo resta um pouco"). Nada me lhor do que uma habitação humana para conter estas gravuras da existência. Pois é nesta casa/ninho que ele (Homem), vive a miniatura do cosmos e esparrama seu Ego".

Dada a confluência de interesses, nos propusemos um trabalho conjunto, porém autônomo, preservando nossos objetivos es pecíficos.

- da justificativa da tese:

O método fenomenológico, segue 6 estágios fundamentais:

1. captação direta do fenômeno particular apreendido com o máximo de intuição.
2. exame profundo do fenômeno, nas suas estruturas típicas e particulares.
3. atenção às direções pelas quais o fenômeno aparece.
4. estudo do processo no qual tal fenômeno é inserido.
5. colocação do fenômeno entre parênteses, acreditando na realidade do mesmo.
6. interpretação fenomenológica revelando níveis de significações. Esses passos dizem que "a descrição precede a análise". (Merleau - Ponty, 1971:11).

O ponto central de uma psicologia fenomenológica é colocado no significado da experiência, reduzido nas estruturas in variáveis. Partindo da observação das imagens elaboradas pela vivência cotidiana, a investigação fenomenológica procura identificar es truturas significativas. Assim, a direção da interpretação, se coloca num plano objetivo: interpretar é buscar relações simbólicas, ou seja, relações entre significados.

"Um símbolo humano genuíno, não se caracteriza por sua uniformidade mas sim pela sua variabilidade. Não é rígido ou in flexível, mas é móvel". (Cassirer, 1975:64). O símbolo difere do signo ou sinal na medida em que este é relacionado com um objeto de modo único e fixo. Por extensão, podemos dizer que um sinal esclarece um único significado. Já o símbolo, poliforme, funciona e opera em cadeia, dada suas múltiplas valências.

A postura simbólica, não busca a explicação dos fenômenos; a explicação pressupõe um movimento repetitivo, através das leis de causalidade. A compreensão e interpretação indicam um movimento contínuo na procura das possibilidades e novos horizontes. Nada é definitivo, tudo é recuperável e mutável. Na medida em que um fenômeno é compreendido e explicitado, suas significações interpretadas, sempre levam e oferecem outras novas, a partir daquelas já conhecidas. A cadeia simbólica funciona sempre em aberturas dialéticas, propiciando um lugar para a novidade ser experienciada, metabolizada e integrada.

Com o caráter flexível do símbolo, não queremos di zer de fluidez e inconsistência. Longe disso, podemos definir a si tuação existencial em três aspectos da realidade humana: "animal , socius, sapiens... . Representando determinada série animal, o ho

mem é natureza; como autor e suporte de um processo constante de manejamento da natureza e dele próprio, ele é história; abrangendo a natureza e a história, é existência "(Augras, 1978:19), três aspectos abrangidos pela dimensão simbólica: em unidade : individual, antropológica e universal se identificam.

A essência da existência é fundamentada na consciência de si e do mundo. Explicitar assim, o mundo e a existência é descobri-los, é revelar o significado ôntico do ser-no-mundo.

A investigação fenomenológica se afirma nessa proposta. Não tem por objetivo, dogmatizar-se; antes disso, propõe caminhos. Direcionando-os com maior abrangência, o mito enriquece-os, dotando-os de diretrizes de conhecimento.

Mito vem do grego, que significa "palavra", "dito". É expressão que explicita uma etiologia, uma vivência original, é comunicação. O mito é o mensageiro e como tal é veículo do indizível porque transmite significados da existência, do ser no mundo.

Sua essência se traduz numa estrutura de modo a enunciar como o universo foi criado, como o homem surgiu e o habitou como a natureza e realidade humana, individual cultural e universal é compreendida, enfim como os conflitos existenciais são resolvidos.

Assim, o mito é objeto de estudo de filósofos, teólogos, antropólogos e psicólogos. Conforme Ernst Cassirer o mito é uma forma de conhecimento, cuja significação não pode ser reduzida ao arcaico, antigo, fantástico, irreal, atribuições do racionalismo vigente a partir de Augusto Comte. Deriva-se da função simbólica, propriedade exclusiva do homem; função essa que o capacita, a

refletir e elaborar abstratamente o mundo em suas contradições, através da linguagem. Nesse enfoque ele é "explicitação irracional ; objetivo e forma específica de conhecimento".

"O mito e conhecimento científico não se diferenciam pela natureza das categorias que utilizam nem pela qualidade de tais categorias, mas sim pela sua modalidade". (Cassirer: 1972,85). São formas, modos de explicitar a natureza humana contraditória, objetivando o mundo com estruturas, dotando-o de coerência.

O mito é um modo de adaptação à realidade, como coloca Jung, e de sua óptica Eliade; a vivência mítica é produto do sagrado, sagrado e real são sinônimos. Só aquilo que tem significado abrangente da existência humana é território do real.

O mito não explica, ele explicita, sugere caminhos de compreensão de situações que o racional não abrange. É de natureza ambígua, dada a sua origem simbólica. O mito então sugere vários tipos de explicitação. Qualquer redução seria profaná-lo.

Na busca de conhecimento é também da ordem da cultura. Constituído de modos diferentes de expressão de realidade, o mito deve ser estudado e compreendido dentro da cultura na qual se origina. Assim é que na literatura são encontradas diferentes citações míticas onde se lê diversas formas pelas quais os povos resolveram seus conflitos, impregnadas das características culturais vigentes da época. Ao mesmo tempo lhe é conferido um valor universal porque transcende a ordem da cultura do individual e do temporal da sua essência existencial.

Dessa forma buscar um modelo mítico de uma cultura, para explicitar uma contradição em outra cultura é transferir aprendizagem. Quanto mais o mito estiver apoiado no substrato cultural de

um povo, tanto mais será o seu valor para elucidar um outro povo; na medida em que os povos se encontram e se transcendem através do mito, em sua natureza universal, se torna um modelo exemplar de auto-conhecimento.

"Ensinando simbolicamente como lidar com os problemas existenciais, com a violência, a angústia, a insegurança, situando a questão da origem e da morte, os mitos antigos são sempre atuais". (Augras: 1977,30).

Sempre prevalece um "quê" de contemporaneidade onde o homem se articula num tempo a-histórico, e num território a-espacial. É na imaginação, capacidade do homem, sem tempo e sem espaço; é na trajetória da imagética que ele se recupera dos conflitos e se ajusta à realidade.

Nos contos de fada também encontramos uma função mítica: "Parece que, através desses contos, a criança aprende a manejar as suas próprias fantasias ansiosas, a sua agressividade. permite portanto evocar simbolicamente as próprias fantasias, num palco que também é fantástico"(Augras: 1977,28).

Tanto nos mitos como nos contos de fadas, há uma situação problema; há um herói ou heroína sempre ameaçados, mas sempre transpõem a dificuldade, desvendando mistérios, saindo vitoriosos. A forma como tais personagens aparecem, principalmente nos contos de fadas, ou mesmo nos super-heróis atuais, são impregnadas de ideologias e marcas assistidas na evolução dos tempos. A história modifica a forma, mas não o conteúdo. O tema subjacente continua a identificar a matriz do Ser. O mito marca sua presença nos contos de hoje na sua essência de raiz ontológica.

O despertar da consciência histórica a partir do período judaico-cristão e seu desenvolvimento em Hegel e seguidores, imprimiu um novo modo de ser no mundo, tendendo a ultrapassar o mito. Porém não há de se dizer que o mito tenha sido abolido; antes disso, ele aparece ou radicalmente modificado, ou mesmo perfeitamente camuflado.

Há de se ter olhos para interpretar a história, por que o símbolo como fonte inesgotável de conhecimento, persiste.

O homem é um ser simbólico, como aponta Cassirer e como bem o define Jung (1974:543) "o símbolo pressupõe sempre que a expressão escolhida, constitui a melhor designação ou a melhor fórmula possível para um estado de coisas relativamente desconhecido, mas que se reconhece como existente ou como tal é reclamado".

O mito, filho da função simbólica, "na medida em que se situa como imagem do homem e do mundo pode ser considerado como ponto de partida para a explicitação, e sua hermenêutica, como modelo metodológico para sua compreensão". (Augras, 1978:23).

A técnica, segue próxima ao método. E, o objetivo de qualquer técnica de pesquisa fenomenológica, é ajudar o fenômeno a revelar-se de forma mais completa possível. "Revelar-se de forma mais completa possível, significa revelar camadas de significação". (Keen, 1979:34). Nesse enfoque, a técnica fotográfica é indicada para a documentação dos dados em pesquisas psicológicas. Não nos interessa aqui, colocar em evidência a percepção da fotógrafa. É importante ressaltar que, o trabalho foi feito em conjunto; em campo, discutíamos o que fotografar com o intuito de aproximar a Psicologia e a Arte, satisfazendo nossos objetivos mútuos.

A busca de um técnico no campo das artes plásticas, nos proporcionou de um lado, trabalhar em equipe, onde cada profissional foi responsável pela sua especificidade, e por outro, preencher um requisito na coleta dos dados.

Nesse sentido, Ziller e Smith, apontam certas vantagens no uso de fotografias em pesquisas psicológicas: a câmera documenta o dado tal como ele é e acontece, sobrepujando o uso da coleta verbal; outra vantagem é a mínima interferência do experimentador-fotógrafo no meio onde ele pesquisa; fotografias podem ser analisadas, assim como os relatos verbais, porém, num enfoque diferente. Acrescentamos um outro destaque, que nos parece necessária: dada a natureza da linguagem espacial, sua captação só pode ser feita através de documentação e comunicação visual.

No âmbito do nosso trabalho, a tentativa será abraçar o modelo mítico, em sua transparência e solidez psicológica como viga mestra. A investigação será fenomenológica; a leitura, simbólica através de referenciais apontados na pesquisa e análise dos dados. O valor heurístico será de diagnóstico - diagnosticar (do grego) significa "ver através de ...". Nosso intento, suprimindo as reticências, poderemos substituí-las pela linguagem própria do espaço vivido e pela topoanálise.

II. DO ESPAÇO: sua história até Einstein

"A partir de agora, o espaço e o tempo - considerados isoladamente - estão condenados a desvanecerem-se em meras sombras, e somente alguma espécie de união dos dois preservará uma realidade independente"

(Minkowski, citado em Smart, 1964:75)

Espaço como objeto de reflexões filosóficas, aparece cedo na filosofia grega. Seu introdutor foi Aristóteles.

Para ele, os números eram tidos como uma espécie de es-

pacialidade, de acordo com o sistema pitagoreano. Nesse sistema , o espaço não tinha ainda nenhuma implicação física, a não ser aquela que diz respeito aos limites entre diferentes corpos. O conceito de espaço era confundido com o de matéria. Identificava-se "ar" com "vazio".

A partir dessa conceituação, assinala-se o princípio da concepção abstrata do espaço como extensão.

Archytas, outro pitagoreano, em seus trabalhos (encontrados nos comentários de Simplicius) a respeito da natureza do espaço, vem contribuir para elucidar o conceito. Distingue lugar (topos) de espaço e matéria. O espaço difere da matéria e é independente dele. Todo corpo ocupa um lugar e existe, desde que esse lugar exista. Já que o lugar tem existência em si mesmo, sendo independente dos corpos, o lugar determina o volume dos corpos. Dessa forma a propriedade do espaço é que todas as coisas são, estão nelas mesmas; e circundando-as há um vazio infinito, que a elas pertencem. Além dessa propriedade metafísica Archytas dá a noção também de um espaço com propriedades físicas quando fala dos limites e fronteiras dos corpos. O universo era um todo que ocupava um espaço finito. O espaço não é só extensão, mas traz qualidades ou forças, sendo uma espécie de atmosfera primordial, dotada de pressão e tensão, limitada pelo vazio infinito.

Demócritus, atomista, elabora a função do vazio: o infinito do espaço pode ser deduzido do infinito número de átomos que, embora indivizíveis tem uma certa magnitude e extensão, mesmo não sendo perceptíveis aos nossos sentidos. Na movimentação dos átomos, não fala de força gravitacional, mas uma "força de impacto",

está implícita, quando diz da constante colisão entre eles e sua movimentação no espaço infinito. Esse ponto, assume importância na medida em que mostra pela primeira vez na concepção atomista da realidade, que o espaço é concebido como uma extensão vazia sem nenhuma influência com a movimentação da matéria. O vazio, significa o espaço que não é ocupado. Espaço é complementar à matéria e limitado por ela; matéria e espaço são mutuamente exclusivos; e vazio é igual à espaço.

Lucretius, complementando o esquema de Epicurus, a respeito de "corpo e vazio" diz: "há corpos e há vazio; no qual esses corpos são localizados e através dos quais eles se movem" (SMART, 1976:30). Aqui, se encontra, em contraste com o atomismo grego, uma clara e explícita expressão, da idéia de que corpos são localizados no vazio. Entretanto com Lucretius, temos a noção de que o espaço se constitui num infinito receptáculo para os corpos.

Gorgias, deixa a primeira idéia clara sobre espaço e matéria, como diferentes categorias. Para ele, o espaço não era infinito, pois a existência do infinito exclui a possibilidade do espaço infinito.

Platão, desenvolve sua teoria sobre espaço, assumindo que um corpo físico é meramente uma parte do espaço limitado pela superfície geométrica, contendo nada a não ser espaço vazio. Com Platão, a física torna-se geometria; da mesma forma que, com Pitágoras ela se tornou aritmética. De acordo com certas idéias expressadas pelos Pitagoreanos, Platão, concebe os elementos como dotados de estruturas especiais finitas: para a água, a estru

tura espacial é assinalada como icosaedro; para o ar octaedro; para o fogo, a pirâmide, e para a terra, o cubo. As variações dos quatro elementos e seu comportamento gravitacional, provocam diferenças em seus tamanhos e formas. Assim, quanto mais a matéria é reduzida ao espaço, mais a física é reduzida à geometria. Essa identificação do espaço e matéria, teve uma grande influência na física durante a Idade Média.

Platão foi sucedido por Aristóteles, que em sua obra "Categorias", explana sua teoria sobre espaço, discutindo se a quantidade é discreta ou contínua. Espaço pertence a categoria de quantidade, quantidade contínua, sendo concebido como a soma total de todos os lugares (topos) ocupado pelos corpos; e topos é concebido como a parte do espaço, cujos limites coincidem com os limites do corpo ocupado. Aristóteles constroi uma teoria do lugar (topos) ou uma teoria da posição no espaço; excluindo a concepção do espaço geral. Lugar é um acidente, tendo existência real, mas não independente no sentido do ser substancial:

1- o lugar do objeto não é parte ou fatos do objeto em si; mas naquilo que o abarca.

2- o imediate ou lugar próprio do objeto não é menor nem maior do que o objeto em si.

3- o lugar onde o objeto é deixado não é separado dele.

4- todo e qualquer lugar, implica e envolve correlatos "sobre", "sob" e todas as substâncias elementares possuem uma

tendência natural de movimento através de seus próprios e especiais lugares, ou restante deles quando eles se movem "para cima", "para baixo", "sobre", "sob".

Aristóteles, toma o espaço carregado de diferenças qualitativas, fornece a fundação da mecânica metafísica do movimento natural; e inaugura sua famosa definição de lugar como os limites adjacentes do corpo contínuo.

A estrutura dinâmica do campo, inerente no espaço, é condicionada pela estrutura geométrica do espaço como um todo. Espaço como define Aristóteles é o limite próprio do receptáculo continente; é o sistema referencial com o qual geralmente é limitado. Por exemplo: o lugar do marinheiro é no barco; o barco está no rio; o rio no próprio leito; esse último receptáculo está no resto relativo da terra; e esta, está no universo como um todo. Aristóteles antecipa aquilo que se lê em Einstein a respeito da estrutura dinâmica do campo, postulando que a dinâmica do movimento natural depende somente da condição espacial. Forma um corpo teórico com consistência lógica. Espaço parece ser alguma espécie de extensão contínua; significa a soma total dos lugares.

A idéia do espaço finito, não é absurda atualmente, como pareceu depois com o espaço infinito euclidiano.

A noção de espaço como substância é expressada na forma mais extrema por Descartes: "a essência da matéria é ser extensão". (Smart, 1976:5) Nesse ponto de vista, matéria e espaço se identificam.

Leibniz sustenta que espaço não é uma espécie de substância; é meramente um sistema de relação no qual "mônadas" (unidade de substância simples, ativa, indivizível que entra na composição de todos os seres; elemento das coisas, nascido com a criação e inacessível a toda influência estranha; unidade perfeita que compreende o espírito e a matéria sem separação. (Lello & Irmãos, 1966:787) se colocam à frente, uma às outras. Constitui-se numa teoria "absoluta" do espaço, apesar da relação das mônadas.

Kant também sustenta a teoria absoluta do espaço particularmente afirmando que a teoria relacional não justifica a diferença entre esquerda e direita. Propõe que as propriedades espaciais sejam apreendidas através da intuição: assim se fixa arbitrariamente um dos lados, por exemplo, o esquerdo e outro seria o anti-esquerdo. Nessa visão, o homem teria um único referencial corporal.

Através do axioma das paralelas Euclides fala de sua concepção de espaço: Se AB são retas produzidas indefinidamente em ambas direções; e, se C, é um ponto não pertencente a AB, então haverá uma e somente uma reta que passará por C no mesmo plano de AB que não intersecciona AB". (Smart, 1976:8)

Para Euclides, o espaço é infinito.

No século XVII e XVIII, Saccheri e Lambert negam o axioma das paralelas através do método da redução do absurdo, propondo um sistema de geometria hiperbólica; mais do que uma paralela poderia ser traçada no mesmo plano do axioma euclidiano inicial. Aqui o espaço continua sendo infinito, já que na geome-

- 5- As relações espaciais e propriedades de corpos podem ser de finidas em termos das relações e propriedades correspondentes das posições que eles ocupam.
- 6- As relações espaciais entre posições não variam com o tempo, o que acontece com os corpos. Posições, não participam de relações causais, não operam e nem são operadas.
- 7- Dois corpos distintos não podem ocupar a mesma posição ao mesmo tempo.
- 8- Nenhum corpo pode ocupar duas posições espacialmente separadas ao mesmo tempo.
- 9- Sobre o movimento: - um corpo se move absolutamente se, e somente se ocupar diferentes posições em tempos diferentes
- um corpo se move relativamente se e somente se existir um outro corpo cujas relações espaciais com o primeiro, varia com o tempo.

Deve-se notar que, de acordo com esta análise não pode haver movimento absoluto, sem espaço absoluto.

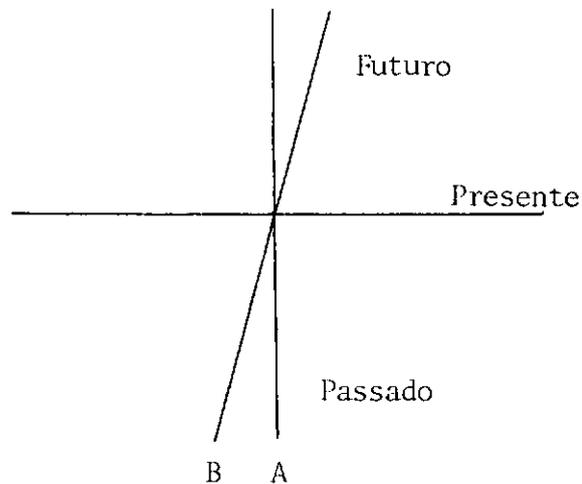
As noções de espaço na Física, atualmente encontram sua máxima na Teoria Especial da Relatividade (TRE) de Einstein.

- o mundo de quatro dimensões:

- da física newtoniana

Há características da ontologia de Newton que são in

compatíveis com as da TRE . Representando a mecânica de Newton num diagrama de Minkowski tem-se que:



Nesse diagrama não se altera a representação das histórias dos objetos físicos. Porque:

"1. postula-se a existência de entidades puras espaciais e temporais, existência esta que independe de quais processos ou espécies de processos efetivamente ocorrem.

2. a mecânica newtoniana não estabelece o limite máximo de velocidade (uma força aplicada sobre um corpo produz nele, certa aceleração que, mantida por tempo suficiente, leva o corpo a atingir qualquer velocidade)". (Lacey , 1972:182)

Portanto,

o "presente" tem alcance universal e, a qualquer tem-

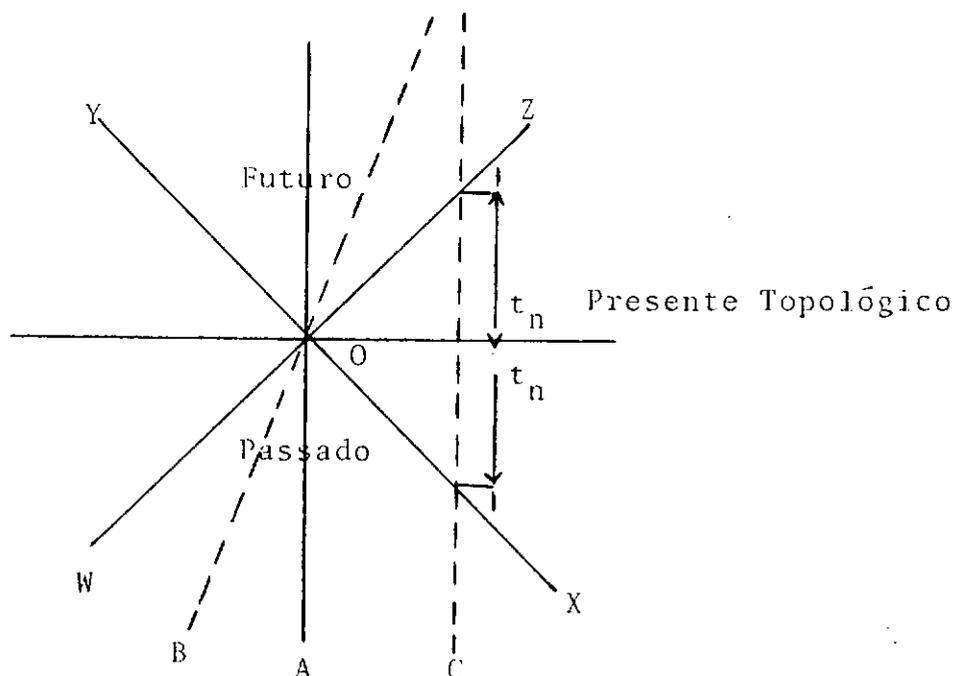
po dado há uma divisão não-relativa em passado e futuro.

Nesse mundo de Newton, a maneira mais natural de se falar sobre a mudança, é a de empregar a flexão dos verbos, predicando-os de objetos tridimensionais. O emprego da flexão para se falar sobre a mudança sugere uma prioridade ontológica do "presente" - a suposição de que os eventos e as coisas adquirem sua realidade por estarem presentes em algum tempo; assim, o que é real aumenta no decorrer do tempo.

- do mundo da TRE

No mundo da TRE, esta exigência é acrescida de outra: o real deve ser qualificado também, por um objeto: - coisas e eventos são reais para A num tempo t .

Assim, num diagrama de Minkowski, podemos representar:



"A luz se movimenta em velocidade uniforme (no vácuo), o trajeto de um raio de luz pode ser representado por uma reta (A). Nessa figura temos dois raios de luz vindos de direções o postas que atingem simultaneamente A--- "O agora".

Sejam os raios representados por OW e OX. O fato de OW e OX estarem localizados em diferentes lados de A indica que os raios de luz vêm de direções opostas; o fato de serem iguais os ângulos WOA e XOA indica que os raios de luz tem a mesma velocidade. Da mesma maneira, OY e OZ representam os trajetos futuros dos raios de luz agora emitidos simultaneamente em direções opostas.

Nada se move mais depressa do que a luz. Assim, qualquer objeto que coincide com A em O terá sua história totalmente representada nos setores WOX e YOZ. De outro modo, sua representação lhe atribuiria uma velocidade superior à da luz. De maneira semelhante, qualquer evento, com repercussões causais sobre A em O, estará no setor WOX; e se ligará a O por um trajeto que estará no setor WOX; e qualquer evento sobre o qual A em O repercute casualmente estará no setor YOZ e se ligará a O por um trajeto que estará no setor YOZ.

Se não fosse assim, admitiríamos a existência de influências causais com velocidade superior à da luz. Portanto a linha de B está totalmente nestes dois setores. Por outro lado, C está parcialmente dentro e parcialmente fora dos dois setores. Isso indica que nenhum evento que envolva C, e que tenha acontecido há menos de t_n segundos atrás, pode influenciar casualmente A em O, e nenhum evento em O pode influenciar C antes de transcorridos t_n segundos.

Se identificarmos, seguindo o ponto de vista tradicional, o passado aos eventos que podem influenciar causalmente o presente, e o futuro aos eventos sobre os quais o presente pode ter um impacto causal, poderemos dizer que o segmento WOX representa aquilo que agora constitui o passado de A, e o segmento YOZ aquilo que agora constitui o seu futuro. Os segmentos YOW e ZOY representam o conjunto de eventos topologicamente simultâneos a A em O, conjunto este que será denominado "presente topológico" de A.

É verdade que o diagrama tem o grande defeito de não representar as três dimensões do espaço, o que somente seria possível se pudéssemos desenhar em quatro dimensões. Mesmo assim, não perde ele a sua utilidade como ilustração, em especial por podermos fazer uma exata exposição matemática de um espaço (espaço-tempo) dotado de quatro dimensões." (Lacey, 1972:177)

Dessa forma, fala-se (pelo menos num sentido metafórico) de um universo considerando-o dotado de quatro dimensões, e é preferível falar dos objetos atribuindo-lhes essas quatro dimensões em vez de entendê-los como entidades tridimensionais em mudança. Assim, não se fala que um determinado objeto X se une, com respeito a A, mas que um objeto quadridimensional X, inclinado em um certo ângulo, no espaço quadridimensional, com relação ao objeto quadridimensional A.

Tempo e espaço, embora conceituados diferencialmente fundem-se numa só estrutura. Para se chegar à compreensão dessa fusão, além dos recursos teóricos utilizados até então, é impor-

tante nesse momento, falar a respeito da linguagem articulada normalmente, visto que através dela tem-se o reflexo do mundo e nossas interações com ele. Linguagem é expressão, comunicação.

Como se expressa no mundo a estrutura espaço-temporal?

Na linguagem temporal e espacial pontua-se distinções qualitativas.

Por linguagem temporal designa-se qualquer característica da linguagem que contenha informações sobre o tempo e a localização temporal de coisas e eventos.

"Quando algo aconteceu?" é a pergunta fundamental subjacente a linguagem temporal. Respostas a essa pergunta aparecem impregnadas de relações temporais entre fatos que levam a localização dos eventos ocorridos. As relações temporais básicas são de anterioridade (passado), simultaneidade (presente) e posterioridade (futuro) e são comunicados basicamente através da flexão dos verbos, conectivos e termos de relações gramaticais, expressando com isso, uma única dimensão em toda sua dinâmica.

A pergunta pertinente que subjaz a linguagem espacial é "onde algo aconteceu" ou "onde algo está"?

Respostas a essas perguntas são mais complicadas do que a questão temporal, consequência do fato do espaço ter três dimensões (faz-se necessário especificar três números), e tam

bém a linguagem espacial não tem flexões verbais. Quando se quer indicar a localização espacial de alguma coisa, usa-se recursos linguísticos específicos (não há recursos implícitos como nos tempos verbais). Porém, apresenta termos não métricos (comprimento, largura, altura e distância) que indicam a localização es pacial entre eventos e/ou coisas.

Resta saber do espaço psicológico para então indicar, dada a sua natureza, a sua linguagem específica e a forma de transmití-la.

III. DO ESPAÇO PSICOLÓGICO: o corpo como expressão
da existência.

"Habita-se o corpo da mesma maneira que se habita uma casa ou Cosmos, espaço sagrado que o homem criou para si mesmo".

(Eliade, 1965:137)

Espaço psicológico, espaço pessoal, espaço próprio, espaço íntimo são pronunciamentos que se escutam sempre, e no entanto sua definição é por vezes obscura.

Em revisão bibliográfica (Freitas, 1978:1 a 96) se encontra um número avantajado de pesquisas a partir dos trabalhos de E. T. Hall e de R. Sommer, porém não se acha entre eles, uma convergência teórica. Assim, Bailey, Hartnett e Gloser, propõem uma teoria de um modelo de proximidade (aproximar-se / ser aproximado); Argyle e Dean, sugerem a teoria do equilíbrio: em toda interação social há conflitos afiliativos, sobrevivendo um efeito compensatório quando houver qualquer mudança na situação; Hall, modelo de proxêmica: é o estudo de como o homem inconscientemente estrutura o micro-espço; o espaço pessoal gerado por ele é culturalmente determinado variando, pois de cultura para cultura; Park, Burgess, Lecuyer, Altman e Sundstrom, colocam uma equivalência: toda situação social é uma situação espacial; Nesbitt e Steven, centralizam sua teoria na situação sem comunicação; Sommer define o espaço pessoal como a área circunvizinha ao corpo, dentro da qual outros não podem introduzir-se; Freitas, de acordo com Lecuyer distingue quatro correntes no estudo espaço pessoal:

- a. "sobre a defesa instintiva do indivíduo
- b. identificação da distância física como expressão da distância social
- c. liga-se a teoria da aprendizagem social
- d. centrado sobre a comunicação".

(1978:11)

Certo é que a partir das pesquisas dos etologistas, a respeito do comportamento animal no espaço geográfico, surge u

ma nova preocupação: o da territorialidade que se estendeu ao estudo do comportamento humano. Aparece assim uma nova ciência, a ciência da proxêmica. E nela, um denominador comum se salienta - "uma espécie e perspectiva de transações humanas em função da distância, com a valorização do que está próximo em detrimento do que está afastado (Freitas, 1978:1).

Pretende-se na maiorias das investigações, a determinação dos efeitos inconscientes sobre o comportamento e a realidade psicológica em seu conjunto; traduzidos numa linguagem silenciosa de comunicação não verbal: atitudes, gestos, posição, orientação, abarcando dessa forma a fenomenologia do comportamento humano.

O Centro Brasileiro de Ergonomia e Cibernética (CBEC) do Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP) da Fundação Getúlio Vargas (FGV) em convênio com a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) no Rio de Janeiro, desenvolve um projeto: "Construção de um Autônomo Celular como Algoritmo Topogênético", cujo objetivo é elaborar uma linguagem geral de configuração do espaço pessoal, visando construir um módulo prático para o dimensionamento da proxêmica nas relações interpessoais.

Vejamos agora, o que uma visão mítica nos ajuda a assumir um modelo teórico. Para tal, reporta-se à citação primeira, onde esse trabalho teve origem:

- Da Trilogia:

cosmos = casa = corpo
corpo = casa = cosmos

1- da Dialética: cosmos x caos

Nos mitos de criação do mundo, ressalta-se sempre u ma tônica de transformação. Do ato primordial: a transformação do Caos em Cosmos, o homem organiza o Caos, dando-lhe uma estrutura, formas e normas. Conquistar um território é antes de tudo, criá-lo de novo, consagrá-lo.

Da perspectiva das sociedades arcaicas, ainda não é "um mundo", aquilo que não é o "nosso mundo". Para transformar um lugar desconhecido, ou mesmo um território habitado por outrem, a tomada de posse ritual deve ser criando-o de novo, isto é: consagrando-o.

"Um território desconhecido, estrangeiro, desocupado participa ainda da modalidade flúida e larvar do "Caos". Ocupando-o e sobretudo instalando-se, o homem transforma-o simbolicamente em cosmos (...) mediante a criação do Universo pelos Deuses (Eliade, 1965:34).

Observa-se então um comportamento religioso do homem, pois, se se consagra um lugar repete-se a cosmogonia. Dessa forma falar de espaço é se remeter a criação do mundo, é olhar o homem numa perspectiva sagrada. Por via de uma hierofania (algo de sagrado se nos mostra - Eliade, 1965:20) é que vem à tona a significação mítica daquilo que se chama, "o sistema do mundo": do mundo sagrado, do espaço sagrado; aquele

constituído de uma ruptura na homogeneidade do espaço, simbolizada por uma "abertura", através da qual é possível a passagem de uma região cósmica à outra, expressa por um certo número de imagens referentes no Axis Mundi. O "nosso mundo" situa-se sempre no Centro, porque é aí que há a ruptura de nível; é sempre um cosmos perfeito, seja qual for sua extensão. Essa ruptura é que possibilita a passagem do virtual ao real. Uma criação implica necessariamente superabundância de realidade: real e sagrado se homologam.

Lá, no espaço não consagrado, onde não se discriminou nenhuma estrutura porque nenhuma orientação foi projetada, é simples extensão amorfa, se iguala ao "Caos"; nele o homem perde seu significado ôntico; não tem referências e marcas dada sua homogeneidade. Aí, nada se destaca, o homem torna-se ambíguo e padece na vivência relativa onde tudo pode ser e nada é.

A estrutura do espaço "real" se faz a partir do deslocamento da homogeneidade em direção orientada à organização de uma configuração: o centro; nele o Caos se diferencia em cosmos. Nesse sentido o cosmos é construído.

- Da Casa

Toda construção ou fabricação é realização. É repetir o modelo exemplar da cosmogonia a partir do centro se estendendo aos quatro pontos cardeais. Esse é o simbolismo cósmico da estrutura da construção de uma aldeia pelos povos de regiões da Ásia: "o quadrado construído a partir de um ponto central é uma imago mundi". (Eliade, 1965:45)

A construção ritual do espaço é sublinhada então por cinco pontos: Centro, Norte, Sul, Leste e Oeste. Essa estrutura, síntese cômica se explicita também na edificação das cidades e dos templos. A arquitetura real, aquela que é sacra, também se remete à criação do mundo, e o santifica porque representa e o contém ao mesmo tempo.

Dos templos chega-se à casa, a morada do homem, o primeiro universo, um verdadeiro cosmos.

Uma casa vazia, estranha, não habitada, não traz em si a marca do homem; é impessoal, fria e adormecida. A função de habitar caracteriza-se pela organização espacial peculiar do homem; não interessa a descrição, a estética, o conforto, o requinte, o modesto, o simples, o sofisticado. É preciso antes de tudo ultrapassar essas qualidades frias, vivendo a casa, no sentido dado por Minkovski: o espaço é vivido, é aquele que transparece a existência humana e identifica quem o habita, porque o espaço em si não existe, o homem espacializante que o organiza. A dinâmica da espacialidade é traduzida no dar formas à experiência externa. Assim, a imagem visual dada, da casa habitada reflete o "modus vivendi" do ser que abriga.

A arquitetura, tão racional em nossos dias, se dirige para a horizontalidade do espaço, restringindo a movimentação do homem, sufocando-o muitas vezes. O "negócio" é construir. Essa ideologia nega o significado ôntico da existência, mata o urbanismo interno desviando seu significado para o acúmulo de bens. A arquitetura se orienta fora e além do homem e não para o homem. Nela o homem se torna anônimo, se perde nos arranha-

céus e no frio metálico dos grandes edifícios. O cultural e o espiritual foram aniquilados da dimensão humana da experiência, a moderna arquitetura divorciou essas dimensões canalizando suas edificações para as necessidades sociais e físicas. O objetivo da arquitetura contemporânea, é ser funcional, industrial, produto da ideologia da Revolução Industrial importada da Europa pela vinda de arquitetos europeus para a América. A solução é reconhecer que uma edificação é mais do que meramente tijolos colocados na posição vertical, é mais do que um abrigo da chuva e do sol; as necessidades sociais ignoram a responsabilidade humana: as pessoas sentem.

O importante não é negar a tecnologia, mas, integrá-la à essência humana de habitar. O espaço psicológico transcende o racionalismo urbano porque o que se atualiza é o dar configurações aos objetos no espaço no qual o homem se movimenta, se articula e descansa: a casa torna-se sensível, se anima, se diferencia em concha cósmica. Uma nova direção emerge quando se reflete no sentido da continuidade histórica e na orientação cósmica; a arquitetura é um mediador entre o homem e o cosmos, porque justamente ela externaliza estruturas psíquicas internas; o senso comum nos diz: "sua casa é você!" A arquitetura é o espelho da evolução do psiquismo e a emergência do sentido do ser-no-mundo pode ser considerada como um início de uma arquitetura sensitiva.

"É preciso dizer então, como habitamos nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos dia a dia num canto do mundo" (Bachelard, 1967:25).

Há sentido então em se falar da psicologia da casa, pois a partir da apropriação e externalização psicológica, cosmos e casa se aderem mutuamente. "A casa vivida passa a ser apreensão total da realidade psicológica" (Jung em "O Homem na Descoberta de sua Alma", citado por Bachelard, 1967:34).

Quartos, salas, varandas, banheiro, cozinha, corredores, jardins, pátios, passam a ser psicológicos e como tal cada qual traz e transmite seus símbolos, suas próprias representações: "não se conhece o ser humano se não se conhecer arquitetura" (Lobell, 1977:5).

Porque o espaço ocupado no cotidiano de cada homem está compartimentalizado em lugares. Heidegger chama de "arredores" ou "proximidades" o conjunto de sítios e territórios que interessam à preocupação diária, constituindo verdadeiros prolongamentos humanos, feixes de vivências que se estendem superando distâncias, aproximando e organizando os objetos e os lugares.

Na casa verdadeiramente habitada, o inconsciente mítico estagia: a psicologia da casa explicita uma ordem de imagens e símbolos; "A casa é vertical. Ela se eleva. É um dos apelos à nossa consciência de verticalidade; a casa nos convida à uma consciência de centralidade" (Bachelard, 1967:33), o centro se expande aos seus limites.

A verticalidade, estiramento cósmico, centraliza a casa no mundo: os limites construídos a partir do centro, representam a imagem da casa mítica. Nesse espaço o homem cons-

trôï suas trajetórias, seus lugares, suas regiões, suas direções e seus caminhos. No sentido psicológico, a casa também é construída.

Bachelard proprõe uma pesquisa das imagens da intimidade colocando a espacialidade na poética da casa: "Com a imagem da casa temos um verdadeiro princípio de integração psicológica; Psicologia descritiva, psicologia das profundidades, psicanálise e fenomenologia poderiam com a casa, constituir esse corpo de doutrinas que designamos sob o nome de topoanálise (Bachelard, 1967:21).

Examinada nos horizontes teóricos mais diversos, parece que a imagem da casa se transforma na topografia do nosso ser íntimo. O problema central assim se articula: "podemos isolar essa essência íntima e concreta para justificar o valor singular que atribuímos a todas as nossas imagens de intimidade protegida? Ou então, não é o quarto a essência íntima isolada, o berço inicial que dá abrigo ao corpo? Não podemos tomá-lo como um diagrama psicológico e a partir dele estabelecer referência com a estrutura mítica da espacialidade da casa; centro-limites, e desenvolver uma topoanálise?"

- Do Corpo:

Sempre que se quer captar um todo organicamente articulado, as formas míticas, portanto, simbólicas, percorrem o mesmo caminho para chegar a compreendê-lo: frequentemente, a forma dessa reprodução é justamente aquela que deve responder a pergunta mitológica da origem, e conseqüentemente, rege toda a cosmografia.

Na representação mítica, podemos apreender esse todo, na imagem do corpo humano e sua organização. O mundo objetivo se faz inteligível e se divide em determinadas esferas de realidade quando se reproduz analogicamente nas correspondências do próprio corpo, onde uma unidade mítico-orgânica é conservada.

"O mundo surgiu do corpo de um homem, de Purusha. O mundo é Purusha, pois surgiu quando os Deuses ofereciam-no em sacrifício; e de acordo com a técnica sacrificial, extraíram de seus membros desarticulados as criaturas individuais. Assim, pois, as partes do mundo não são outra coisa que os órgãos do corpo humano. Seus braços se converteram guerreiros, seus músculos em "vaisya"-princípio feminino de criação e do universo concebido como um todo; de seus pés nasceu o "sudra", o subalterno. A lua brotou de seu espírito; o sol de seu olho - (... ..) De seu umbigo, brotou o espaço aéreo, de sua cabeça originou o céu; de seus pés, a terra e de suas orelhas os pontos cardiais (Rigveda X, citado por Cassirer, 1970:125).

Assim, no âmago do pensamento mítico, a unidade do microcosmos e do macrocosmos está concebida de tal modo, que não é o homem que está formado das partes do mundo, mas que o mundo está formado das partes do homem. Encontramos, uma direção inversa na concepção germânico-cristã, segundo a qual, "o corpo de Adão foi composto de oito partes, de tal modo que sua carne equivale a terra; seus ossos, as rochas; seu sangue, o mar; seu cabelo, as plantas; suas idéias, as nuvens". (Golther, citado por Cassirer, 1970:125).

Em ambos os casos, o mito parte de uma concordância espaço-física entre o mundo e o homem para inferir, a partir dela uma unidade de origem. Estabelece-se uma equivalência de estrutura espacial, e na intuição mítica, a distância espacial, pode ser transcendida desde que o "distante" se fusione no "próximo", na medida em que se possa reproduzi-lo de algum modo. Existe uma anatomia própria, na qual, determinadas partes do corpo humano se equiparam a determinadas partes do mundo; há uma geografia, uma cosmografia e uma anatomia, na qual a origem é explicitada e determinada de acordo com a mesma intuição básica.

Em psicologia, não é possível dizer de espaço sem afirmar o corpo; o corpo, partícula cósmica, através do qual o homem elabora e se prolonga em seu espaço vivido, é qualidade da existência. "Ser corpo, é estar unido a um certo mundo, e nosso corpo não está primeiramente, dentro do espaço: ele está no espaço. (Merleau-Ponty, 1971:159).

Estar no espaço, existir no espaço é afirmar dele como sendo uma dimensão organizada e dinâmica criadas a partir de prolongamentos corpóreos. O corpo acontece no espaço; intuitivamente captamos um número crescente de linhas e retas que se estendem ao infinito-continuidade dos dinamismos corpóreos - : "com a interferência de um número considerável de linhas, pode-se criar qualquer espécie de desenho, em qualquer direção. Não só desenho, mas formas dotadas de volume também. Posso delimitar objetos fora de mim ou dentro de mim, a qualquer distância, longe ou perto de mim. Também dentro, a qual quer distância. Toda uma teoria de equivalências ou de corres

pondências se fazia evidente" (Gaiarsa, 1966:1)

Através desse destaque de Gaiarsa, apreende-se toda a dinâmica do espaço construído pelo homem: a escolha dos objetos se faz clara; intuitivamente a geometria corporal se torna simbólica, cuja polaridade se centraliza no corpo habitado.

O corpo, no eixo terra-céu (pés-cabeça), atuado pela ação da gravidade supera o próprio achatamento "através de uma fisga imaginária cabeça-céu: dinamismo energético solar " (Rolf, 1977:191), promove o estiramento da coluna vertebral , que em sua verticalidade funciona como distribuidor de peso na extensão pés (fio terra) - cabeça (área intelectual).

O centro (tronco, mais especificamente, o eixo: bacia pélvica-plexo solar) é "lugar dos afetos", e junto com a espinha dorsal constitui o ponto de equilíbrio corpóreo. Equilíbrio físico e psicológico. É através do polo central do corpo que harmonizamos nossas posturas, nossos movimentos e nossas experiências afetivo-emocionais, e em conjunção com o estiramento total, cristalizamos o ato de existir.

As dimensões "em cima", "em baixo" do eixo pés-cabeça, o corpo simbólico se expande, de um lado nas perspectivas onde tudo condiz aos "céus", e de outro onde tudo se refere à "terra".

"Em frente" se delineiam perspectivas condizentes às aspirações e ambições futuras; sentido onde o projetar-se e o "vir a ser" se orienta.

"Atrás", é da ordem do passado, da história.

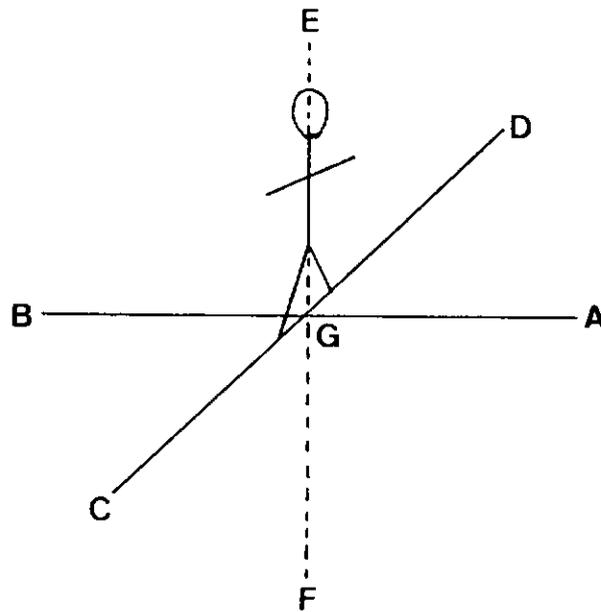
Discriminado pela direita, no ato socializado, realizador, formal, masculino, empreendedor, de maior amalgamento com o externo, o lado direito do corpo se expressa. O esquerdo, acompanha, segue, é sensitivo, feminino, menos susceptível às influências externas.

Esquerda-direita, eixo horizontal, fecham o esquema corporal.

Tal esquema, corresponde aos sete pontos indicados no espaço mítico, configurando a estrutura mitológica da construção corporal e sua comunicação com os aspectos ônticos da existência humana:

"Todo espaço está dividido em sete setores: norte, sul, leste, oeste; o mundo situado em cima, o mundo situado embaixo de nós e o centro do mundo; e cada ser tem uma posição inequívoca, ocupa um lugar fixo pré-determinado dentro dessa distribuição" (Cassirer, 1970:120).

Sua representação pode ser assim indicada:



Onde:

- A= em frente, leste, nascente, projeção, futuro
- B= atrás, oeste, poente, retrospectiva, passado
- C= direita, sul, empreendedor, realizador, masculino, formal
- D= esquerda, norte, feminino, sensitivo
- E= em cima; do céu, da imaginação, da elaboração, do consciente
- F= em baixo; da terra, do desconhecido, do inconsciente
- G= centro do mundo, eixo, síntese.

A gestalt desses pontos pode ser equiparada à formação de que "o ser é redondo" (Empédocles, citado por Platão, 1972:28). É um redondo preenchido que difere da esfera do geometra porque esta é vazia. Assim, um bom símbolo do espaço para o psicólogo se concentra na configuração do próprio corpo como estrutura significativa e plena de vivências: se traçarmos retas a partir do centro de gravidade do corpo, da bacia pélvica, extensivas a todas as direções, perceberemos um círculo perfeito; ou mesmo, em movimentos corpóreos giratórios, a i

magem é perfeitamente redonda centralizada no ponto de equilíbrio, em torno do qual organizamos nossas experiências.

Se o espaço humano se define como extensões do corpo, essas retas constituem feixes corpóreos imaginários, que em sua trajetória transmitem as significações do Ser-no-mundo. A organização espacial passa então a ser redonda também; completa, plena de significados funciona como estabilidade, defesa e dinamismo. Compara-se a forma mandálica, harmoniosa, centralizadora e dinâmica. Nesse sentido, qualquer quebra no espaço do "redondo", ou mesmo deslocamentos nas áreas qualificadas do "redondo", constituem, patologia; psico-patologia, porque o fenômeno psicopático se traduz na mudança qualitativa em relação à organização para viver.

A perda da organização e equilíbrio corpóreo, e por extensão também, do quarto, indicam a perda do "redondo", aquele que simboliza o existir construído. O fenômeno psicopatológico é definido como distúrbios no espaço e no tempo: dada a organização corporal indicada através da movimentação, ou mesmo sua intenção; também a configuração do espaço-quarto pode refletir distúrbios de quem o habita.

Partindo da visão de duração do tempo Bergsoniano, Eugene Minkovski, é pioneiro em afirmar que todo fenômeno humano comporta um índice temporal e/ou espacial ou mesmo espaço-temporal. Propõe a estrutura espaço-temporal de um lado, e o aspecto ideo-afetivo (a linguagem corrente expressa as modificações subjacentes à estrutura) de outro, para formular o princípio das síndromes mentais. Especializou-se mais nas estrutu-

ras delirantes, que constituem o núcleo fundamental das distorções do tempo vivido; orientações distorcidas do ser em seu delírio psicótico. O mundo e seus delírios, passam a ser uma extensão do psicótico; não há distância qualitativa; sua espacialidade é superposta, imediata e imaginária.

A obsessão, comportamentos ritualísticos que se observa na dinâmica da neurose, é traduzida numa espacialidade estreita, pois a contaminação do mundo torna-se perigosa; (entre a relação do obsessivo com o mundo, há cargas afetivas negativas: "as sujeiras") e a necessidade de controlar o futuro e dominar a morte, constituem os distúrbios espaço-temporais do neurótico obsessivo.

Nas síndromes psicológicas, o projeto existencial se encolhe consideravelmente implicando numa vivência da estrutura espaço-temporal particular: redução da vida saudável. Para Minkovski, o diagnóstico se coloca na análise da forma; na apreensão das formas em sua mobilidade e dinamismo vivente, e a partir dela, a investigação da questão: "O que está intato no doente?"

- Conclusão:

Vimos através da história do espaço (capítulo II), que todo seu pronunciamento e noções, evidenciam conceitos abstratos. O espaço da física, até Newton, é pura abstração. Já com Einstein, passa a existir, nova perspectiva: pode-se dizer que, da postura mecânica de Newton, passa-se para a postura dinâmica de Einstein: dinâmica porque relacional; relacional na

medida em que um objeto é visto em realidade em relação a um dado tempo. O espaço existe a partir da conjunção espaço-temporal: pode-se dizer que a história e o humano perdidos em Newton, são recuperados em Einstein; o mundo das quatro-dimensões, aquele do "aqui e agora", é o mundo vivido, psicológico por excelência, porque, da convergência espaço-tempo, surge o movimento (ou mesmo intenção de: posturas, atitudes) que se traduz na essência da Identidade, do ego individual.

Vimos também que o espaço mítico aparece sempre como espaço estrutural em contraste com o espaço funcional da matemática; assim, na construção do espaço a ordem dada pelo homem se funde na dialética centro-limites, e é nessa obra que o mundo, a casa e o corpo se interpretam.

Em psicologia, o espaço definido a partir das extensões do corpo, são intuições, as quais se tomam como referência para a compreensão do ser-no-mundo: "as palavras que designam "em frente", "atrás", "em cima", "em baixo", são intuições do próprio corpo: o corpo e seus membros é o sistema referencial ao qual se transfere indiretamente todas as semelhanças espaciais" (Cassirer, 1970:124). Dito de outra forma, na palavra de Minkovski, "o ser é espacializante".

O esquema espacial do corpo e da casa (quarto) se transformam no elo que liga o homem ao cosmos; e as imagens simbólicas da casa (quarto) e do corpo constituem suas representações. Ter um corpo e instalar-se numa casa (quarto) equivale a assumir uma situação existencial; habitar um corpo da mesma forma que se habita uma casa (quarto) é comunicar-se com o cos

mos. A homologação corpo=casa=cosmos, ou, corpo=quarto=cosmos se esclarece; e as imagens simbólicas através das quais essa homologação é expressa, traduzem a essência da linguagem espacial: ela é visual, afetiva e motora.

IV. DO ADOLESCENTE: o espaço deste tempo

"Segui os vestígios das origens. Então tornei-me estranho a todas as venerações. Tudo se fez estranho em meu redor, tudo veio a ser solidão. Mas, no meu íntimo, aquilo que pude reverenciar surgiu em segredo. Pôs-se então a crescer a árvore, à sombra da qual tenho sítio, a árvore do futuro".

(Nietzsche)

Ernst Cassirer sugere-nos que a criação do mundo e dos homens aparece com a criação da luz. Isso traduz o emergir

da consciência, manifestada como luz, em contraste com a escuridão da inconsciência, e é o "objeto real" da criação da mitologia. Também aponta que nos diferentes estágios da consciência mítica a primeira coisa a ser descoberta é a realidade subjetiva, a formação do ego e a individualidade. A mesma pergunta, "De onde vim?", é feita para o emergir da consciência individual: "Quem sou eu?" Através dos mitos, pode-se ter uma resposta a essa pergunta, resposta simbólica que no advir da adolescência focaliza o mito do Herói; porque ele inaugura uma nova fase no desenvolvimento humano. Uma radical mudança se opera no centro de gravidade: em toda a criação mítica o índice dominante é a qualidade cósmica, por isso, universal; mas, nesse tempo, o do adolescente, o mito foca o mundo como sendo o centro do universo; o ponto, através do qual os homens se erguem e se constroem. Aqui, não só o ego adquire uma independência mas há uma total transformação da personalidade. O herói é traduzido na essência psicológica primeira através da qual essa transformação se realiza. Sua força e função, enquanto um dinamismo interno - enfoque psicológico - polariza e mobiliza estruturas psíquicas. Se assim acontece, a essência dessa mobilização é comum a ambos os sexos, e o personagem principal é o próprio adolescente.

O mito Babilônico de Marduk, evidencia essa passagem: "...Ea, filho da profundidade do mar e deus da Sabedoria, venceu Apsu, o progenitor dos grandes deuses, que na origem formava uma trindade com Tiamat, a mãe dos deuses, e Mammu, seu ministro. Para tanto, Ea havia vencido o Pai. Porém Tiamat clama por vingança e se prepara para a guerra contra os Deuses: "A mãe Hubur, que tudo criou, lhe deu armas irresistíveis, engendrou serpentes gigantes de dentes ponteados e implacável encheu seu corpo, não com sangue, mas com veneno. Horríveis salamandras derramavam espanto por seus olhos fulgurantes. Quem os olhasse, morria de terror. Seus

sas".

" e então viu-se Marduk, o sabio entre os Deuses , que desafiava Tiamat na luta suprema.

O Senhor estendeu sua rede e a aprisionou; arrojou contra seu rosto o Imhullu, para que seus lábios não pudessem cerrar-se. Com os ventos furiosos, encheu seu corpo; destroçado, seu interior caiu enquanto abria enormemente a boca. Investiu com sua lança e atravessou seu corpo, separou suas entranhas, partindo-lhe o coração e pôs fim à sua vida. Espisoteou seu cadáver e o estraçalhou".

"Então se acercou o Senhor olhando o centro de Tiamat".

"Então Marduk descansou olhando o cadáver. Partiu-o logo e meditou sabiamente; a dividiu como um peixe seco em duas partes. Tomou uma metade e cobriu com ela o céu, fechou com ferrolhos; colocou guardas, ordenou-lhes de não deixar sair as águas. Ultrapassou os céus, vigiou os lugares, representou uma cópia de Apsu." (Jung, 1962:264).

O que podemos investigar desse mito, qual sua simbologia para dizer do adolescente?

Confrontando os personagens:

- Tiamat, a mãe, destruidora, característica herdada de sua mãe Hubur. Essa herança é dada a todas as mães. O poder perverso as tornam terríveis e irresistíveis; suas armas são a sedução e a autoridade. Tiamat e Hubur são: a mãe, e a mãe cósmica de Marduk respectivamente.
- Apsu, marido de Tiamat, pai de Marduk.

- Ansar, pai cósmico de Ea.
- Ea, filho de Apsu e Tiamat, que derrotou Apsu; é o mensageiro da notícia da morte da prole, a Ansar.. Poderíamos dizer de um dinamismo pré-heróico.
- Marduk, o herói.

O momento em que a existência é revelada como algo particular e intransferível, situa-se na adolescência. A descoberta de si mesmo manifesta-se através da solidão. Entre o adolescente e o mundo, emerge a consciência e advém a reflexão. A consciência reflexiva inaugura a passagem do passivo, pura sensação de ser na criança, para o ativo: - "Quem sou eu? Como realizarei o que sou?" "Então Marduk descansou olhando o cadáver... e meditou sabiamente!"

A luta de Marduk constitui a essência do dinamismo do herói, porque acarreta mudanças na estrutura psíquica:

1 - mudanças no tempo:

o processo de desenvolvimento psicológico se norteia em outras direções e com outro movimento:

"criou o terrível vento Imhullu, a tempestade do Sul e o furacão, o quarto vento, o sétimo vento, o redemoinho e o vento funesto. E lançou esses sete ventos. Para vencer Tiamat, juntos atacaram-na. Então para terminar, o Senhor lançou o ciclone, sua grande arma com a qual fundiu o carro das tempestades espantosas".

Há uma mudança de "ares". Novos tempos se aproximam, a atmosfera ontológica se transforma radicalmente: a contradição maior da existência surge paradoxalmente na dialética vida e morte. O adolescente se depara com a sua transitoriedade e finitu-

ra Tiamat perversa".

- transgressão no espaço do outro:

- "Contra esse infernal exército se opõe Marduk, o Deus da Primavera, o sol vitorioso". É através do não que Marduk diz à mãe Tiamat, que os limites psicológicos vão tomando forma.

A ruptura no espaço, dinamismo natural, destrói o estado perfeito cósmico, dá ao adolescente o poder da discriminação com componente racional e afetivo respectivamente. Coloca-o numa nova gravitação: verticalidade - núcleo egóico diferenciado -, esquerda/direita - feminino/masculino, - frente/atrás - projeção para o futuro/retrospectiva no passado, - em cima/embaixo, - submissão/ascensão; "E lançou os 7 ventos". Sete ventos representam, os sete pontos de todo espaço mítico: norte, sul, leste, oeste, centro, em cima e embaixo. A ambiguidade própria da criança se diferencia e caminha para a síntese.

Com a separação do mundo dos pais, o adolescente de marca novas posições e cria um mundo próprio. Descobre seu próprio corpo e sua sexualidade; ao mesmo tempo que o teme, porque lhe é desconhecido, a novidade descoberta o convida para a exploração de novas propriedades. O corpo cresce, novas funções fisiológicas aparecem, a energia sexual o impele para a busca do prazer e encontro; os movimentos tornam-se desajeitados, a corporeidade experienciada passa a ocupar um novo lugar no espaço, incerto é verdade mas apontando para novas metas e possibilidades. O adolescente é capaz de procriar e dar continuidade ao seu ser.

Antes de tudo, é preciso o enfrentamento e luta contra a autoridade dos pais e sedução da mãe Tiamat: "Formidáveis são suas odes (as de Tiamat), irresistíveis". As armas que usa, o

vento Imhullu, doação de seu pai cósmico e por isso componente masculino, e a rede representam as relações parentais que precisam ser revistas e integradas, reconstruindo cada figura em particular e redimensionando a relação, está promovida a configuração de nova personalidade.

E a batalha se inicia:

"O Senhor estendeu sua rede e a aprisionou; arrojou contra seu rosto o Imhullu, para que seus lábios não pudessem cerrar-se. Com os ventos furiosos, encheu seu corpo; destruído, seu interior caiu, enquanto abria enormemente a boca". A força dos ventos, impedem que a mãe se oponha à força do filho. É a identificação e cumplicidade com um dinamismo do pai cósmico que o impellem para a conquista.

E a batalha se finda:

"Investiu com sua lança e atravessou seu corpo, se parou suas entranhas, partindo-lhe o coração e pôs fim à sua vida. Espisoteou seu cadáver e o estraçalhou".

O adolescente polarizado, consegue a vitória, porque sua conquista é psicológica, a morte do aspecto destruidor da mãe é simbólica: agora ele tem um mundo dele que se orientará com valores próprios. A identificação com o pai é a mola propulsora que aciona mecanismos internos proporcionando uma nova energetização. Seu ego adquire nova configuração: "tomou uma metade e cobriu com ela o céu; fechou com ferrolhos; colocou guardas, ordenou-lhes de não deixar sair as águas". O novo espaço conquistado pelo adolescente lhe proporciona sabor de posse e apropriação psicológica. Os limites são velados de forma a impedir invasões e guardar o produto da

conquista. Ai! daquele que invadir os limites de outrem. O ato invasor profana o território conquistado, agora, sagrado: "Ultrapassou os céus, vigiou os lugares, representou uma cópia de Apsu". O adulescente heróico, celebra sua independentização confraternizando-se com o cosmos; nesse enfoque o circuito pai-filho se reproduz à sua descendência: Marduk também será Apsu, num sentido metafórico.

Medo, angústia, culpa, ansiedade, são sentimentos que acompanham o adolescente, num duplo sentido: ora se orientam como defesa, impedindo a imersão no caos, na escuridão da inconsciência; (serpentes gigantes de dentes pontiagudos, horríveis salamandras derramavam espanto por seus olhos fulgurantes ... dragões e demônios, furacões, cachorros raivosos, homens-escorpiões, poderosas tormentas ..."; ora se deparando com as novas funções a serem assumidas. (luta a ser travada pelo mundo). Esses sentimentos ocorrem dada a operação de sacrifício, necessária ao renascimento. Sacrifício porque o filho nasce das entranhas da mãe, ela lhe provê, lhe dá carinho e abrigo e Marduk a sacrifica: "investiu com sua lança e atravessou seu corpo, separou suas entranhas, partindo-lhe o coração e pôs fim à sua vida". A mãe fica com o coração partido na vivência do enfrentamento do filho; (quanta chantagem emocional pode advir daí) a gama de sentimentos que emerge no adolescente quando percebe o sofrimento da mãe o deixam culpado, angustiado, havendo paralelamente nele, um sofrimento interno profundo.

A dialética perda-ganho é vivida intensamente. A perda do afeto da mãe é vivenciada como uma dimensão irrecuperável' obscurecendo muitas vezes o que o adolescente está ganhando: ele próprio; pois só no sacrifício e no sofrimento ele se tem. A força egóica se traduz no quanto o adolescente consegue se dizer: "Estou no centro do mundo"; "Estou perto do pilar do mundo" (De Muller, ci

tado por Eliade, 1959:38).

É momento de profunda solidão.

O adolescente imagina-se como sendo o único no mundo a ter essa vivência.

Solidão se resolve com comunhão; comunhão consigo mesmo e com o outro. Falar em comunhão é ampliar a esfera individual para a social. Introduzir-se na vida social é realizar ritos de passagem. Passar significa socializar-se. Van Gennep concebe o sistema social como sendo compartimentalizado assim como uma casa: "os rituais sempre ajudando e demarcando os quartos e salas, corredores e varandas por onde circulam as pessoas e os grupos na sua trajetória social (Van Gennep, 1978:16)

O adolescente inicia-se na ordem do social, como cita Van Gennep, há uma puberdade social onde a lei social permite que os adolescentes se tornem núbéis; mas é no grupo que eles encontram território para novas identificações dando continuidade ao seu processo psicológico. É local de importância uma vez que os membros do grupo estão no mesmo nível de desenvolvimento emocional, participam de valores, costumes e hábitos comuns que levam à coesão ideológica em direção a modos de vida; constroem regras internas que os mantêm unidos e muitas vezes fechados a outros grupos.

A aderência e permanência nos grupos substituem a insegurança sentida quando sô, proporcionando-lhes aparentemente um domínio de si e do mundo. O outro também é foco de aprendizagem pessoal e espelho de si próprio. A imitação de comportamentos dos jovens da mesma idade os tornam tão semelhantes nas atitudes que

às vezes o massificam, porém a necessidade de pertencer á mais forte e contribui para a polarização contra os pais; se fortalecem mutuamente, se igualam nas vestimentas, nas posturas e trejeitos e tornam-se portadores da moda. É fácil observar e dizer que determinados grupos constituem verdadeiras sub-culturas, que se agregam ou pela escola, pela vizinhança bairrista, ou mesmo por interesses comuns. É difícil falar de uma só cultura de Adolescentes: as divergências do contexto social e psicológico do grupo imprimem no adolescente marcas que também o definem.

A dialética dependência : independência, ambiguidade : coerência; a contradição entre o verbo e o comportamento, um movimento mais ativo em relação aos problemas da vida, a luta pela adaptação sexual e a tendência à síntese, aos poucos vão contribuindo para que o adolescente saia da família e se engaje nele próprio.

Seu mundo de relações amplia-se promovendo o abandono da criança e ajudando-a a superar suas dificuldades. O mundo da coexistência se abre, e o adolescente se depara com a alteridade; "o outro é um duplo de si". (Heidegger: 157). A compreensão de si próprio fundamenta-se no reconhecimento da coexistência, e ao mesmo tempo é meta e ponto de partida para a compreensão do outro.

Um ponto também a destacar é a função da polarização no plano externo que faz do adolescente um agente de transformação social: se a interação indivíduo-sociedade, traz paulatinamente a transformação da cultura começa a se dinamizar intensamente na adolescência que veicula as forças latentes sociais catalizando o processo cultural. Pode-se pontuar essa característica como fator divisor da infância e da adolescência. Enquanto no início da vida a sociedade tende a se repetir e confirmar, da adolescência

em diante, o sentido da reação indivíduo-sociedade é a contestação e a transformação social.

A adolescência se mostra sob dois vetores: um, no sentido de dentro para fora, outro, de fora para dentro. O primeiro exemplificado pelo mito do herói, um modelo de comportamento para o adolescente, o segundo pela significação ritualística da socialização. A essa convergência designamos Identidade.

Falar do adolescente é dizer de espaço - tempo a aquela da TRE de Einstein e do espaço e tempo vividos de Minkovski; pois da conjunção espaço - tempo brota o movimento, o ritmo próprio, o gesto peculiar, a postura idiossincrática; a resposta para "Quem sou eu".

Adolescência é compasso de construção. Construir sua identidade, reconstruir o "espaço primitivo", aquele da morada do Homem constitui a tarefa do adolescente. Dando os limites, ele encontra seu eixo; da consciência se impõe o assumir dos atos; a supunção gera autonomia, perspectiva do ser no mundo.

Construir sua intimidade se equipara ao espaço mítico aquele que se define pelos limites, centro e demarcações, constituindo seu espaço sagrado. Seu corpo e seu quarto configuram sua intimidade, seu território habitado.

V. A PESQUISA: buscando a evidência mítica no cotidiano da experiência.

"A verdadeira fenomenologia científica é essencialmente uma fenomenotécnica. Ela reforça o que transparece sob o que aparece".

(Bachelard, 1968:19)

Das reflexões e acompanhamentos teóricos, até então, o que nos levou à pesquisa foi tentar estabelecer relações en

tre quartos e corpos, quartos e corpos habitados por adolescentes da cidade de São Paulo.

Essa relação tem como objetivo a explicitação de uma linguagem, um guia de leitura de quartos e corpos construídos, uma semiologia espacial, da qual se possa fundamentar uma topoanálise. Por semiologia espacial, afirmamos índices pictóricos, pois a linguagem do espaço é por excelência visual. Esses índices pictóricos nada mais são do que a estrutura mítica da construção do espaço: centro em relação ao quadrante Norte, Sul, Leste, Oeste, que nos dá as nuances: em cima, embaixo (verticalidade), esquerda - direita, frente, atrás ou ainda a dialética centro-limites.

Estar no mundo, estar no espaço, estar no corpo, é ser diante de uma situação que polariza todas as nossas ações. O esquema corporal, assim como o esquema do quarto (casa) constituem a expressão do corpo no mundo e a expressão do quarto no mundo.

Dessa forma:

- o corpo se interpreta a si mesmo;
- o quarto se interpreta a si mesmo.

Interpretar significa decifrar. É a ponte que liga o virtual ao real. Ponte essa que se reporta a uma linguagem, no caso uma linguagem de imagens. A imagem nos leva ao símbolo. A interpretação simbólica pode nos levar a diagnóstico clínico.

Então, há sentido em dizer que se lê um quarto, que se lê um corpo, já que quarto e corpo são diagramas de psicologia que podem nos guiar na análise da intimidade.

Análise da intimidade se traduz na toponálise, a partir da semiologia espacial:

- como o adolescente ORGANIZA seu espaço-quarto, já que a organização do mundo dos objetos orienta os lugares;
- como o adolescente ORGANIZA seu espaço-corpo: a relação orientada para um equilíbrio entre os diferentes polos - cabeça, tronco e membros e a intenção dessa organização;
- e basicamente, a relação entre essas organizações tendo como referencial o esquema corporal, já que na Psicologia atual o corpo é a presença na relação psicólogo-cliente.

Nesse enfoque, o problema estudado está assim articulado:

se, falar de espaço é se reportar a uma cosmogonia;
é se remeter à criação do mundo, é reconstruir a origem;

se, falar de adolescente é afirmar a construção de sua identidade,

Então, pode-se paralelizar:

"Construir sua identidade é:

- colocá-lo como arquiteto de seu mundo íntimo, a partir da reconstrução de sua origem;
- expressar sua intimidade na igualdade:

corpo = casa = cosmos

ou

corpo = quarto = cosmos".

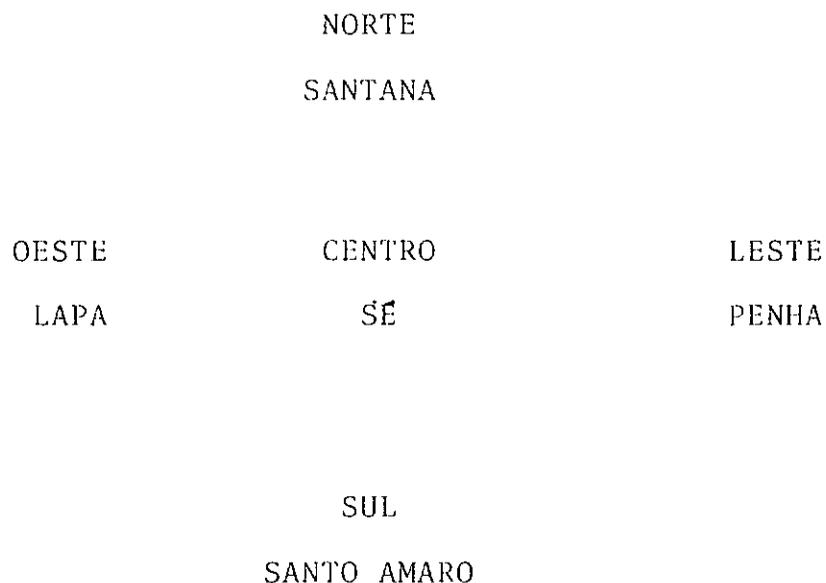
DOS CRITÉRIOS METODOLÓGICOS

O método empregado foi o fenomenológico: apreensão e explicitação do fenômeno enquanto tal.

O critério da seleção da amostra vai assim indicado: Na Formação Histórica de São Paulo, observa-se sua fundação a partir de um ponto inaugural que se denomina, o Bairro da Sé. Do Bairro da Sé, a cidade se estendeu em várias direções através dos núcleos históricos iniciais. São seis esses núcleos: Santana, Fre_uguesia do Ó, Pinheiros, Santo Amaro, Lapa e Penha.

Escolhemos quatro desses núcleos por corresponderem espacialmente no Norte, Sul, Leste, Oeste, obedecendo a estrutura mítica da construção do espaço.

A configuração do critério assim se dá:



Entramos em contato com escolas de adolescentes em cada Bairro Periférico (escola centraliza adolescentes moradores no Bairro - essa era a hipótese) através da Orientadora Educacional, médico, aluno ou mesmo proprietário de escolas. As escolas eram particular e/ou oficial.

A adesão à pesquisa pelos adolescentes - a amostra foi deliberadamente assumida por eles. Não tínhamos qualquer conhecimento prévio desse material humano e a solicitação foi feita individualmente ou em grupo.

A todos ficou claro que:

- 1º - a adesão seria voluntária. Poderiam dar uma resposta depois de consulta aos pais, se necessário.
- 2º - receberiam visita de Psicóloga e Fotógrafa.
- 3º - seus quartos, corpos e fachada da casa e/ou edifício seriam fotografados durante o dia dada a condição de luminosidade que ele oferece.
- 4º - o objetivo era científico; a documentação dos quartos e corpos forneceria dados a uma tese de mestrado.
- 5º - assim que o trabalho tivesse sua conclusão, entraríamos em contato com eles para dizer dos resultados.

A partir desses cinco itens garantiríamos a minimização da invasão do espaço íntimo.

Em relação às escolas aventou-se a possibilidade de se discutir o aluno, caso fosse de interesse e desde que o aluno concordasse, a partir da análise dos dados.

Assim, da escola escolhida de cada um dos Bairros correspondentes, dez adolescentes foram selecionados aleatoriamente: cinco do sexo masculino e cinco do sexo feminino entre quatorze e dezoito anos. Também foi arbitrário o número dez (na medida em que o interesse se foca na análise qualitativa dos dados, o N não importa).

No Bairro da Sé, a intenção foi outra: restringimos a coleta dos dados a partir do marco zero, (hoje configurado pela Praça da Sé, que é o "Umbigo" da cidade) pelas próprias peculiaridades atuais desse Bairro (vide página 132) e pela nossa intenção de firmar um centro fixo na configuração da cidade de São Paulo: "Mais vale a intenção do pesquisador". (Sidman, 1976 :12).

A amostra então se constitui de 40 adolescentes dos Bairros Periféricos e 40 adolescentes na Praça da Sé.

Foram tirados 400 slides (tiragem dupla) dos 40 corpos, 40 quartos e 40 fachadas de casa e/ou edifícios de adolescentes dos referidos Bairros. Em relação à Sé foram tirados 40 slides (tiragem dupla) de adolescentes na própria Praça.

A técnica fotográfica foi confiada à Regina Vater, profissional nas Artes Plásticas, conforme já mencionado.

Os 440 slides documentando os 40 quartos, os 40 corpos e as 40 fachadas das casas e/ou edifícios visitados, estão assim organizados:

- 1 - fachada da casa e/ou edifício (a fachada serviria como ponte entre o Bairro e o quarto).
- 2 - situações dos quartos: (dados para Topoanálise)
 - espaço interno
 - espaço externo visualizado de dentro do quarto. Por exemplo: da janela.
 - armários abertos
 - lugar do quarto que o adolescente mais gosta de ficar, e sua ação correspondente. Por exemplo: sentado na cama lendo, estudando na mesa, deitado no chão não fazendo nada.
- 3 - corpo de frente, de costas e de perfil (para leitura do corpo)

Para visualizar o quarto como um todo, foram construídos lay-outs: miniatura dos objetos e sua localização espacial. Ainda para cada um foram coletados dados verbais que se lê no Anexo 1.

Os 40 slides da Praça da Sé, não tem uma ordem; mostram adolescentes que a utilizam como passagem, descanso, lazer, trabalho, etc.

Apontamos também, outros dados que nos parecem de importância para a amplitude de nossa pesquisa. Uma análise nos permite dizer sobre aspectos relevantes condizentes às observações a partir das visitas aos bairros, às casas e dos registros do anexo

1. Uma tabulação desses dados é encontrada no anexo 2, o qual passaremos a comentar:

Pela quase ausência de jardins, excetuando a zona sul, onde isto não ocorre, a área verde é pouco valorizada, sendo substituída na maioria das vezes por garagens ou por pátios ceramizados.

Encontramos, somente 3 apartamentos como forma de moradia em relação às 37 casas, provavelmente pelo fato dos bairros pesquisados serem núcleos históricos periféricos iniciais.

O bairro de Santo Amaro se colocou o mais privilegiado: situado na zona sul da cidade, o poder aquisitivo de seus moradores permite a aquisição de amplas áreas para construção de suas moradias. Nesse sentido, a dimensão geográfica dos espaços habitados pelos adolescentes desse bairro, não só estão em relação ao espaço vivido, psicologicamente falando, mas também dependem do poder econômico de suas respectivas famílias.

Por outro lado, a Penha destacou-se como o bairro menos privilegiado em todos os sentidos. Lá, não é proporcional a distribuição das pessoas e dos cômodos da casa; o espaço íntimo precisa ser dividido com os familiares, e todo espaço é assim, ocupado devido às exigências econômicas, sociais e psicológicas. Observa-se simbioses, transgressões mútuas de espaços, e mesmo partilhas espaciais onde a interação é ou precisa ser colocada como questão de sobrevivência. Dado os recursos econômicos serem menores, os adolescentes da Penha por nós pesquisados, apresentam características peculiares não observadas nos outros bairros. Aí, todos traba-

lham; os meninos ocupando cargos de office-boys, e as meninas, ora comerciárias ou mesmo funcionárias de escritórios de indústrias. Já cedo, esses adolescentes precisam procurar trabalho para auxiliar a manutenção da casa, ou mesmo para independentizar-se economicamente. Não deixam porém de estudar. Encontramos aí também uma adolescente que não tem quarto, dorme na sala numa bicama com seu irmão de 6 anos. Seu possível quarto foi cedido aos avós maternos, onde a herança e a tradição dos valores podem indicar a supremacia dos mais velhos em relação aos mais novos. Nesse sentido, seu espaço íntimo, não é respeitado, restando para si, seu corpo como último reduto, e lugar para habitar.

Já nos outros três bairros, Santo Amaro, Santana e Lapa, cuja população se insere do ponto de vista econômico-social, na classe média-média e média-alta, como é o caso de Santo Amaro, o lugar do adolescente na família, pelo menos naqueles visitados, é garantido. Quase todos tem quarto único e a área geográfica do espaço vivido através do quarto varia em torno de 8 a 16m², que na nossa avaliação equivale a uma dimensão média dos quartos estudados.

Nesses bairros, os quartos partilhados tem uma perspectiva diferente: no máximo, o adolescente o divide com outro irmão/irmã. É possível o adolescente, mesmo dividindo o espaço-quarto, ter, mais do que sua cama, lugares onde se projetar.

Observamos também interferência das mães na organização dos quartos e um dar ordem ao mesmo, dada a nossa visita. O lugar é dado ao adolescente mas a organização do mesmo ainda está nas "mãos" da mãe, o que pode demonstrar um vínculo infantil.

Pela análise da organização dos armários abertos, pudemos perceber além da própria organização interna, possíveis "bagunças" não aparentes na organização externa.

Somente um adolescente, por isso mesmo foi escolhido para nossa leitura, utiliza o centro do quarto como lugar vivido. Nos 39 restantes, a organização é periférica e o centro é utilizado como passagem e não como ponto fixo de experiências. Levantamos hipóteses que nos parecem coerentes com o próprio processo psico-socio-espácio-temporal que o adolescente atravessa: ele como projeto de ser, caminha para a construção de sua identidade, e a dialética centro/limites opera dinamicamente. Por outro lado, a zona periférica do quarto, o "encostar-se" nas paredes pode indicar insegurança, trampolim para um salto qualitativo posterior maior: assumpção de seu eixo psicológico.

Outro dado importante é aquele que diz respeito às diferenças sexuais na distribuição dos quartos numa casa. Um valor cultural se destaca onde o espaço do homem é mais valorizado' que o da mulher. Observamos, assim, uma distribuição desigual: Por exemplo: Em família de dois meninos e uma menina, dado o nascimento de outro filho, o espaço/quarto da menina é dividido em este último, apesar de serem de sexos diferentes; os outros dois mais velhos continuam tendo seus quartos únicos. Ou então, em famílias com dois filhos, um de cada sexo o quarto maior é dado ao filho; e ainda, os quartos partilhados se destinam às meninas em sua grande maioria.

Essas nuances, evidenciam realidades que não podem ser desconsideradas, e a óptica do psicólogo precisa ser inte

racional e social para evitar distorções e desfocalizações do real

Na leitura da intimidade, vamos observar esses matices em menor ou maior escala, o que será apontado no decorrer da análise.

VI. UMA LEITURA DA INTIMIDADE DO ADOLESCENTE.

"A posição ereta é fator que nos obriga a realizar continuamente a síntese dos contrários".

(Gaiarsa, 1961:291)

A leitura psicológica nos remete ao "olhar clínico", o olhar que procura esclarecer a estrutura e a dinâmica dos fenômenos humanos na rede das relações consigo próprio e com o mundo.

Ler, em psicologia, significa interpretar. É decifrar

o visto, colocando-o num campo fenomênico estruturado, moldado de acordo com a estrutura das formas simbólicas: aquelas do mito.

Nessa dimensão, interpretar é explicitar o símbolo, estabelecendo relações de significados. Explicitar a estrutura mítica do espaço do adolescente, é nosso objetivo nesse capítulo. Para tal, procederemos da seguinte maneira:

1. Escolhemos da nossa amostra, ou seja, dos 40 quartos documentados, 5 quartos onde evidenciam os contrastes, referentes à diferença sexual, à classe social, à partilha ou não dos quartos, e às diferentes localizações nos bairros selecionados.

2. Para os dados iniciais do adolescente, o anexo 1, agora preenchido, nos fornece a identificação do adolescente enquanto pessoa, enquanto membro de família, de escola, do bairro, e também uma visão global do quarto no lay-out. A seguir, vem a história do bairro.

3. A primeira foto apresentada, é a da fachada da casa e/ou edifício. Essa foto serve de ponte entre o bairro e o quarto, e através dela, podemos levantar hipóteses da classe social, de sua vinculação ao bairro, da penetrabilidade ou inviolabilidade, ou seja, analisar a "passagem" em termos de abertura ou fechamento.

4. Logo em seguida, fotos do espaço interno do quarto, que pela disposição apresentada, obedece a seguinte organização:

4.1. - visão primeira do quarto a partir da porta de entrada (direção: frente-centro) proporcionando geralmente a visualização do espaço externo visto de dentro.

4.2. - visão à direita, enfocando a distribuição dos elementos aí presentes.

4.3. - visão à esquerda, enfocando também a distribuição dos elementos aí presentes

4.4. - visão do armário, com análise em separado, e sua equivalência com o esquema corporal, e também dados sobre a organização interna.

4.5. - visão do centro, em cima e em baixo, e sua dinâmica em relação aos limites.

A tentativa será de analisar o "redondo" do quarto habitado em suas qualidades diferenciais específicas.

5. O lugar do quarto que mais gosta de ficar e sua ação correspondente, é visto em folha à parte.

6. A análise vem em seguida.

7. As fotos dos corpos, de frente, de costas e de perfil, devem ser lidas sobre o papel vegetal diagramado. O diagrama esclarece as sutilezas da composição corpórea.

8. A leitura do corpo, fecha o circuito da análise

de cada adolescente.

9. Equivalências corpo=quarto e possíveis hipóteses diagnósticas são apontadas, na tentativa de esclarecer a vivência da intimidade de cada um.

Os 5 quartos escolhidos, ficam assim configurados:

	Norte	
	Santana	
	sexo feminino	
Oeste		Leste
Lapa		Penha
sexo masculino		sexo masculino e feminino
	Sul	
	Santo Amaro	
	sexo masculino	

A escolha desses quartos, teve como objetivo expor diferentes "modus vivendi", os mais significativos segundo nosso critério. Para esclarecer a vivência da partilha dos quartos e suas implicações, escolhemos 2 da Penha, bairro que através dos dados coletados se pronunciou como o mais dotado dessa característica.

10. A Sé, documentada nos 40 slides iniciais, transformamos 12 deles em fotos, escolhendo aqueles que mais evidenciavam a vivência dessa praça em termos de lazer, passagem, trabalho, descanso, solidão e possíveis relações inter-pessoais, em ambos os sexos.

11. O modelo de explicitação, obedece a semiologia es pacial e a topoanálise, cujo fundamento é traduzido nos sete pontos do espaço mítico: centro, direita/esquerda/, em cima/ em baixo, em frente e atrás.

Nossa leitura dos quartos será baseada na estrutura - ção mítica do espaço, dinamizada pelo símbolo.

A dos corpos, terá como fundamento a bio-mecânica e sua influência psicológica, traduzida nas posturas, atitudes, in tencionalidade das posições e gravidade do corpo, cuja inspi- ração se foca nas obras de Gaiarsa, acrescida da noção mítica, a- quella que postula o corpo simbólico; para isso, sugerimos ao leitor, imitar a postura das fotos para sentir e identificar no próprio corpo, a leitura feita.

Nome: L.A.F.

Endereço: Rua Armando Pinto, 39

Bairro: Lapa

Zona: Oeste

Escola: Escola Estadual do 2º Grau Prof. Ciridião Buarque

idade: 17 anos

altura: 1.74 m

casa: X

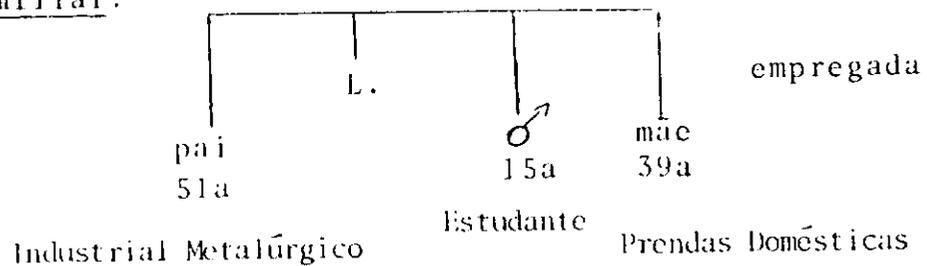
cômodos: 3 quartos, 3 salas, 4 banheiros, 1 cozinha, 1 garagem

fora: quarto e banheiro de empregada e lavanderia

jardins: em frente à casa

quantas pessoas moram? 5

constelação familiar:



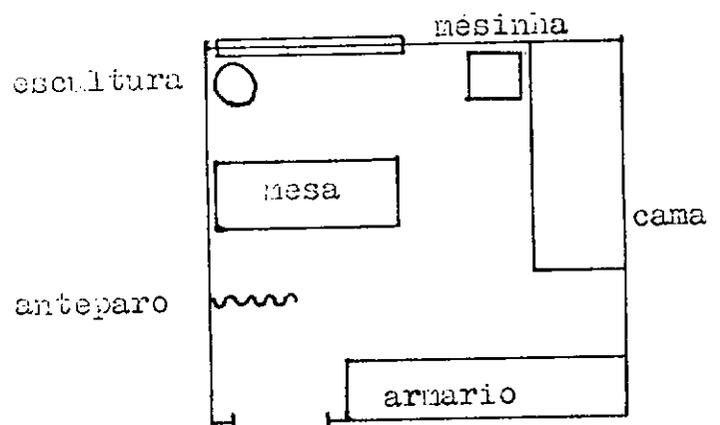
quarto único? tem

dimensões do quarto: 4 m x 3.5 m

lugar do quarto que mais gosta de ficar e ação correspondente:

sentado à mesa estudando.

lay-out do quarto:



LAPA

O Bairro da Lapa teve sua origem num povoado disperso, formado de sítios e fazendas cujo ponto de referência foi uma fortaleza em defesa da vila de São Paulo. Isso aconteceu em fins do século XVI.

Por essa época, a denominação genérica era Emboaçava, e se localizava na confluência do Rio Tietê com o Rio Pinheiros. Aí, construíram uma passagem subterrânea, e Emboaçava, de origem indígena: "lugar onde se passa", ficou conhecida.

O povoamento de Itu, Santana do Parnaíba e Jundiaí obrigaram a transformação da Lapa em caminho obrigatório, acentuando-se da segunda metade do século XVIII para cá.

Iniciou-se a cultura da cana-de-açúcar e o transporte dela, do interior para Cubatão era necessariamente feito pela Lapa. O "pouso", para os viajantes surgiu no início do século XIX.

Nesse interim, o caminho para Itu e vizinhanças, era feito por Pinheiros, porém, a ponte do rio que servia de passagem quebrou; a prefeitura não consertou, e o acesso à Itu, por essa época mais importante de São Paulo, transferiu-se para a Lapa.

Com esse movimento surgiram dois lugares de destaque: a Fazenda do Coronel Anastácio de Freitas Francoso, que era do outro lado do rio, mas com o desvio do Tietê, ficou pertencen-

do à Lapa. A cultura do chá e vinho predominavam. E, um sítio se denominava Lapa, dada a situação estratégica: ao lado de um rio e passagem para o interior, foi transformado em Pouso Alegre; mais tarde foi transformado no núcleo urbano da Lapa.

Anexo ao pouso, surgiu um pequeno povoado, hoje, Lapa de Baixo, constituídos de oleiros. Era um núcleo razoável, porém relegado ao segundo plano, porque com a construção da ferrovia, a estrada perdeu seu valor e ainda mais porque uma estação foi instalada na Água Branca.

Em 1867, marca-se o início da urbanização. Água Branca se tornou um núcleo de certa importância, porque havia um caminho natural que a ligava à Freguesia do Ó, hoje, mais ou menos a Avenida Santa Marina.

Naquela ocasião o governo de São Paulo se preocupava muito com a imigração italiana, que já se instalara em alguns núcleos da vizinhança da capital. Havia um capitalista italiano, Dr. Luiz Bianch Beltholdi que, percebendo o valor lucrativo de loteamentos, comprou uma vasta área entre a estação da Água Branca e o Sítio de Pouso Alegre. Foi chamada de Campo das Pedreiras e transformada em arruamento rural. Esse arruamento deu origem a vias de nomes italianos; não eram ruas, eram vias. Hoje é Vila Romana. Dela surgiram quadras da Vila Ipojuca e Vila Sofia.

O loteamento tinha características rurais, e a imigração italiana constitui a tradição da Lapa, moradores da Vila Romana.

Em 1891, Dr. Bráulio Uriosti e os irmãos Falchi promoveram em loteamentos já nos moldes de hoje, com características urbanas e objetivo econômico. Denominaram-no de Grã Burgo da Lapa. Era constituído de dois loteamentos distintos: abaixo da estrada de ferro - limite definido - e acima.

Por essa ocasião, a Lapa tinha vestígios dos antigos oleiros, banda de músicas; e na parte alta havia uma pequena capela; doação que fizeram aos jesuítas no século XVIII, com a condição de se cultuar à Nossa Senhora da Lapa. Ficou esquecida até 1884 quando reaparece na história, simplesmente porque não havia nenhuma capela ali.

O acontecimento marcante foi em 1897: com a evolução da cidade, já não havia lugar para as oficinas da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí. O lugar escolhido foi a Lapa, onde os Ingleses fizeram sua moradia; e com isso a Lapa ganha uma estação (1900) e toda influência anglo-saxônica: não tem influência católica diretamente, observando-se nos dias de hoje a variedade religiosa: católica, protestante e loja maçônica.

Começou a progredir, junto com o Brás, bairro mais próspero, recebendo todos os melhoramentos: posto policial, iluminação, bondes, imprensa e daí por diante, o caminho do progresso.

Em 1910, o distrito passa a ter Cartório de Registro Civil, convergindo pessoas para lá.

Em 1911, tem vigário independente.

Em 1919, inicia-se a evolução urbana. Por essa data, a Ilha de Anastácio foi loteada, passando à Vila Anastácio que se confronta com a Lapa. Em 1921, surgiram a Vila Ipojuca e o Alto da Lapa - City Lapa com características do Jardim América. A Vila Leopoldina começou a ser povoada, depois da retificação dos rios, antes lote só no papel, devido as enchentes. Também na década de vinte, lotearam a Vila Bela Aliança.

Depois que o bonde chegou à Lapa, é que foi transferido, paulatinamente o núcleo, para o lado de cima. Por essa época, as Chácaras da Vila Sofia, remanescentes de parte da Vila Romana foram loteadas e anexadas.

Como centro comercial, tinha uma enorme área, hoje perde um pouco para Osasco. Antes, abrangia inclusive, a região de Pinheiros, região confrontante com Jundiaí - pela estrada de ferro, Itapevi e Cotia.

É centro industrial, desde o fim do século passado, influência das oficinas da estrada de ferro.

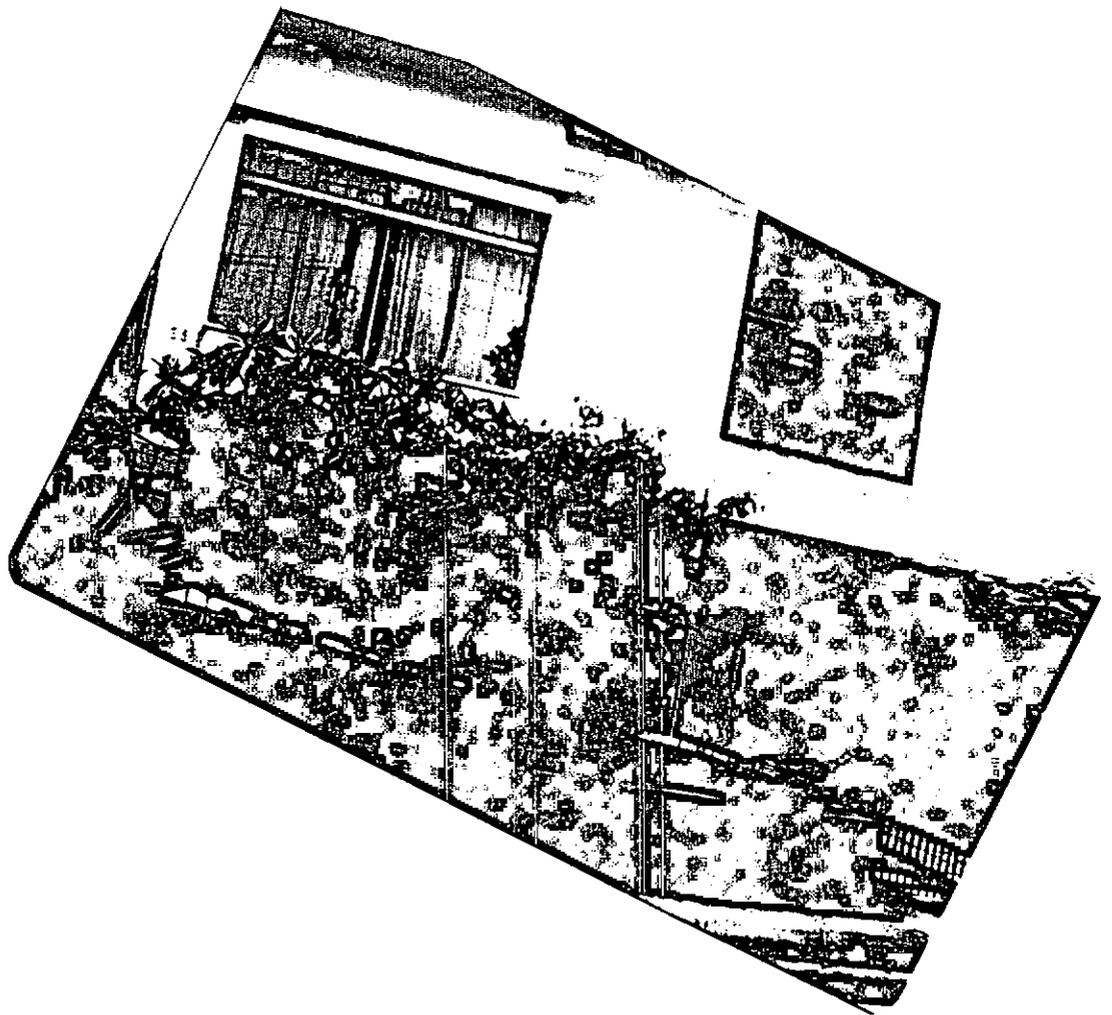
Quanto aos melhoramentos, toda divisão que a Prefeitura fazia e faz para melhorar a administração de serviços de obras a Lapa sempre é inserida.

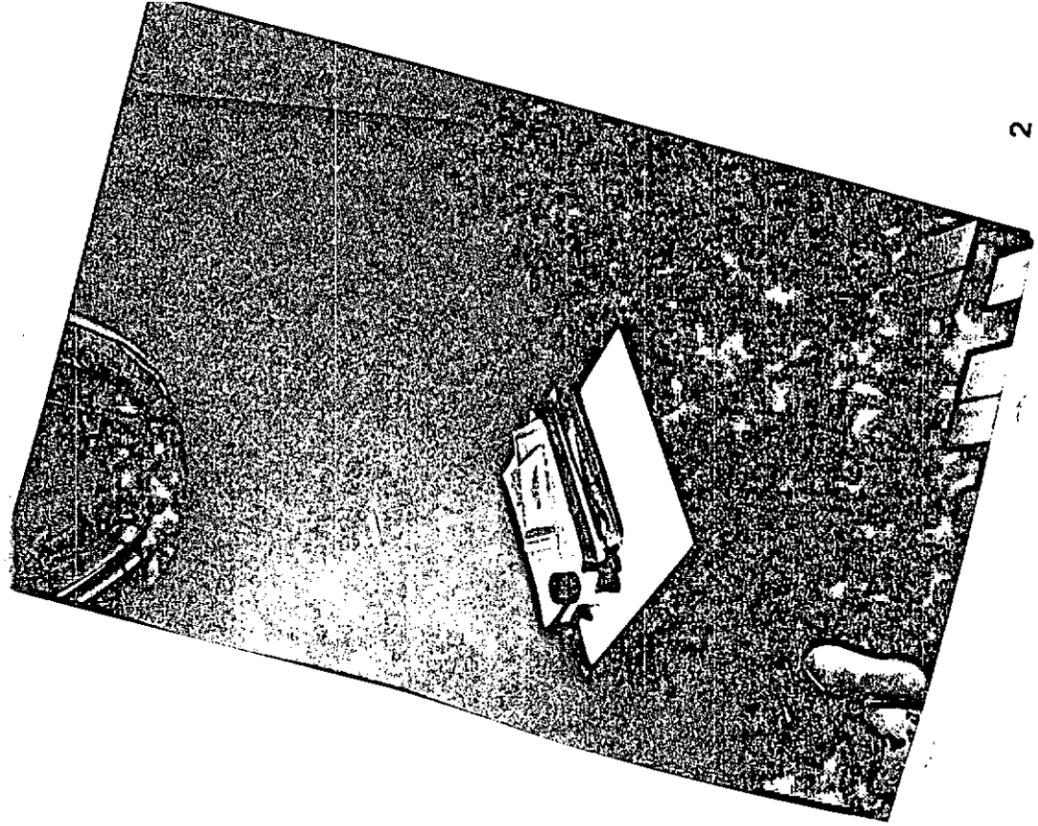
Há de se notar que a Lapa nunca sofreu quedas no desenvolvimento, deixando muitos bairros tradicionais para trás, tornando-se um grande centro polarizador.

LIMITES:

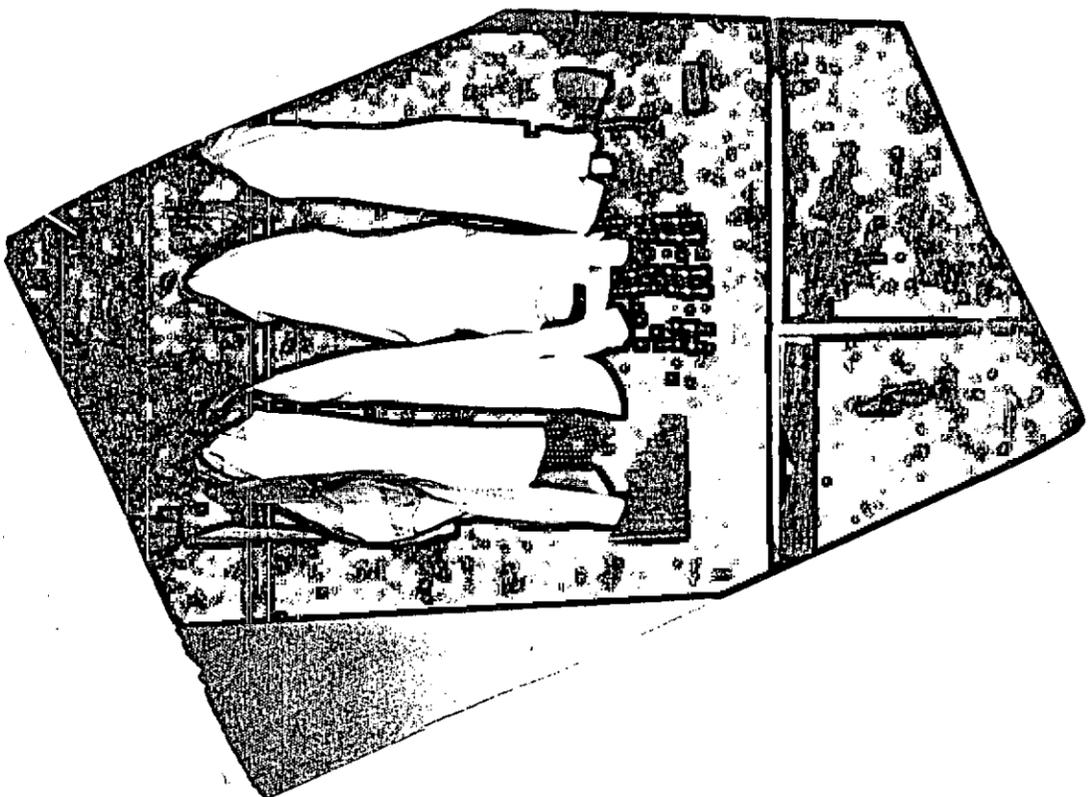
Há quatro divisões:

- 1- Do Estado: Rio Tietê, e através dele confronta com o Bairro da Freguesia do Ó e Bairro do Limão.
Com o Rio Pinheiros, Lapa faz limites com Pirituba e Butantã.
Pela Rua Cerro Corá, limita-se com a Vila Madalena e Pinheiros.
Com a Vila Pompéia, cuja parte civil não per - tence à Lapa.
Água Branca se divide ao meio, pelos limites da Lapa e nas cercanias do Estádio do Palmei - ras, excluindo-o recupera o Rio Tietê.
- 2- Da Prefeitura: não difere muito, pelo menos no momento por que foram desmembradas as regionais. Antes, abrangia Pirituba, Perus, Jaraguá, Freguesia do Ó e Butantã - hoje Jaguaré.
- 3- Eclesiástica: já foi maior; incluía Osasco também. Abrange a área do distrito da Lapa (a do Estado) Piri - tuba, Freguesia do Ó, parte do Butantã, Jara - guá e Perus.
- 4- Do Forum: mais ou menos abrangida pela Igreja eclesiástica.

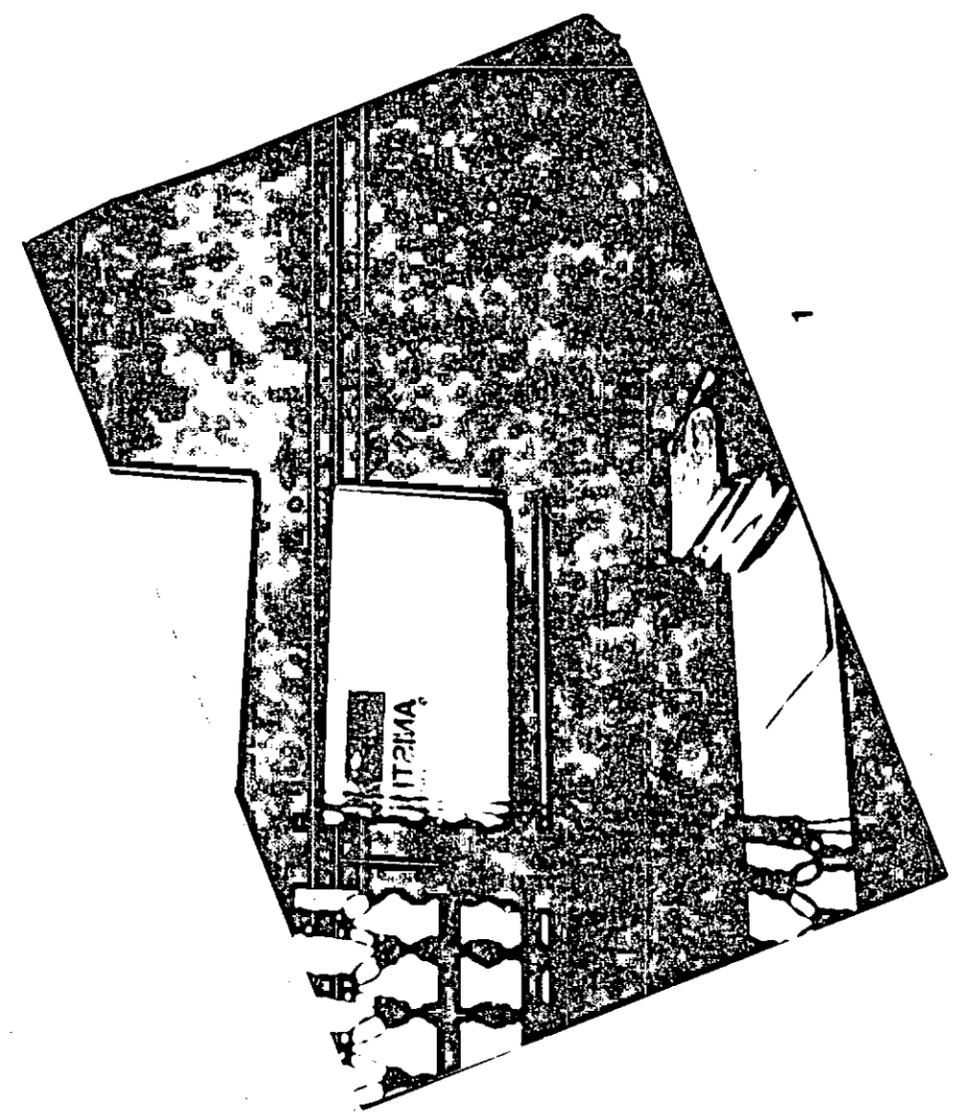




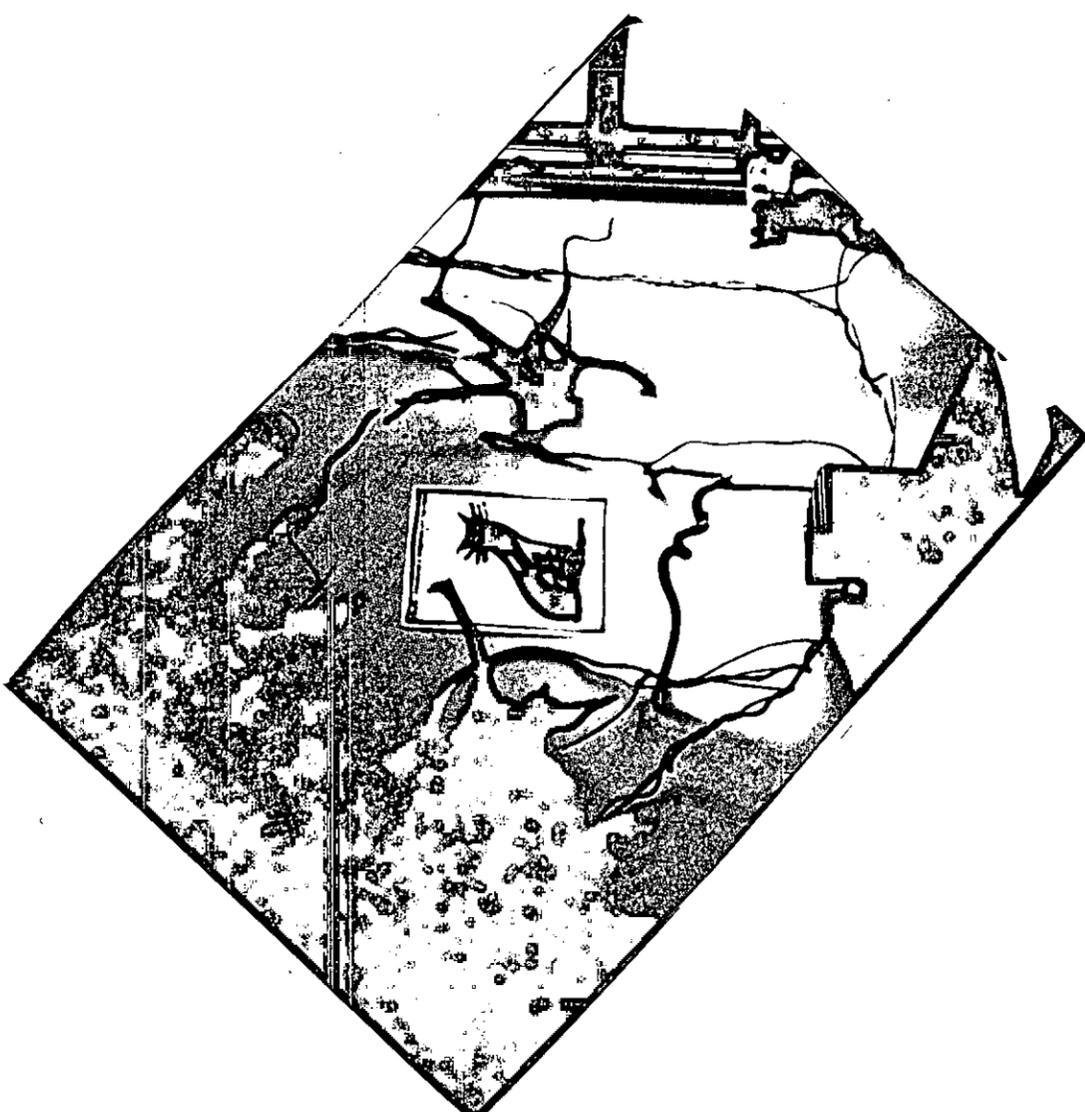
2



4



1



3



Leitura do quarto

- casa: classe média, cuidada, com dois pavimentos, em cima e em baixo, apontam a verticalidade. Há duas entradas permitindo a penetrabilidade mediante a permissão dos moradores. Observa-se os limiares resguardados.
- foto 1: visão do quarto a partir da porta de entrada. Direção: frente-centro.

A organização do espaço de l., apresenta três planos na perspectiva horizontal:

1º plano: anteparo, semi-privacidade, dotado de sensibilidade, estética, que o revela e o oculta ao mesmo tempo.

plano central: mesa de estudo - dimensão intelectual com duas perspectivas: há possibilidade de sair, de permanecer, de se isolar. Eixo frente/atrás: em cima/embaixo, caracterizado pelo aspecto intelectual.

3º plano: saída para fora: janela. Para se dirigir a expansão, ao futuro precisa de anistia (dupla): necessita ser redimido para fazer uso da liberdade. Ao mesmo tempo evidencia transformação social, característica da polarização externa. O branco do fundo, simboliza o "devir", onde a dialética do futuro: todas as possibilidades e o nada é colocada.

plano de fundo: à direita, em cima: rede na parede: fantasia, devaneio, repouso, contemplação, embalo, tranquilidade, aparece placada, pode ser usada mas está como decoração.

- foto 2: à direita: canto despojado, discreto, tudo é reduzido des de os objetos até suas cores.
 - rede na parede e cama sóbria; está na terra, aquela no ar, apertada. Hipótese: o sensual, o acolhedor para o corpo está fechado. Sua dimensão masculina, aparece pouco sensual, ainda semi-fechada.
 - maleta de atleta: o esporte surge como uma área de interesse.

- foto 3: à esquerda: canto das raízes e escultura: terra, sensibilidade, feminino. O centro, preenchido pelo gato, e a es cultura, simboliza a imagem do feminino em suas diferen- tes manifestações. As raízes, indicam a origem, o primitivo.

Hipótese: a riqueza, a abundância, a criatividade. seu lado mais sensitivo, mais estético, é semi-oculto pelo anteparo revelador: provavelmente tem receio de se emaranhar na dimensão feminina, daí tentar a síntese através do intelectual. O feminino, delimitado, configurado, é trans- cendido numa produção artístico-decorativa.

- foto 4: armário, análise especular:
 - em cima: livros, apostilas, equivalem a sua cabeça.
 - no centro: tronco da cintura para cima: camisas, correspondência com o esquema do tronco.
 - no centro, tronco da cintura para baixo e pernas:
 - à direita: calças; à esquerda gavetas: hipótese: feminino presente, organizado, interiorizado; masculino ex- presso aparentemente despojado.

- foto 5: centro - lugar que mais gosta de ficar e ação correspondente: sentado na mesa estudando.

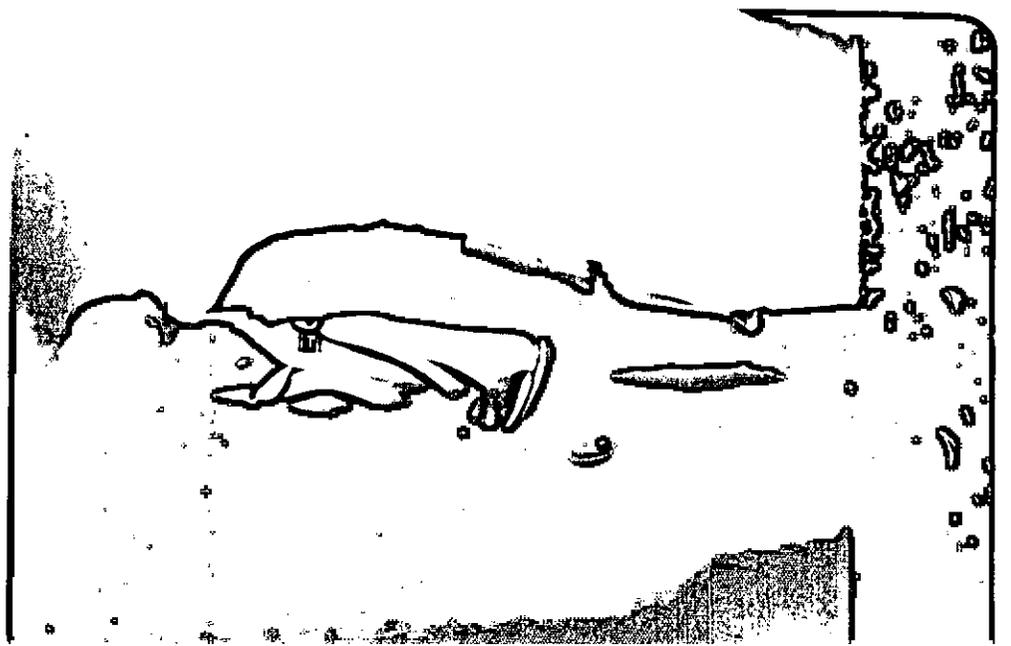
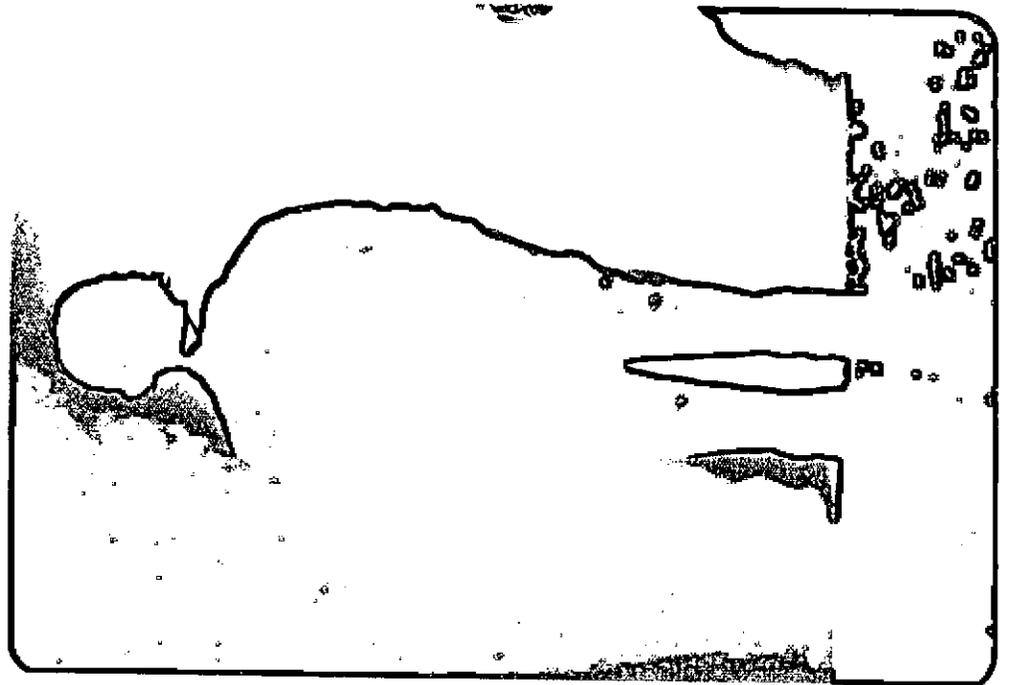
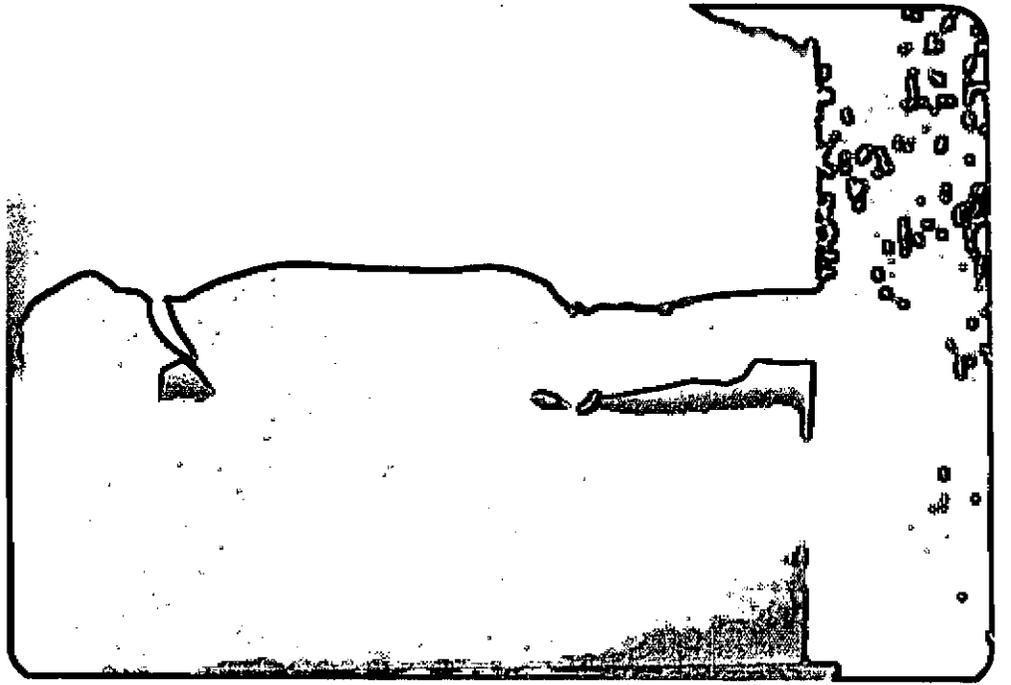
O centro da personalidade é a cabeça; o racional, o estudo, perspectiva de futuro, profissão por exemplo.

Dimensão do espaço externo, dirigida para a luz,

à esquerda, feminino, sensitivo, criativo

à direita, masculino, produtor.

Sua performance, se dirige para uma síntese intelectual.



Leitura do corpo

- de frente: eixo-esquerda/direita

equilíbrio do corpo voltado para o lado direito, mais "baixo" porque é por ele que L. "carrega" seu peso. Para a esquerda, observa-se compensação muscular, num ato afetivo preso: mão esquerda fechada. O peso do corpo, sendo carregado pelo lado direito (apoio na perna), a compensação se dá na correspondência transversal - no ombro e braço esquerdo. Isso provoca uma tensão na parte superior do tronco e redonda no "segurar-se compensatoriamente", para não cair. L. segura-se pela mão esquerda. Provavelmente o gesto inibido, será traduzido num "murro" reivindicador. A direção desse "murro afetivo", ato de luta para a esquerda, equilibrará harmoniosamente o corpo promovendo o estiramento da coluna, a conquista do eixo-interno e a estabilidade do redondo corpóreo. Por ele, a cabeça se moverá para a direita, e com ela a compensação ficará ausente.

Os eixos, cabeça/pés na vertical, e esquerda/direita na horizontal, estarão equilibrados, promovendo a integração dos dinamismos afetivos opostos.

- de costas: eixo esquerda/direita

Tendo visto a distribuição do peso na análise anterior, o que se lê aqui que se acrescenta ao já lido, é uma torção dos ombros para o lado esquerdo. Essa torção, libera a tensão da mão esquerda, e o "segurar-se"

é transferido, compensatoriamente para o ombro esquerdo. Assim, podemos dizer que L. se posiciona no mundo através de uma postura de "enfrentamento" pela esquerda. As propostas anteriores aqui também se repetem.

- de perfil: eixo - para frente/para trás, em cima/embaixo. pés ligeiramente para frente, levam a projeção do corpo também para essa direção. Segue postura de "enfrentamento", observada nas outras posições.

Síntese

L, sintetiza sua experiência de modo intelectual . Entre as dimensões esquerda e direita destacamos uma contradição ' que aponta incoerência entre seus aspectos mais ricos e criativos ' em relação ao seu despojamento masculino.

Acentuamos nesse enfoque, uma descontinuidade espacial: apesar de L. expor sua capacidade discriminativa em relação ' a organização própria do espaço, sua toponálise indica discriminação estanque sem ainda localizar a semiologia espacial como inter-conectada num todo orgânico.

Muito provável, sua síntese intelectual, nesse momento de sua existência, funciona como tentativa de integração, com receio de se emaranhar nos dinamismos sensitivos e femininos, em contraste com seus aspectos intelectuais. A mesma óptica, é vista na leitura de seu corpo.

Por outro lado, experienciando o centro do quarto , também projeta a experiência interna central, o eixo propicia uma dimensão tri-dimensional do mundo e de si próprio. Seu futuro se abre em perspectivas, desde que L. seja anistiado. Nesse sentido , provavelmente L precisa , em retrospectiva de sua história, elaborar no presente, vivências passadas que pelas marcas deixadas, sugerem possíveis transgressões no mundo dos adultos. Por outro lado, pede justiça evidenciando sua polarização externa. Seus limites , não são rígidos. Há flexibilidade no plano do futuro e do passado, onde o oculto se revela sem no entanto haver porosidade.

O "redondo" de sua intimidade se mostra relacionado de acordo com as qualidades semiológicas espaciais específicas.

Seus interesses, esportivos (possivelmente desenvolvidos unilateralmente), e artísticos são adendos em sua experiência direcionada para o plano intelectual. Assim, nos parece que L tem sua sensualidade e sensibilidade colocada aquém de seu projeto atual de vida.

Orientação

Sugerimos um trabalho de orientação naquilo que condiz a integração da contradição apontada: nesse sentido uma profissão escolhida onde L possa canalizar adequadamente sua sensibilidade e criação ' poderá ser a forma através da qual L consiga conectar-se como um todo organizado. Propomos também pesquisar seu mundo de relações , suas relações sociais e afetivas.

Nome: A. G.

Endereço: Rua Evans, 429

Bairro: Penha

Zona: Leste

Escola: Colégio Olivetano (particular)

idade: 17 anos altura: 1.66 m

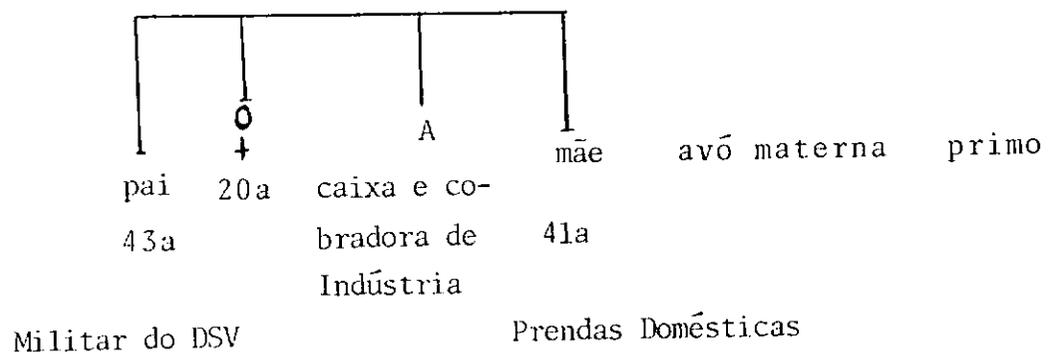
casa: X conjugada com casa da avó materna

comôdos: 2 quartos, 1 sala, 1 cozinha, 1 banheiro e terraço

jardim: pequeno em frente à casa

quantas pessoas moram: 6

constelação familiar:

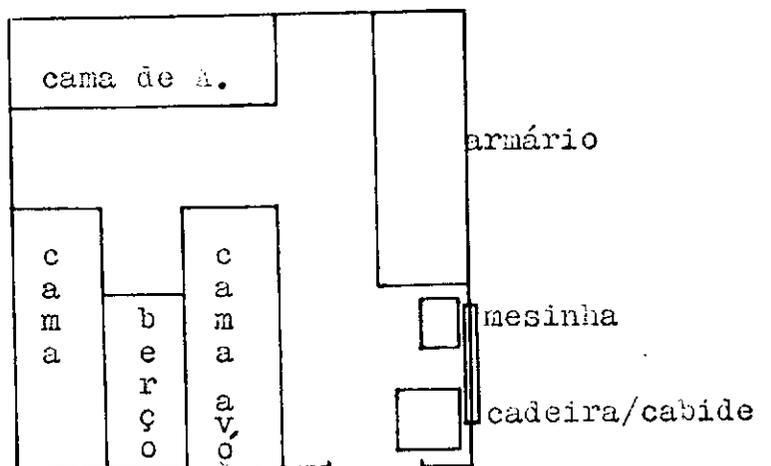


quarto único: não tem; divide com irmã, avó materna e primo de 6 anos.

dimensões do quarto: 4 m x 4 m

lugar do quarto que mais gosta de ficar e ação correspondente:
sentado na cama lendo.

lay-out do quarto:



PENHA

Para reprimir as investidas dos nativos não catequizados e ter o domínio das redondezas a partir do Pátio do Colégio e cercanias, onde São Paulo fora fundada, expedições desbravavam a mata, catequizavam índios ou mesmo na tentativa de expansão territorial, subiam o rio Anhembí e se deparavam com a Colina, conhecida, mas ainda sem nome. Pelo mesmo motivo de defesa territorial, do Colégio, a Colina ganha vizinhos - N. S. da Conceição, São Miguel de Ururá que logo caracterizou-se como aldeia importante, deixando a Colina relegada ao segundo plano pelo terreno acidentado e pela escassez de população.

Seu povoamento teve início no século XVII, quando começou a ocupação de sesmarias no vale do ribeirão Aricanduva. O bairro, como núcleo surgiu da capela construída na Colina, em meados de 1667, pelo Pe. Jacinto Nunes de Siqueira. A capela ficava isolada, mas ela concretizava o povoamento da região. Na época, Pe. Matheus Nunes de Siqueira, irmão do Pe. Jacinto, era uma autoridade eclesiástica, segundo Wanderley dos Santos, "provavelmente levou para a Colina sua autoridade e influência", e através da propagação da fé católica, convergiu para a região o povoamento, o povoamento.

O nome do bairro surge em 1682, provavelmente introduzido por Frei Pedro Palácios, franciscano no Espírito Santo onde realizou a 1.^a festa de N. S. da Penha de França. Sabe-se, por outro lado que o nome da Santa, resultou da paulatina alteração de "Notre Dame de France", templo construído no Maciço Central da França, se prolongando até as montanhas Cèvennes. Encontra-se aí,

vulcões extintos, os chamados Puys. No alto de um desses Puys, er-
gue-se um templo e dada a sua localização foi chamado de Notre
Dam e de Puy, e aqui no Brasil, por sinonimia N. S. da Penha.

Certo é que a história da Penha ficou vinculada somen-
te a capela: Pe. Jacinto morava lá, a capela era dele; as pes-
soas eram atraídas pelas missas domingueiras e pelas festas reli-
giosas. Enquanto ele foi vivo, sua presença foi marco importante
para o desenvolvimento do bairro. Depois de sua morte, percebe-
se uma queda na sua expansão.

Em 1796, a Penha foi elevada à categoria de Paróquia,
e logo depois foi nomeado o primeiro pároco. Aí, começou a se in-
tensificar como núcleo povoado. A igreja começa também a ter re-
gistros independentes da Sé, e o pároco, enquanto residente no
bairro, tinha maior facilidade de estudar o patrimônio, de perce-
ber suas vantagens e riquezas; por outro lado, situando-se a
quase 10kms do centro de São Paulo, a cidade era muito inacessí-
vel para atingir um povoado assim.

No século passado, a devoção à Santa, transformou o
bairro, em polo atrativo; e às suas três ruas iniciais, foram a-
crescidas de outras com a estrada de ferro São Paulo-Rio (hoje :
(Central do Brasil). A ferrovia foi elo de ligação entre a Re-
gião do Parque D. Pedro e a Penha, e o próprio Brás nasceu da
sua influência.

Melhoramentos:

Em 1875, foi inaugurado o ramal da Penha, segmento da

ferrovia São Paulo-Rio de Janeiro. Esse ramal é típico, dado o número atribuído às suas paradas. Da primeira à sexta parada, a ferrovia levava melhoramentos e comunicação. A caracterização da população do Bairro, só teve sua pregnância a partir da ferrovia. Porém, no início do século, por volta de 1901, os Bondes são instalados na Penha, e depois de 5 anos, extinguem a ferrovia. Por essa influência, é que surgiu na Mooca o 1º Jockey Club - O prado da Mooca - segunda parada - hoje situado na Cidade Jardim.

Nos 105 anos compreendidos por 1796 (elevação à freguesia) e 1901 (inauguração dos Bondes) o bairro fica voltado para si mesmo: no casario circundante da Igreja vivem os penhenses quase apartados da Sé. Sua formação civil é local. Caracteriza-se pelo burgo interiorano, em torno da Igreja, vigário, do Juiz de Paz, do tabelião, do fiscal. Lavra-se a terra, mantém-se a pequena lavoura de chácaras. Nos campos, pelos lados de Cangaíba, principalmente há pastos de gado leiteiro.

Decadência:

Grandes fazendeiros italianos, residiam nos Campos Elísios e na zona sul. A Avenida Paulista foi construída. Esses dois acontecimentos, mudaram a configuração da zona leste: os moradores ricos do leste mudaram-se para o oeste e sul, levando com eles todo o progresso. O leste ficou empobrecido em todos

os sentidos: população rica diminui, dando lugar para os imigrantes do nordeste, hoje, caracterizada pela classe proletária; os melhoramentos permaneceram naqueles primeiros, acrescidos porém de uma nova paisagem. As primeiras fábricas começam a aparecer no Brás, e em Guarulhos; a Penha fica relegada.

Atualmente:

No governo Preste Maia, dada a retificação do rio Tiete, a zona leste adquire nova configuração. A Avenida Celso Garcia está saturada, e só no governo de Faria Lima é que a Radial Leste é executada, a partir de 1965. Em seu governo, Faria Lima cria administrações regionais, e a Penha foi contemplada com uma sede. A partir daí o plano de obras fica mais prático para enriquece-la com melhoramentos. Penha ganha uma biblioteca - a Casa da Cultura - inúmeras escolas são construídas, e o abandono da região é parcialmente recuperado. A recuperação é mais saliente no governo de Paulo Setúbal, dada a doação de verbas equivalentes a todas as regiões de São Paulo.

Mesmo assim, a importância maior da Penha é caracterizada por sua influência religiosa (hoje, lá existe a Igreja do Rosário - a Casa dos Milagres). É o centro comercial de Itaquera, Guaianases.

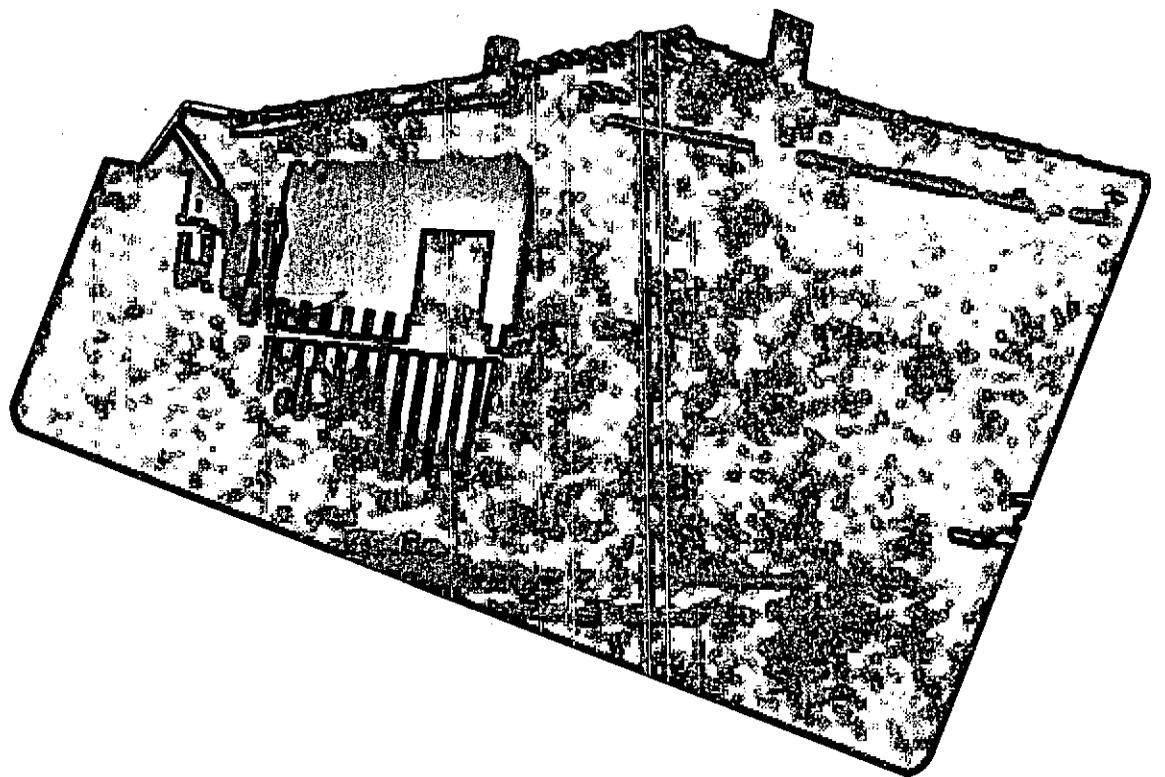
A Penha, antes vista como cidade satélite por Aroldo de Azevedo, constitui uma das regiões mais pobres de São Paulo: perdeu suas indústrias para Guarulhos; não é sede episcopal, o aspecto eclesiástico tem sede em São Miguel, não tem nenhuma ro

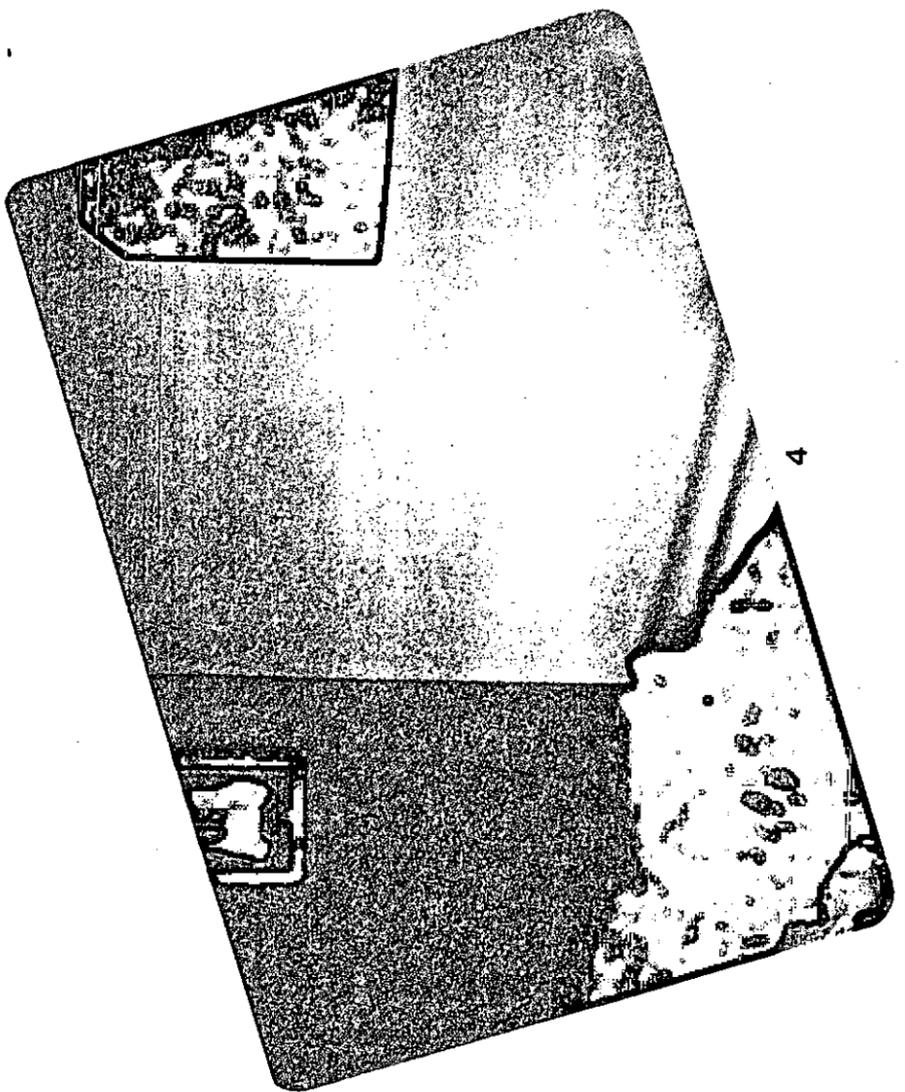
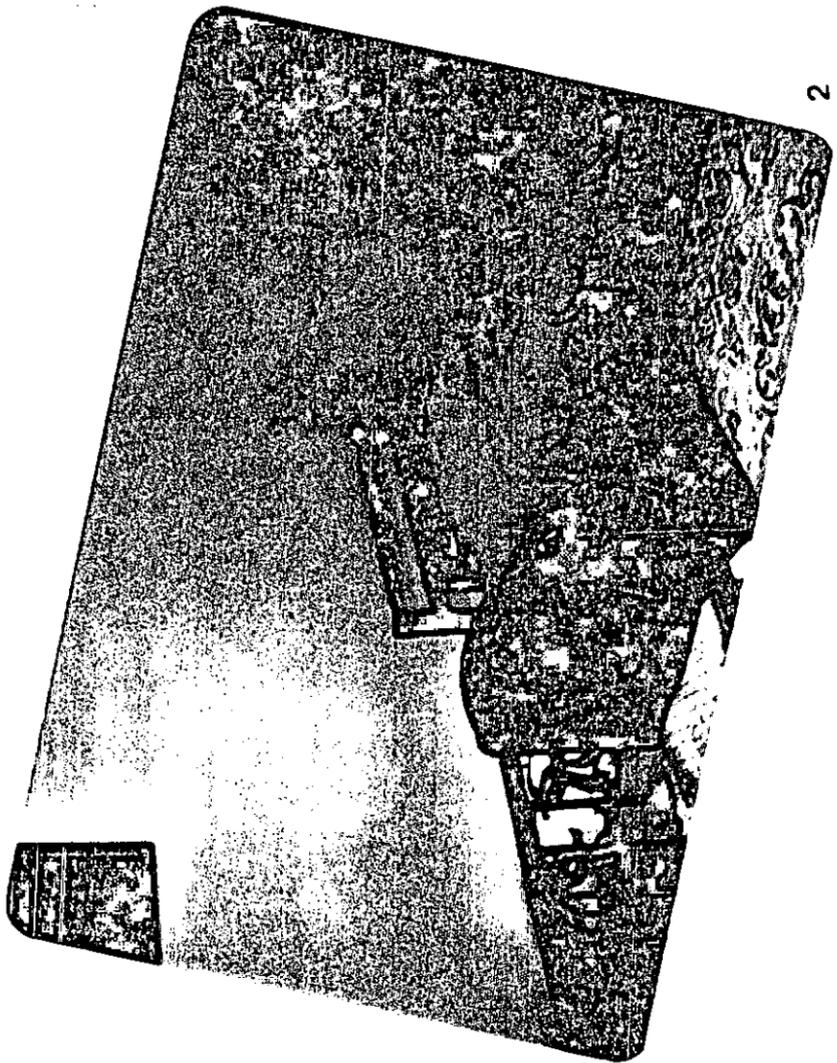
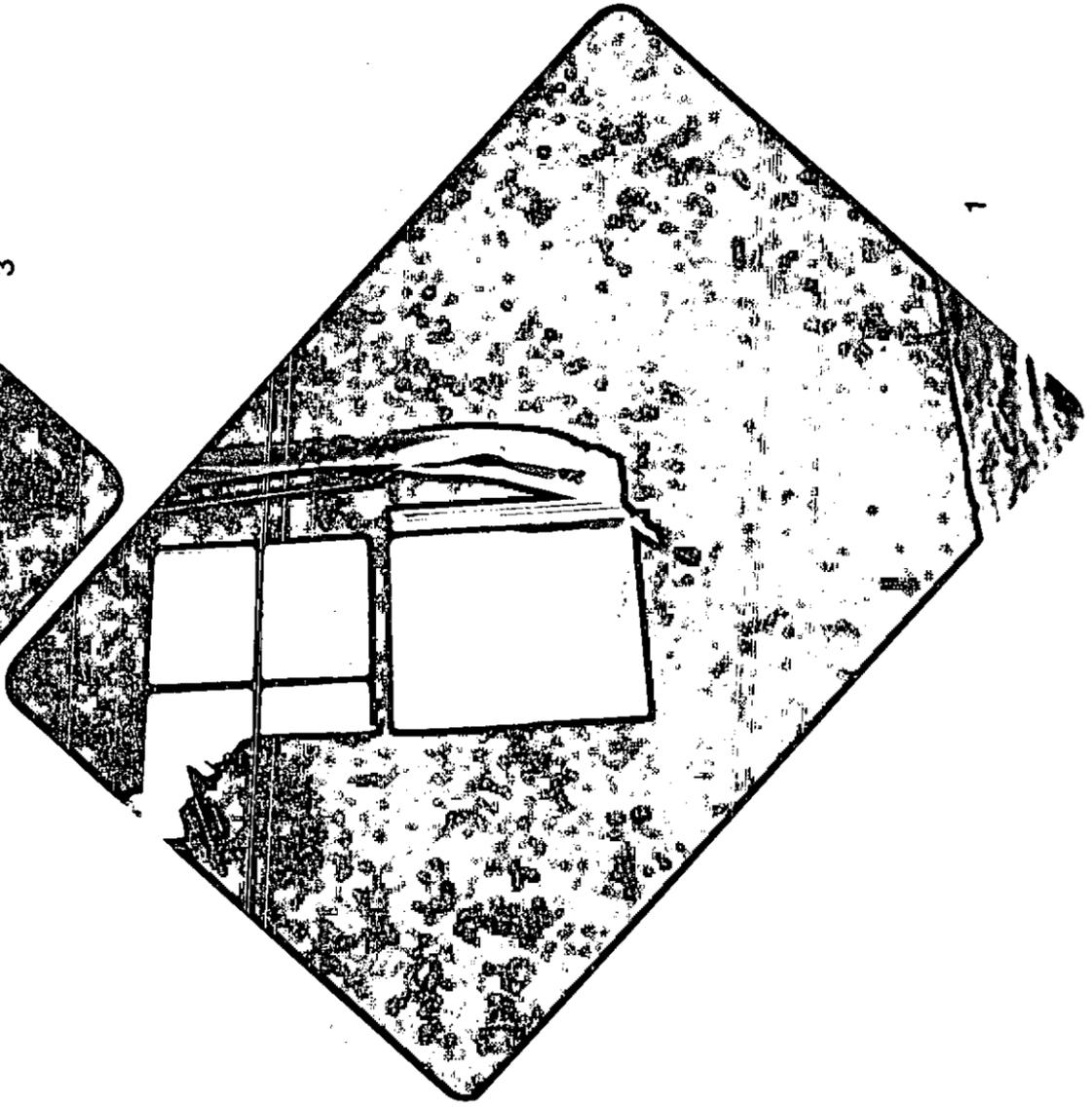
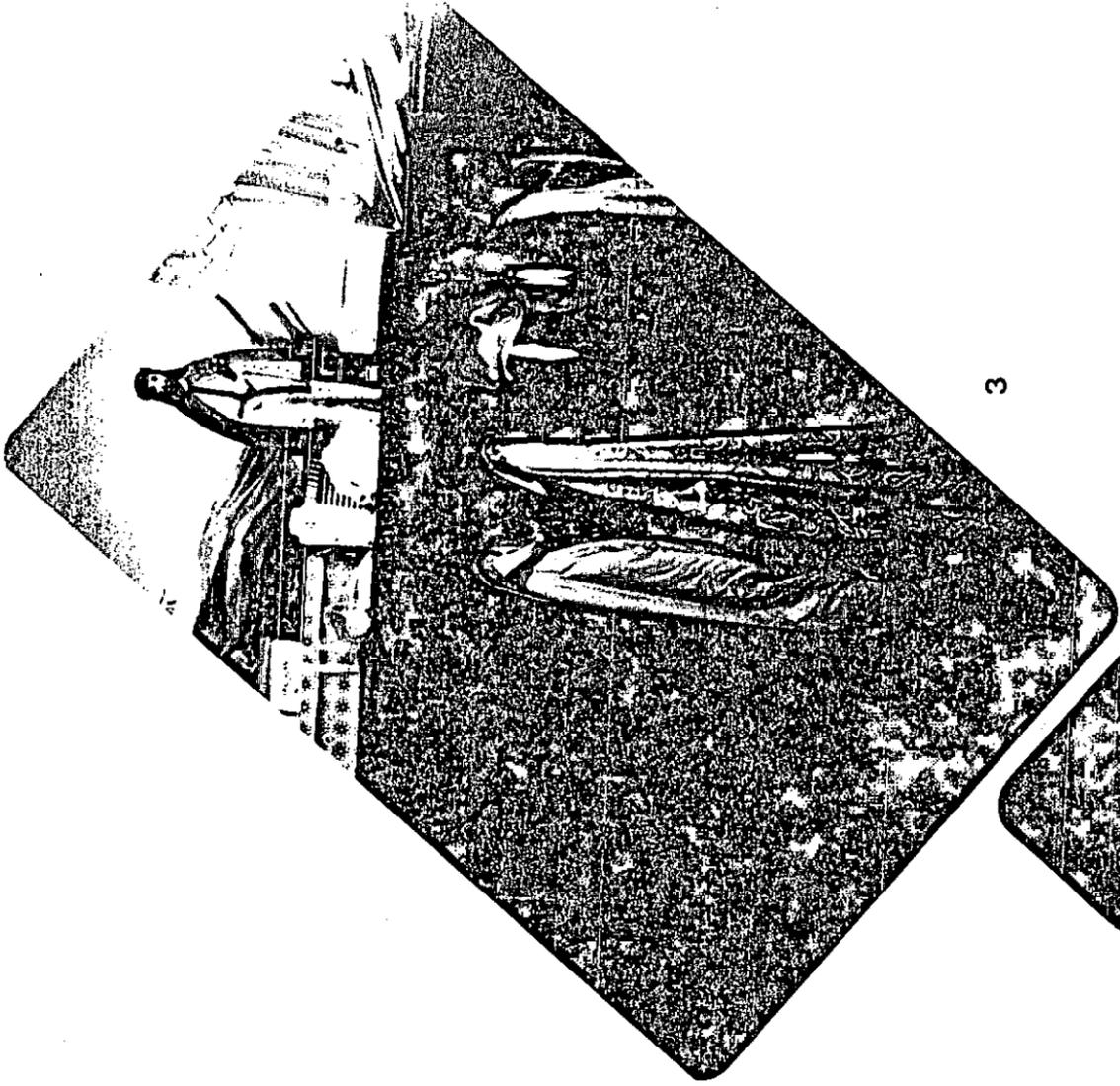
dovia própria, apesar de ser passagem possível para o Rio de Janeiro.

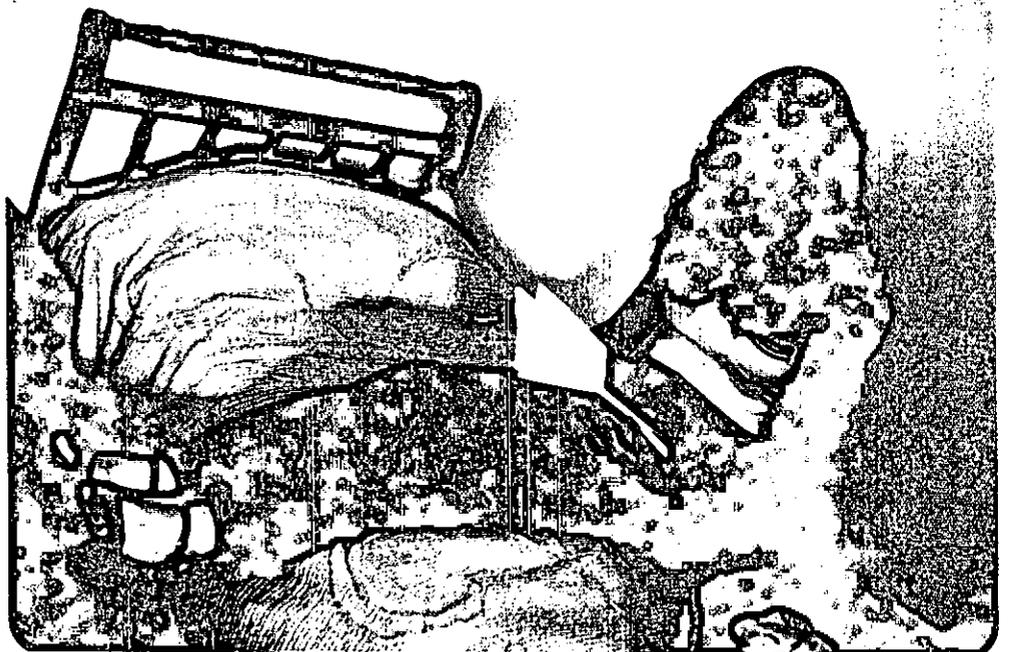
Sua população caracteriza-se por baixo poder aquisitivo, dominam os operários. O povo é apegado ao civismo e a religião católica. Porém, a explosão demográfica e o operariado, atualmente convergem para a Penha, interesses em todos os sentidos.

Limites:

Começa na margem direita do Ribeirão Aricanduva que o separa do Tatuapé. Do ponto de convergência do pequeno curso fluvial com o rio Tietê, pela margem esquerda deste, estende-se o território da Penha à feição de colina até São Miguel Paulista, de que é confrontante e acompanha-se na subida o município de Guarulhos, seu outro confinante, a partir da desembocadura do rio Cabuçu de Cima. A Penha ergue-se entre Tatuapé, Guarulhos e São Miguel, e constitui o núcleo geográfico de toda região.







Leitura do quarto

- fachada da casa: casa simples, classe média-baixa, com dificuldade de conservação devido à falta de recursos. Penetrabilidade fácil.

- foto 1: visão da porta de entrada.

Direção: em frente

Cadeira com roupas, janela, armário; cadeira-cabide, lugar de colocar as roupas, aparece dividido, não permite diferenciar o possuidor. O armário com objetos em cima, mostra uma sobrecarga de pertences.

À direita de quem entra, encontramos o externo, representado pela comunicação e encontro com o outro (outra casa).

- foto 2: Direção: em frente

Cama de A., e parte de três outras camas.

No canto esquerdo: cama da irmã (20 anos)

Centro: berço do primo (6 anos)

No 1º plano: cama da avó.

Cama de A, é confortável, despojada, que pela organização espacial do quarto, evidencia restrição do espaço próprio à cama; única delimitação pessoal é a cama isolada.

Avó, ocupa a área central do quarto.

Partilha curiosa, onde não há diferenciação entre as irmãs, que ocupam uma posição isolada do bloco familiar.

Hipótese: Muito provável a invasão da avó e primo no espaço das irmãs.

- foto 3: à direita: armário.

A ocupa a parte central do armário, espaço maior, abarrotado, provavelmente o divide com a irmã.

A confusão de objetos sobre o armário, caixas de sapatos, imagem de santo, talco e outros, sugere falta de lugar para cada coisa; ausência de espaço propício para uma organização adequada.

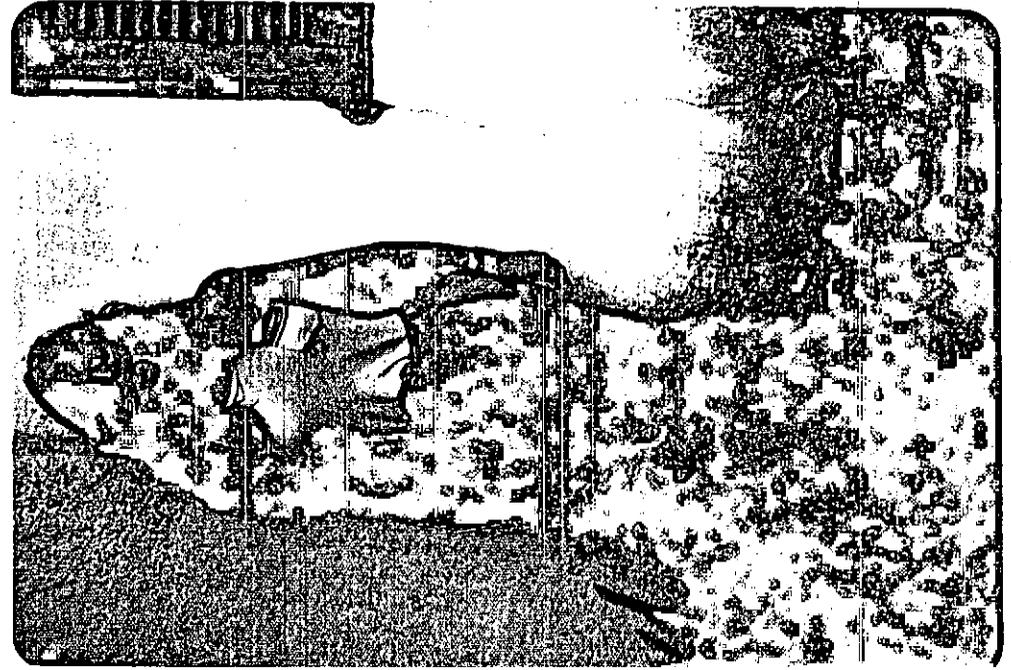
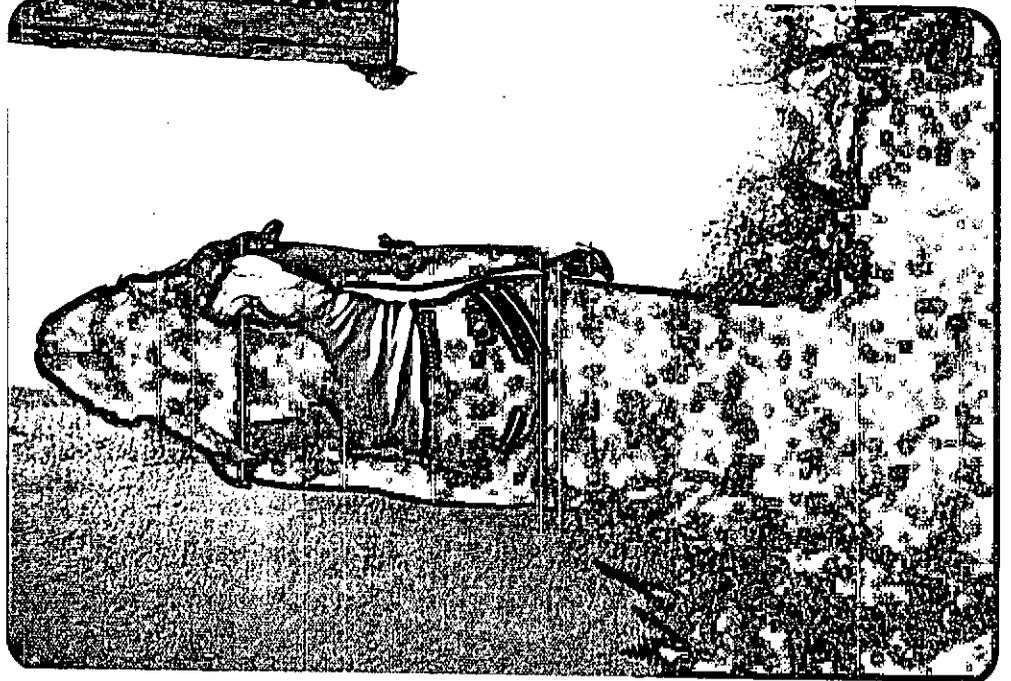
- foto 4: à esquerda: camas e valores.

Aqui, a família é representada nas duas gerações, irmã / primo e avô.

A imagem do redentor, em sofrimento, apontando a carga, pode mostrar um lado de sofrimento de não discriminação, de superposição indicando uma provável simbiose familiar.

- foto 5: lugar do quarto que mais gosta de ficar e ação correspondente:

Na própria cama, ou seja, o espaço próprio, lendo concentrada; fica em si mesma como uma perspectiva de ampliação de seu mundo, que através da leitura, se faz pelo racional.



de frente: peito saliente, tronco direito mais desenvolvido; esquerdo menos expressivo, tensionando no ombro que provoca envergadura do braço desse mesmo lado, traduzido num gesto brechado, sugerindo impossibilidade de realizá-lo.

A dimensão feminina é assim representada: aparece brechada, impedida.

Sua cabeça pende também para o lado esquerdo, mas é por ele que há maior harmonia.

Provavelmente o lado direito está sendo extremamente usado; conseqüentemente seu aspecto masculino, o gesto empreendedor subsume sua expressão feminina.

de costas: porção esquerda superior de seu corpo preserva uma harmonia com distorção na cintura para a direita.

Essa distorção provocada pelo uso exacerbado da porção direita, confirma nossa hipótese na leitura do corpo feita na posição de frente.

É importante perceber como um pequeno deslocamento do eixo para a direita é decorrência do fato de A "carregar-se" através desse lado.

O peso do corpo está colocado em ambas as pernas e a medida em que o lado esquerdo for expresso como deve ser, A. encontrará um equilíbrio harmonioso para sua vivência.

de perfil: notar que a torção da cintura para a direita, provoca a elasticidade abdominal verificada aqui e não na posi

ção de frente na medida em que A. "chupa" a barriga para dentro; porque certamente não a aceita elástica; estreita o peito e impede assim de se comunicar afetivamente, aberta e livremente, com o ambiente e com o outro.

Na leitura dos dados de A, observamos uma organização restrita, de isolamento, redução do espaço próprio pelo ambiente externo.

Provavelmente por dados circunstanciais a família nas figuras concretas de seu primo e avô, invadem seu espaço.

Cabe ressaltar aqui a dinâmica da polarização interna de A, própria do adolescente, não estar sendo realizada na medida em que seu espaço é traduzido também através de simbiose familiar. Destacamos por outro lado a realidade sócio-econômica de A, que obviamente não lhe propicia um quarto único, espaço onde estaria expressando sua intimidade tal qual viria facilitada por essa condição. Porém, ela também poderia ser colocada mais amplamente na partilha do mesmo com a irmã.

Percebemos também na leitura de seu corpo e de seu quarto, o quanto o esforço para uma saída racional é feita e como ele deforma o seu "redondo espacial habitado". Nesse sentido seu corpo é reduto de suas vivências assim como sua cama também as declaram assim.

O gesto empreendedor realizador promove a exacerbação do uso da dimensão masculina, como forma de sobrevivência; seu aspecto feminino fica sufocado e, provavelmente vivenciado a quem de sua real expressão.

Afirmamos dessa forma o comprometimento ambiental

(familiar e/ou social) cuja influência está prejudicando a harmonia de bem estar-no-mundo e vivê-lo de acordo com seus horizontes humanos.

Orientação:

Sugerimos orientação em dois níveis: pesquisar o ambiente e também propor e encaminhamento psicológico para conscientizar seu dinamismo do "herói", provavelmente adormecido ou impedido de se expressar.

Nome: I.S.

Endereço: Rua Alicante 38

Bairro: Penha

Zona: Leste

Escola: Colégio Olivetano (particular)

idade: 16 anos

altura: 1.80 m

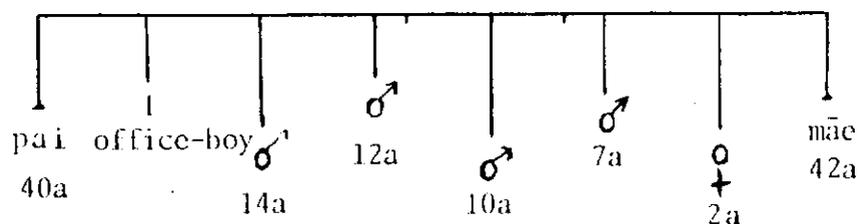
casa: X

comô dos: 2 quartos, 1 cozinha e 1 bannheiro

jardim: não tem

quantas pessoas moram: 8

constelação familiar:



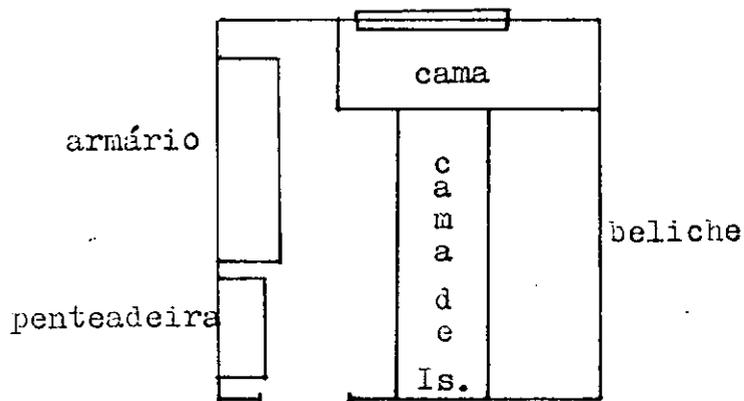
Torneiro Mecânico

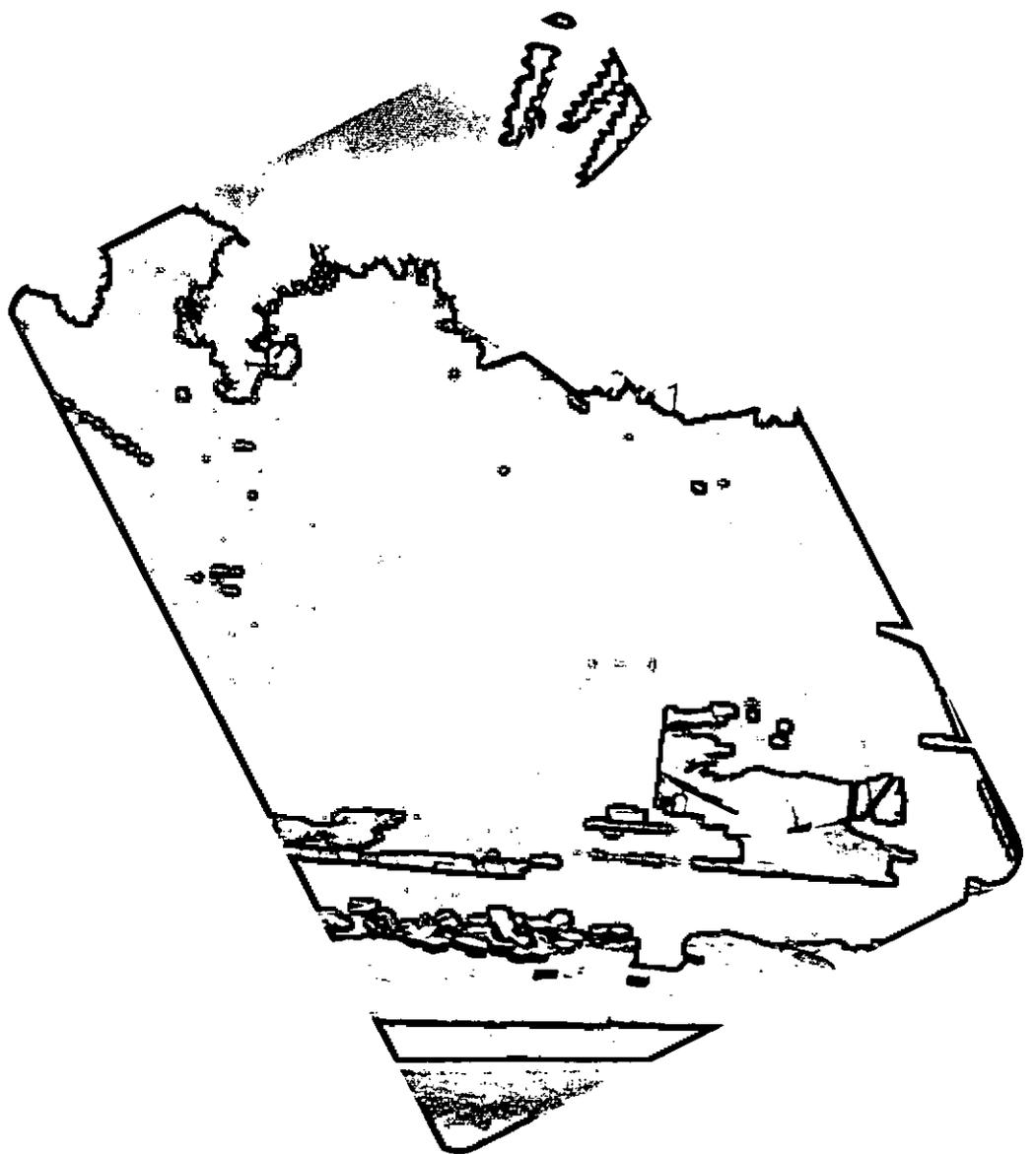
Prendas Domésticas

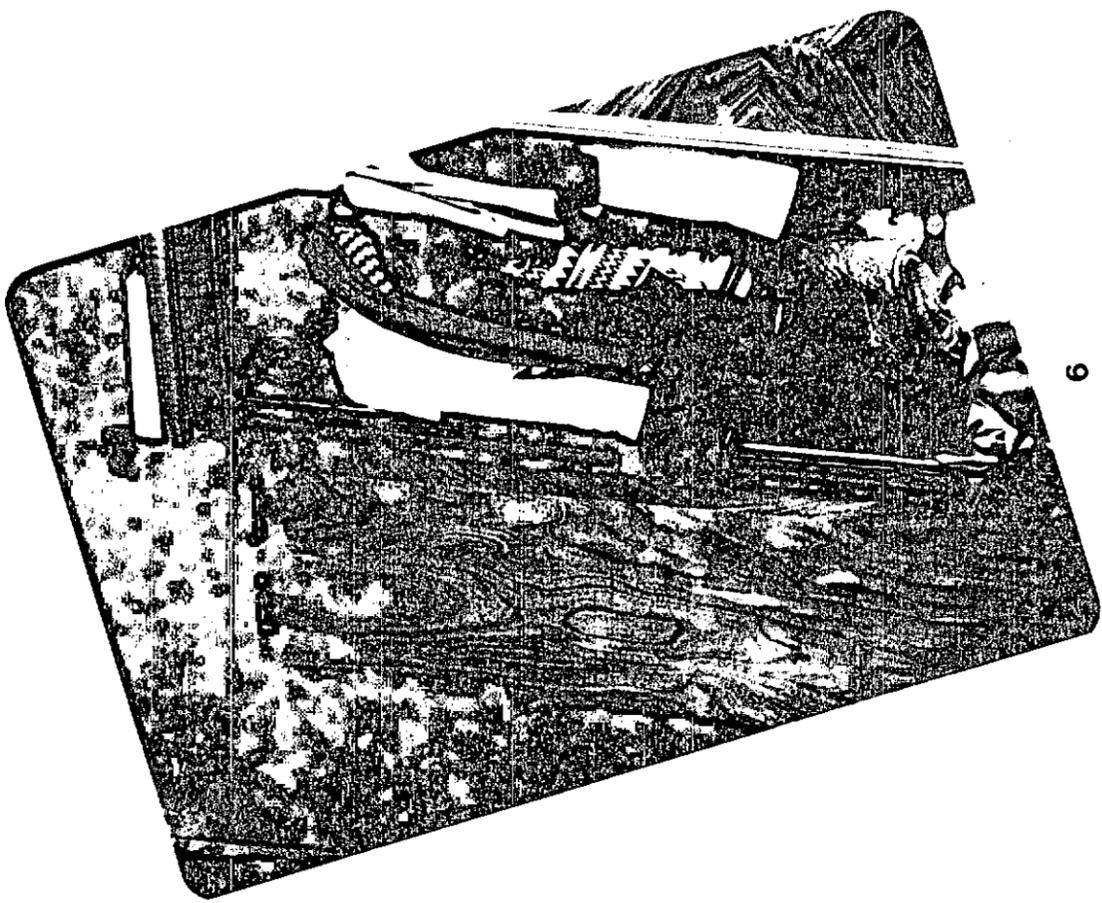
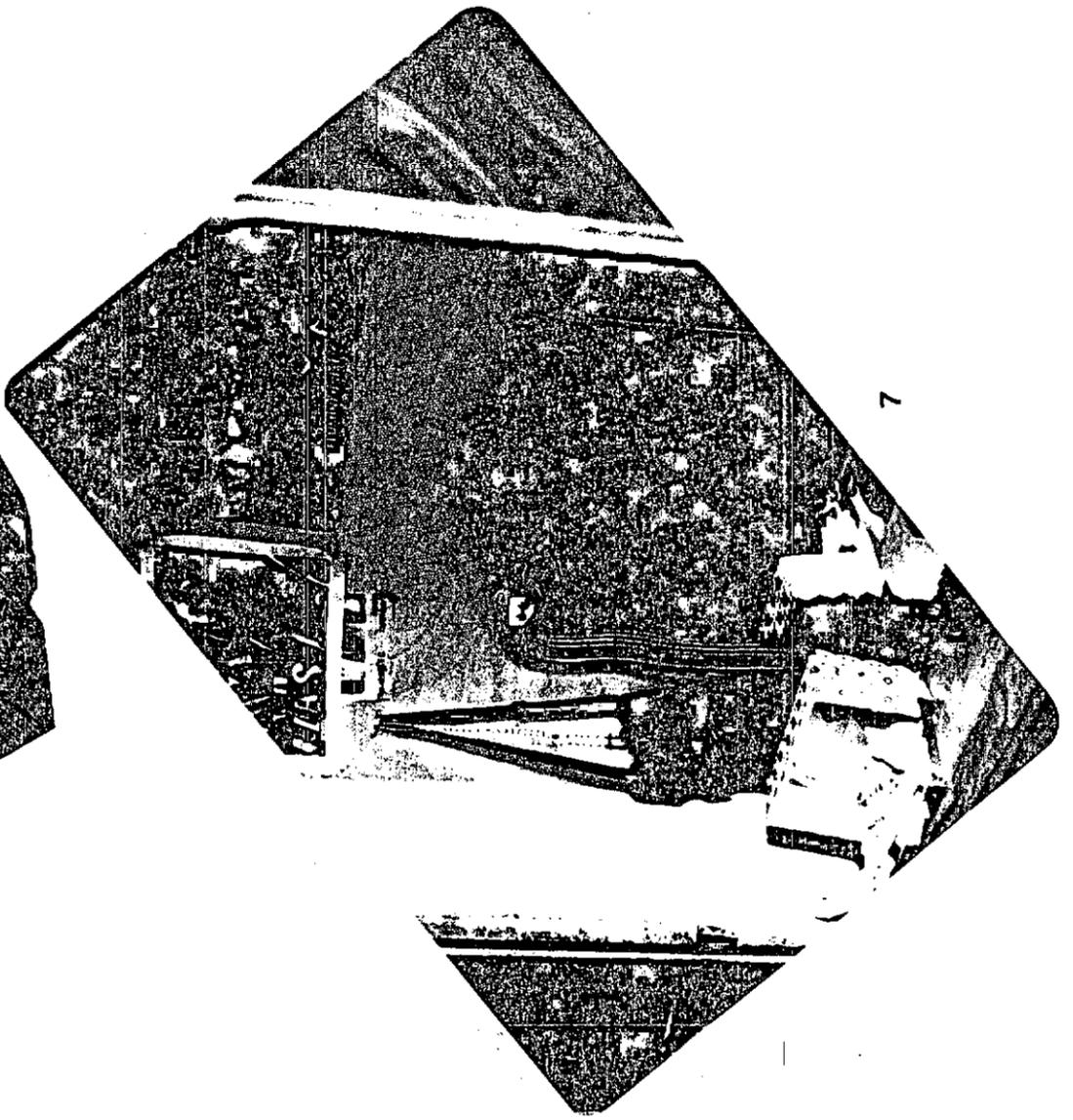
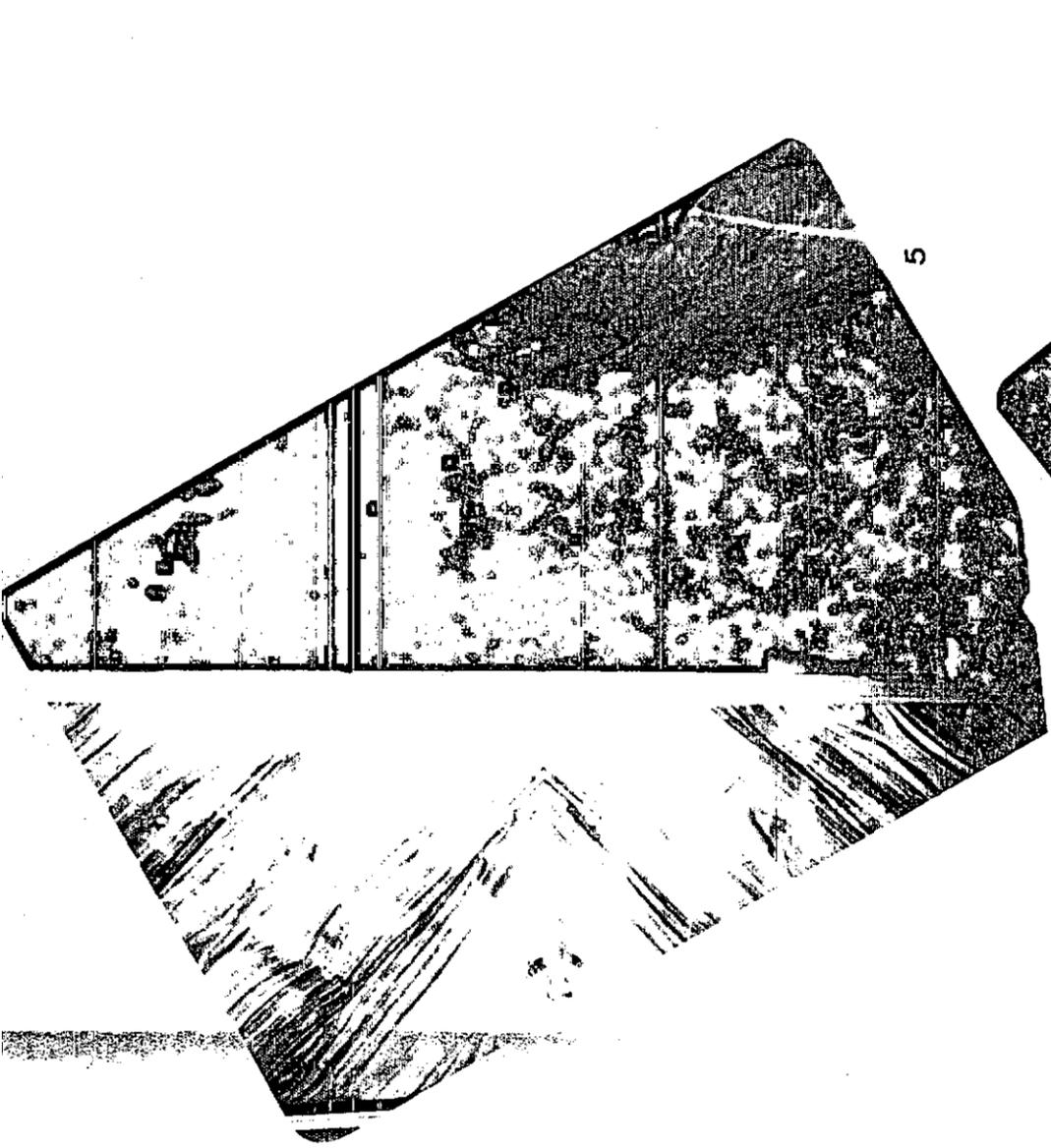
quarto único: não tem; divide com os 3 irmãos mais velhos

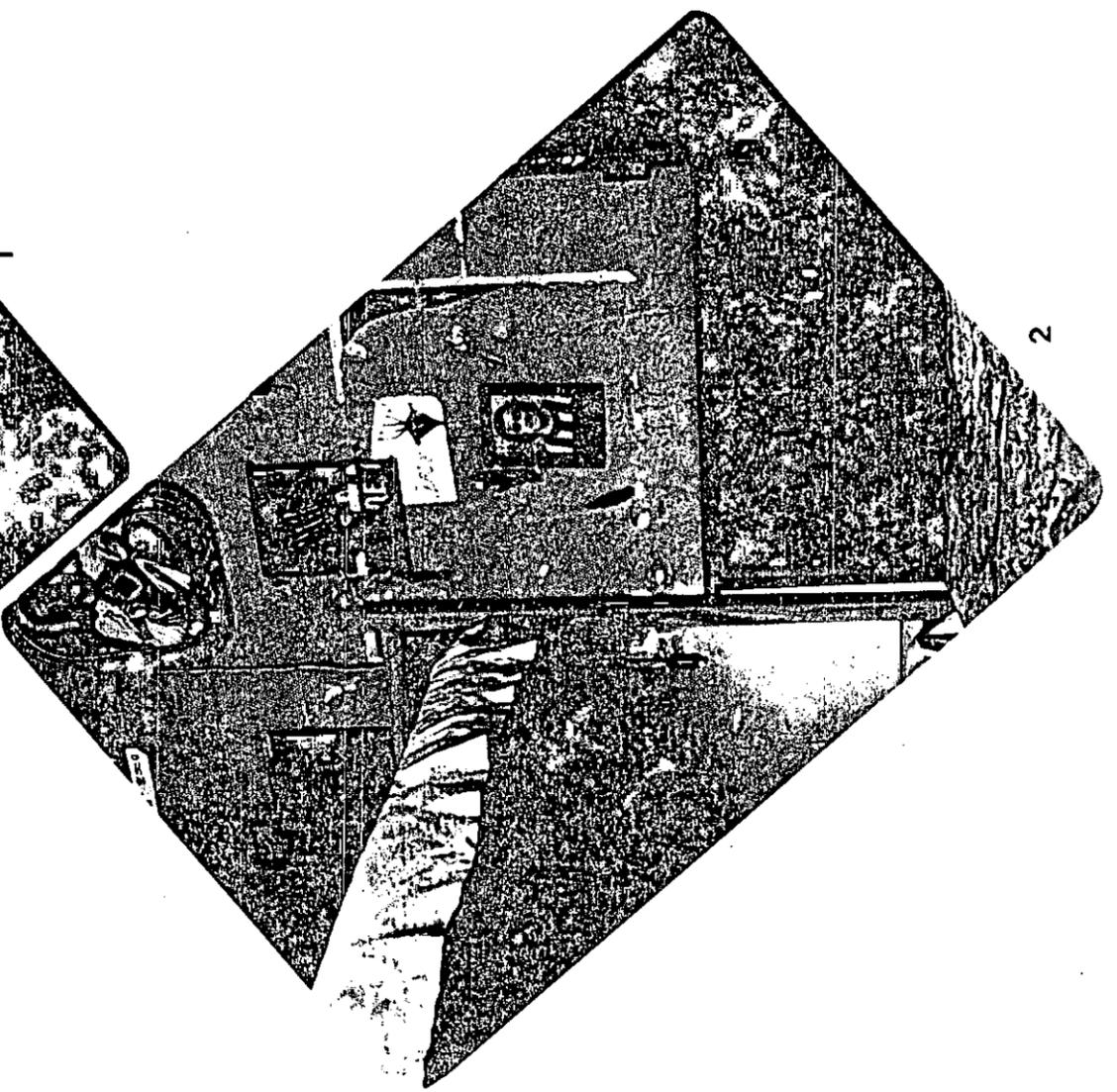
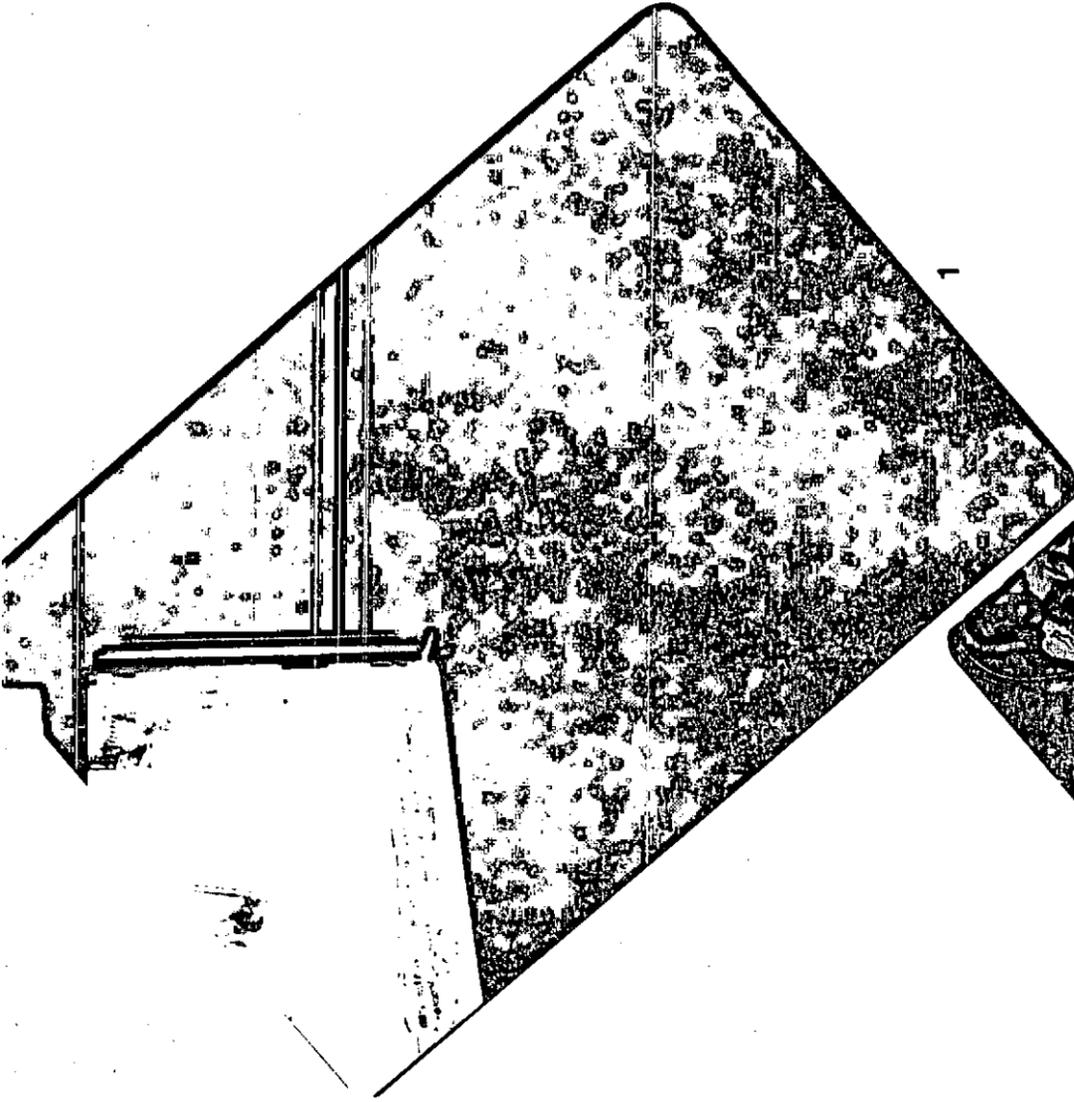
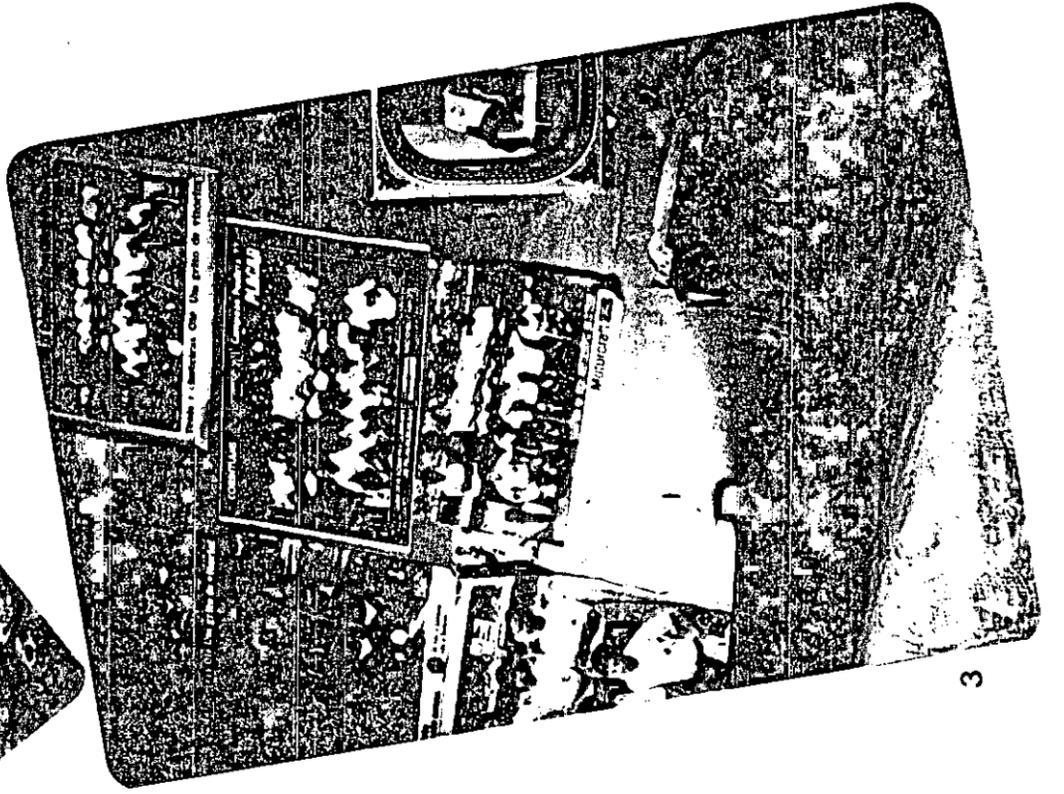
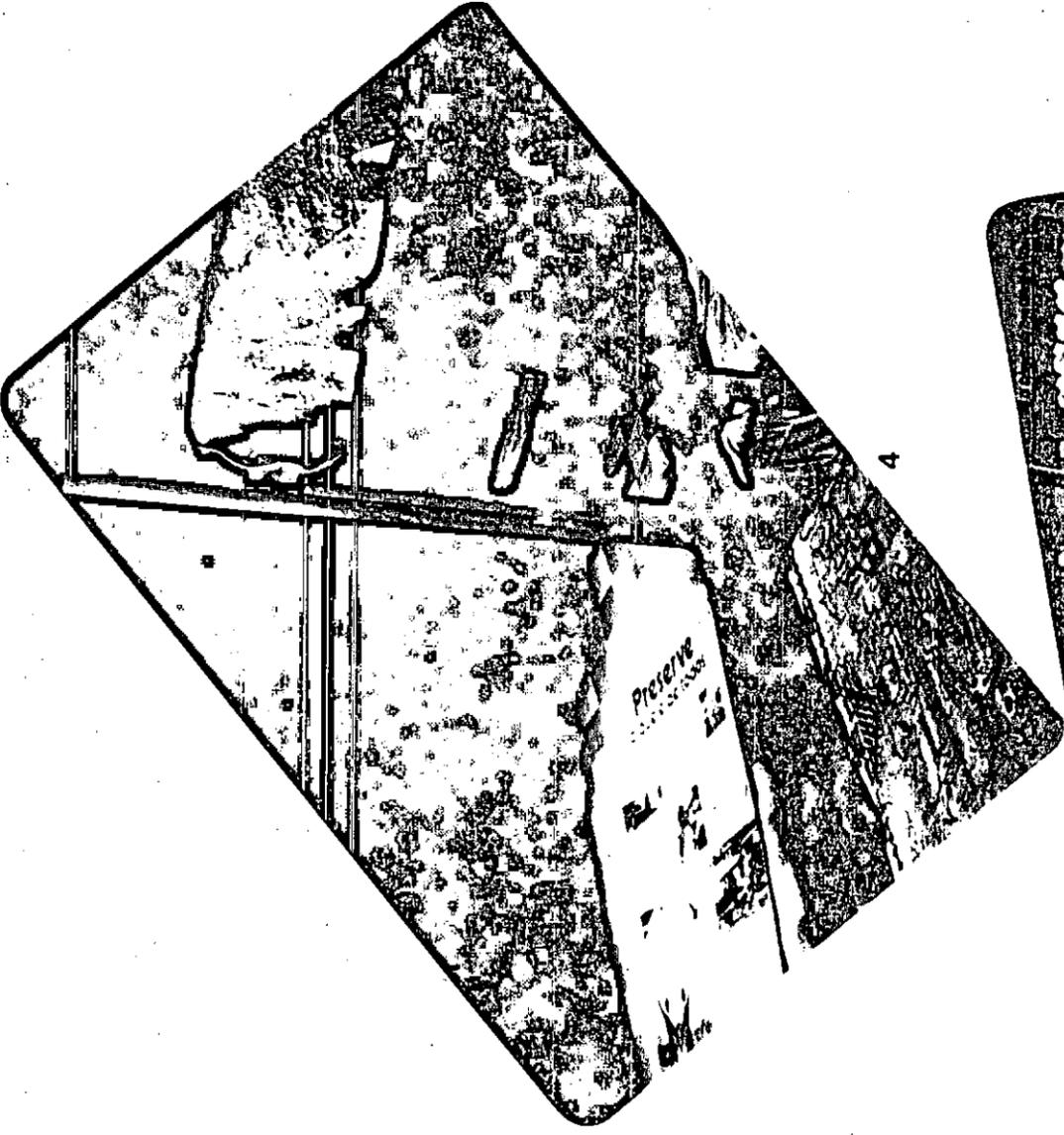
dimensões do quarto: 3.5 m x 3.5 m

lay-out do quarto:











Leitura do quarto

- fachada da casa: extremamente simples, pobre, classe baixa, de penetrabilidade concedida abertamente, evidenciando o início de construção dos limites: um muro em frente da casa está sendo edificado.

- foto 1: direção frente, vista do espaço externo.

Na penumbra interna podemos ver um cartaz da campanha da fraternidade do ano de 1978 (melhor exposto na foto 4) ' cujo slogan foi: " Preserve o que é de Todos".

Externamente, podemos visualizar o muro em construção. Assim, a dialética dentro/fora, presente/futuro se coloca claramente na necessidade de se estabelecer os limites para preservar o já conquistado, ou seja, as aspirações futuras precisam ser pontuadas no presente para depois serem realizadas e transcendidas.

Na demarcação dos limites, encontra-se o eixo aqui esclarecido em termos comunitários.

- foto 2: direção: à direita - em frente - centro:

cama de Is, e ao lado um beliche; acima ídolos do futebol e religioso.

Cama simples onde sua dimensão masculina tem abrigo, cujo extremo ocupa o centro do quarto.

Isto, sugere que Is, seja um dos co-proprietário do quarto, tendo ascendência sobre os demais. É o irmão mais velho e partilha seu quarto com mais três irmãos menores. Tudo indica que Is é o guardião do quarto; sua cama localizada próximo à porta faz de Is, o guarda da passagem.

Aspirações de seu jogador de futebol abençoado por Cris to, localizado no centro da parede, espalha sua mensa - gem para todo o ambiente.

Um desenho de criança representa o verde em todas as suas dimensões, colocado como aspecto valorizado.

- foto 3: direção: à direita, acima do beliche.

Time de futebol favorito: Corinthians,, ídolos e heróis do esporte, foto mostrando irmãos.

Este quarto, é um espaço de homem, cujos heróis são concretizados nos ídolos do futebol, diversão do povo, dimensão social através da qual os irmãos se encontram.

- foto 4: direção: canto direito, tomada da junção das camas, dos quatro irmãos que partilham o quarto.

Cartaz na cama de um deles: "Preserve o que é de Todos", slogan da campanha da fraternidade, de tempos passados, fora de lugar: para ser substituído?

O espaço vivido, apertado porém distribuído, tem como valor a preservação do que é comunitário aos seu habi - tantes.

A dimensão à direita, em frente de Is, passa a ser tam - bém preservada: seu aspecto masculino.

- foto 5: canto esquerdo próximo à janela: armário fechado e cai - xas, sacolas de sapatos empilhadas.

O espaço restrito para acomodar quatro pessoas eviden - cia uma sapateira construída de acordo com as possibili - dade sócio-espacial.

O empilhamento é pela necessidade e não por desordem.

- foto 6: direção à esquerda, armário por dentro.

Espaço restrito para suas roupas, poucas vestimentas, evidenciando desorganização na região inferior. cobertores, colchas, lençóis pouco arrumados, sugerem que a restrição do espaço pessoal é decorrência do ter que partilhá-lo com os demais irmãos. Sua intimidade é assim invadida por necessidades coletivas de abrigo (cobertores, colchas, lençóis).

O passado coletivo provavelmente é causa de peso afetivo na medida em que desorganiza sua base afetiva.

- foto 7: direção à esquerda de quem entra no quarto e à esquerda da cama de Is.

Cômoda com espelho, ídolos do futebol acima, terço e bolsa pendurados; um mini-presépio montado dentro de uma caixa, caminhão de brinquedo.

Sua dimensão feminina é integrada e traz marcas dos ídolos do futebol e de valores religiosos.

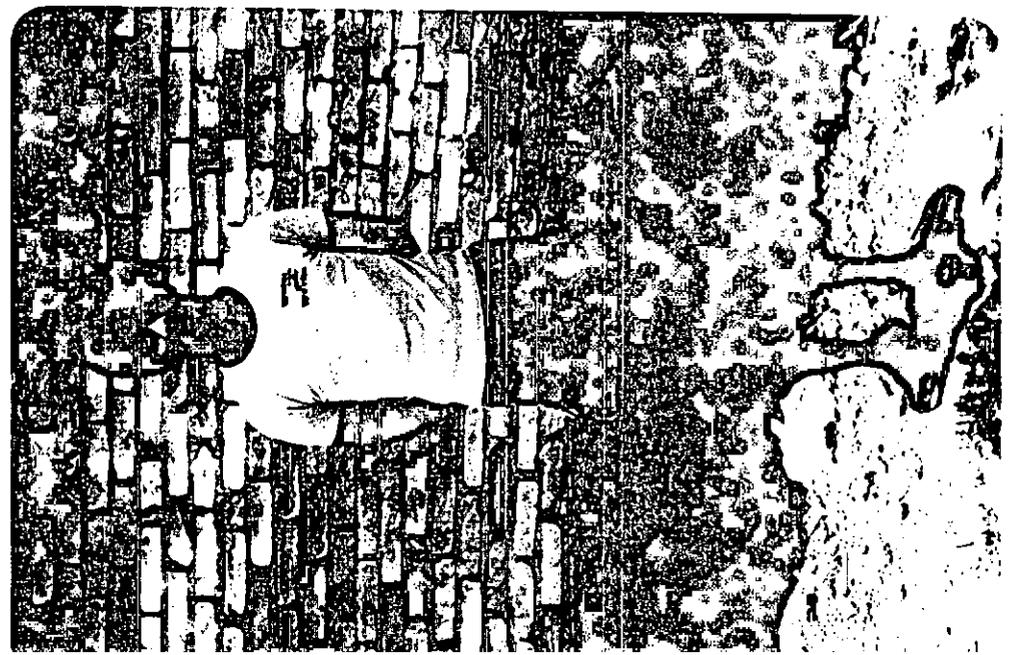
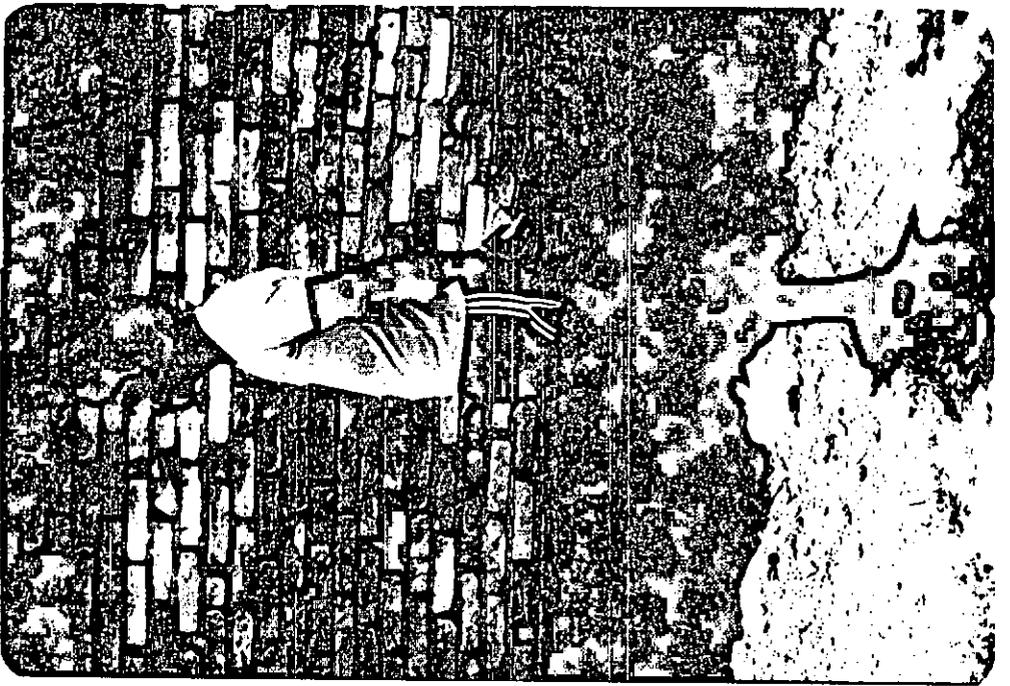
Há presença de criança no ambiente, provavelmente o brinquedo é de seu irmão menor.

Is, não tomaria às vezes de pai e mãe de seus irmãos?

- foto 8: lugar do quarto que mais gosta de ficar e ação correspondente:

Raramente fica no quarto, quando fica, sentado na cama, estuda.

Seu espaço próprio, a própria cama, lugar de descanso é procurado na concentração do estudo. Is, fica em si mesmo; e a ampliação de seu mundo, se coloca numa perspectiva intelectual.



Leitura do corpo

de frente: observamos um estiramento quase perfeito, com pequeno desvio à direita.

As polaridades aparecem assim equilibradas.

Salientamos porém, um certo fechamento de peito promovido pelos músculos peitorais que poderiam estar mais desenvolvidos.

Hipotetizamos: não haveria "um peso afetivo" nas costas que promoveria tal fechamento, e encolhimento?

O esconder das mãos, somado a esse fato não evidenciaria uma submissão e conformismo afetivo-social, em relação as suas ambições futuras?

de costas: Percebemos uma ligeira inclinação da cabeça para baixo - e detetamos um pequeno "curvar" das costas. Afirmamos dessa forma a hipótese na leitura anterior onde a submissão e conformismo afetivo social foi levantado.

Is, segura o gesto empreendedor da mão direita, breca dinamismos de ação, sugerindo uma postura serviçal, estando assim, muito a mercê do outro.

de perfil: equilíbrio compensatório do peso do corpo é traduzido no segurar-se atrás, através das mãos. Isso promove o não cair para a frente. Ombros aparecem encolhidos e apertados, sugerem tensão nas costas: "carrega" o peso, provavelmente cargas que não são suas, ou aquelas cujo preconceito social em relação à sua cultura, cultura negra, Is, assume e se submete.

Síntese

Condições culturais, sociais e econômicas influenciam a organização psico-espacial de Is.

Sua submissão é decorrência desses aspectos, que traduzida na expressão de ser-no-mundo, evoca valores e aspirações simples sem revolta, ou mesmo na dificuldade social de se contrapor, procura se ajeitar como pode.

Vê provavelmente saída , um pouco dirigida para o campo intelectual, mas maciçamente colocada no esporte, onde nele sua herança cultural não é vista preconceituosamente, mas é valorizada.

Sua posição de filho mais velho o faz guardião dos irmãos; é às vezes pai e mãe, arrimo afetivo deles, transformando-o num pequeno chefe.

Valores religiosos são evocados e permeiam seu viver.

É homem, e sua identidade é construída de acordo com o ambiente em que vive: apesar das raízes africanas serem também da cultura brasileira, ao negro, além de jogador de futebol, lhe resta pouca possibilidade de engajamento social.

Orientação:

Sugerimos entrevista de forma a mostrar a Is, a necessidade dele próprio valorizar sua cultura, não se submetendo ao preconceito' social vigente.

Nome: I.R.F.P.

Endereço: Rua Voluntários da Pátria, 3591, apto. 143

Bairro: Santana

Zona: Norte

Escola: Instituto de Educação Madre Mazarelo (particular)

idade: 17 anos

altura: 1.68 m

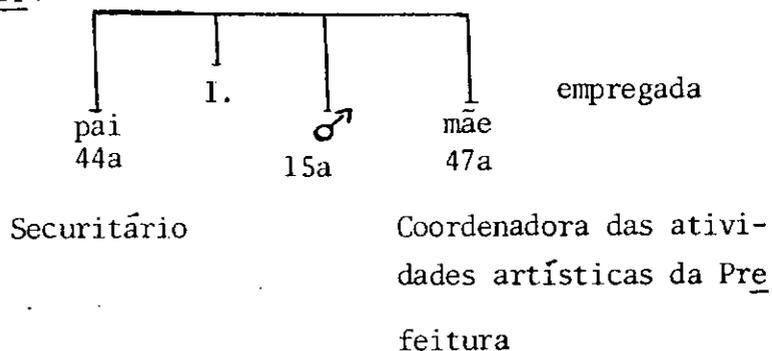
apto.: X

cômodos: 3 quartos, 2 banheiros, 2 salas, 1 cozinha, 1 área de serviço, 1 quarto e 1 banheiro de empregada

área comum do condomínio: jardim, play-ground

quantas pessoas moram? 5

constelação familiar:



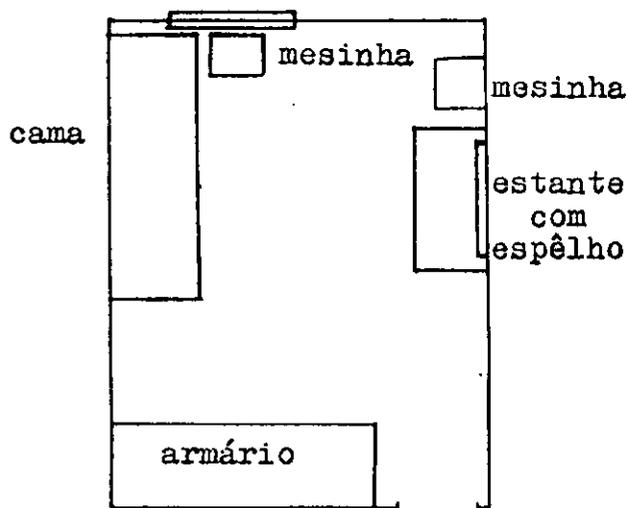
quarto único? tem

dimensões do quarto: 5 m x 3.5 m

lugar do quarto que mais gosta de ficar e ação correspondente:

"Meu quarto é o meu refúgio" - sentada no chão, lendo enciclopédia do mar ou batendo a máquina.

lay-out do quarto:



SANTANA

Núcleo histórico inicial, é o mais antigo núcleo de povoamento situado na periferia da zona norte.

Por quase três séculos, Santana apresentou características de um bairro rural, fazendo com que sua expansão e promoção a bairro urbano fosse feita lentamente. Causas colocadas a pontam para o fato de existirem aí muitas propriedades rurais, a Fazenda de Santana, organizada pelos jesuítas, doada pelos herdeiros de Inês Monteiro, a "Matrona" em 1673, constituiu marco histórico do bairro, distante do antigo Colégio de São Paulo, 6 kms, separado deste pelo rio Tietê e sua enorme várzea, facilmente inundável, com problemas de transportes e comunicação.

Na Fazenda dos Jesuítas, construíram uma capela e aos poucos um núcleo de povoamento foi intensificando-se: a estrada da Conceição de Guarulhos passava por Santana, fazendo dela, passagem obrigatória, e pousada para os viajantes (fins do século XVIII).

Fatores positivos, tais como a estrada de Ferro da Cantareira, melhoramentos da várzea do rio Tietê, encurtando distâncias entre o centro de São Paulo, a transformação da antiga Fazenda dos Jesuítas em Colégio ou Colônia, a expansão da lavoura cafeeira e basicamente a colônia dos italianos imigrantes, caracterizou o núcleo a partir de 1878, como núcleo progressista, havendo necessidade de se emancipar. No final do sé

culo XX, as primeiras construções de edifícios na antiga Radial Norte - hoje Voluntários da Pátria, vieram inaugurar o processo de urbanização do bairro, depois elevado a distrito de Paz.

Santana foi um dos primeiros bairros a ter bonde com tração animal, e a ferrovia da Cantareira sempre foi visada por que era um manancial para São Paulo. Dos dois lados da Tramway da Cantareira começaram a aparecer novas casas: novas avenidas; algumas já pavimentadas, lojas, clubes, ginásios esportivos, mercados, centro de proteção familiar, bancos e outras melhorias.

A função mais importante do bairro é de caráter econômico: função comercial cuja concentração se vincula as principais radiais, Voluntários da Pátria e Alfredo Pujol. Na Alfredo Pujol, encontra-se a antiga sede da fazenda dos jesuítas, que, com sua expulsão em 1760, suas terras ficam sob a jurisdição do governo, e hoje se localiza aí um Quartel do Exército. Ainda, essa mesma rua é via de ligação entre Santana, Imirim, bairro do Limão, Santa Terezinha, Chora Menino e Casa Verde.

A Voluntários da Pátria, atualmente é a de maior importância, tanto pelos seus trechos comerciais como residenciais. No seu início, próximo à ponte das Bandeiras, o comércio não é muito desenvolvido, mas, a partir do Carandirú até as vizinhanças da Rua Conselheiro Saraiva, concentra-se o comércio. No alto de Santana, a Voluntários da Pátria torna-se essencialmente residencial onde vive a classe média alta, para depois trazer do passado, vistas semi-rurais, chega-se a serra da Cantareira.

Sua função industrial surge bem mais tarde, e verifica-

se um maior avanço nessa direção com a construção da via Dutra; porém, Santana não se caracteriza como um bairro industrial. É comercial, residencial, observando-se também características de bairro dormitório na medida em que boa quantidade de seus moradores trabalham fora.

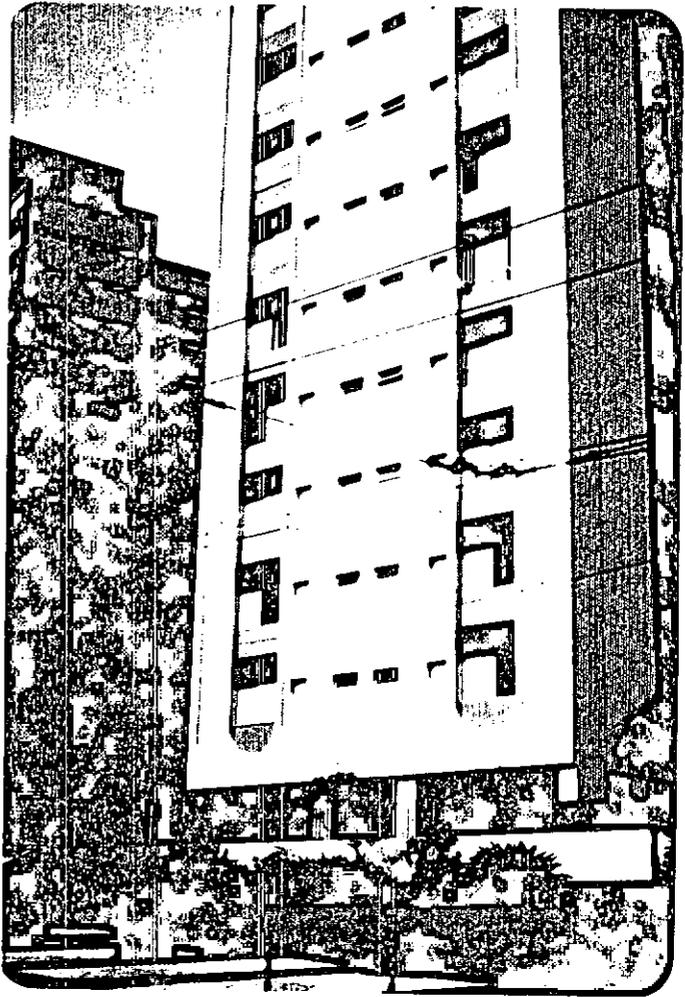
O que Santana poderia ter, afirmando mais sua importância, perdeu para Guarulhos: a área industrial, caminho para o Rio de Janeiro e Minas Gerais.

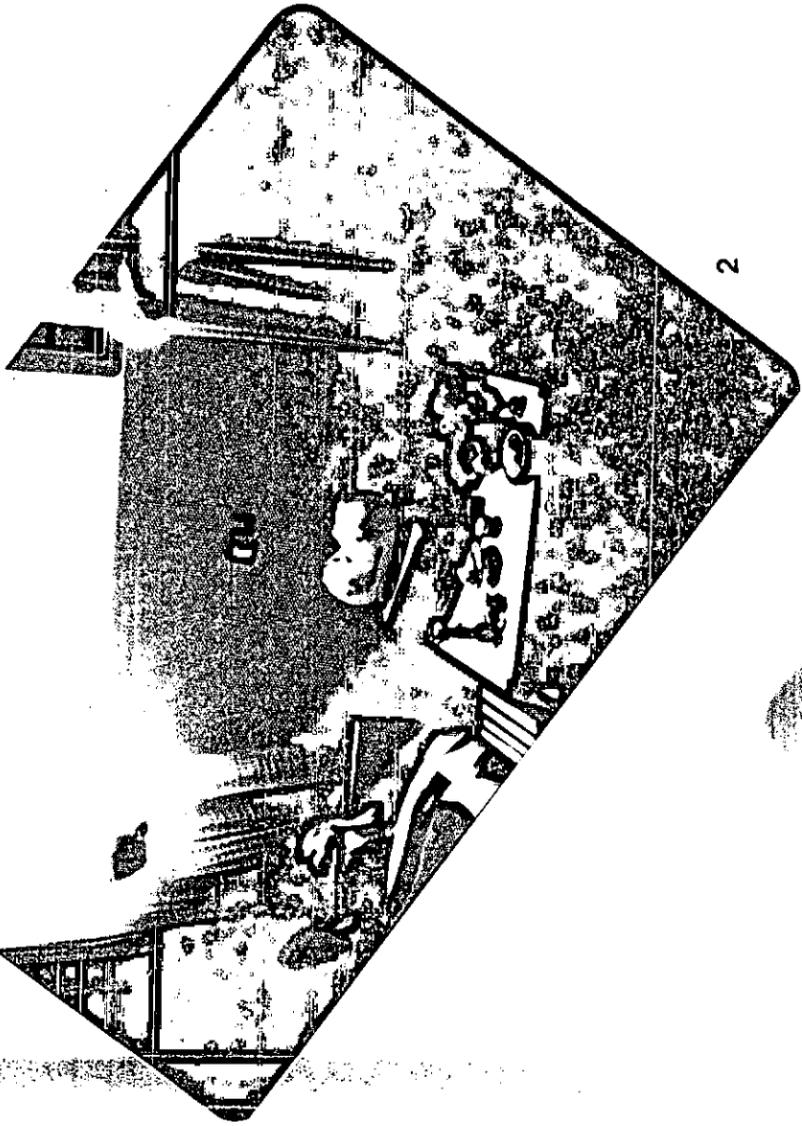
Ficam as áreas verdes, no Horto Florestal, implantado no final do século passado, que a urbanização não destruiu.

Santana, nunca parou, dado seu caráter progressista. Hoje com um terminal do Metrô funcionando, intensifica seu comércio e comunicação com outras áreas da cidade.

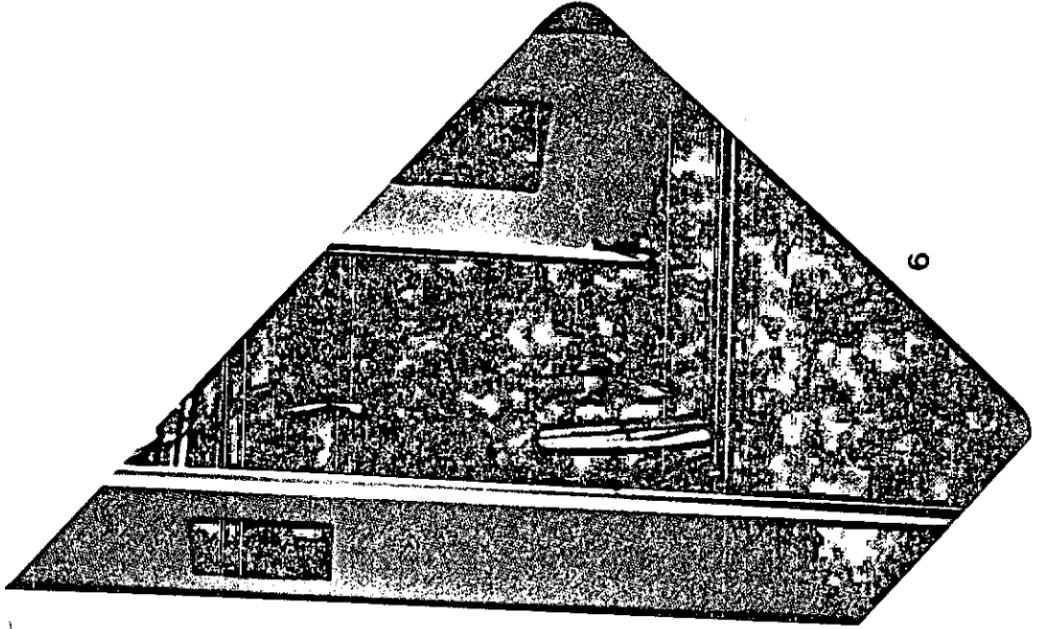
Limites:

Dentro do perímetro compreendido atualmente, os limites de Santana começam no rio Tietê, no ponto em que é atravessado pela Ponte Grande, daí seguindo pela rua Voluntários da Pátria até a estrada o Carandirú. Por ela, segue até onde corta o córrego do Carandirú, até as suas cabeceiras, continuando pela estrada de rodagem de Conceição de Guarulhos até frontear as cabeceiras do córrego das Pedras, descendo por este até o rio Tietê, e por este abaixo até o ponto de partida.

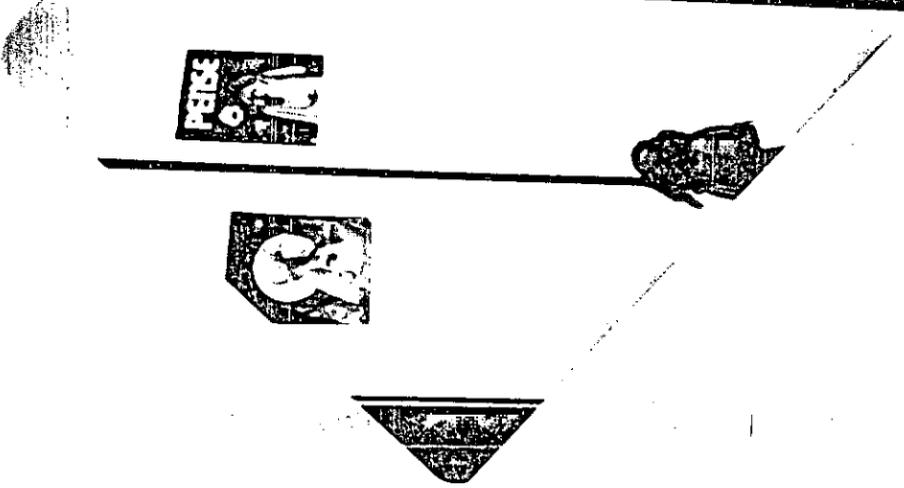




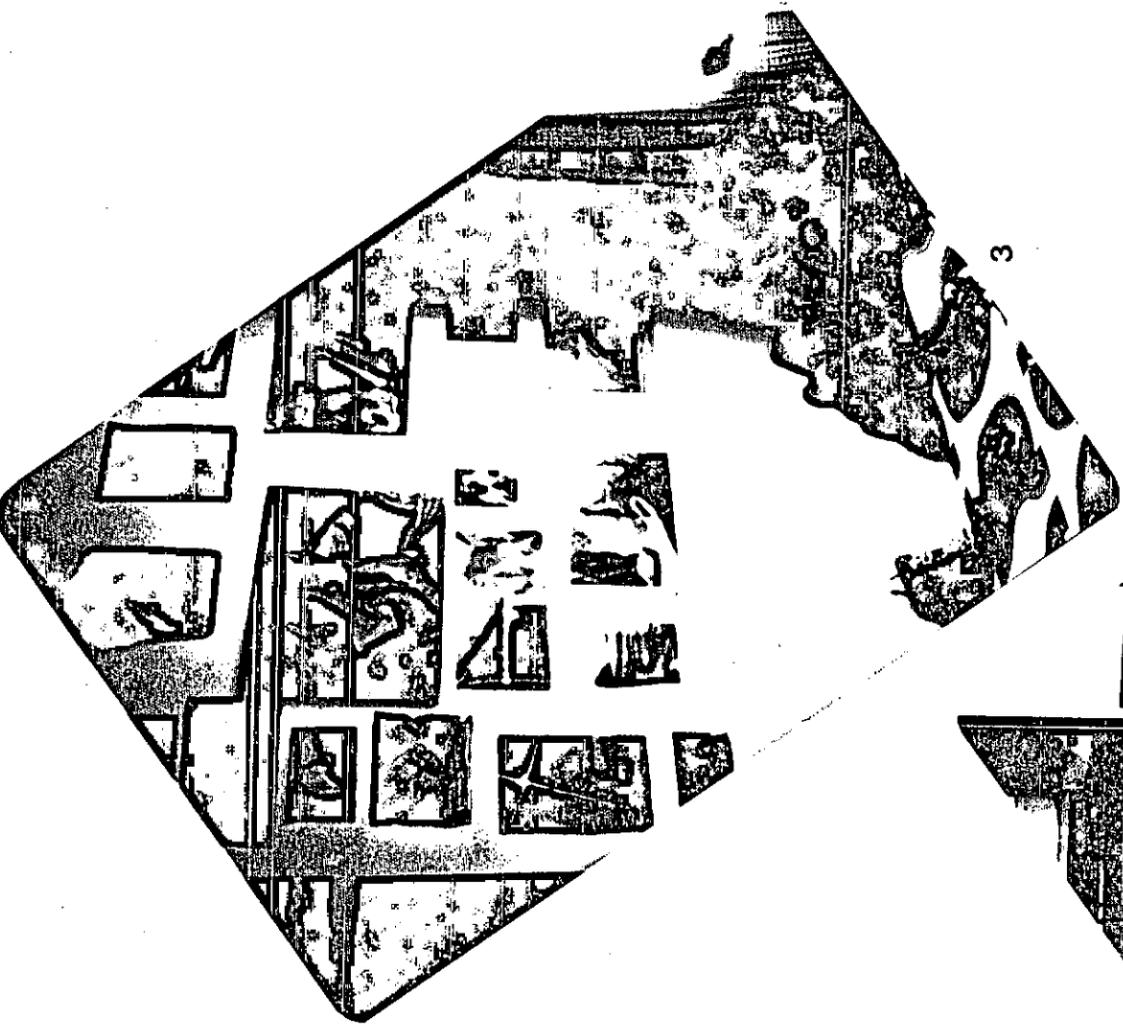
2



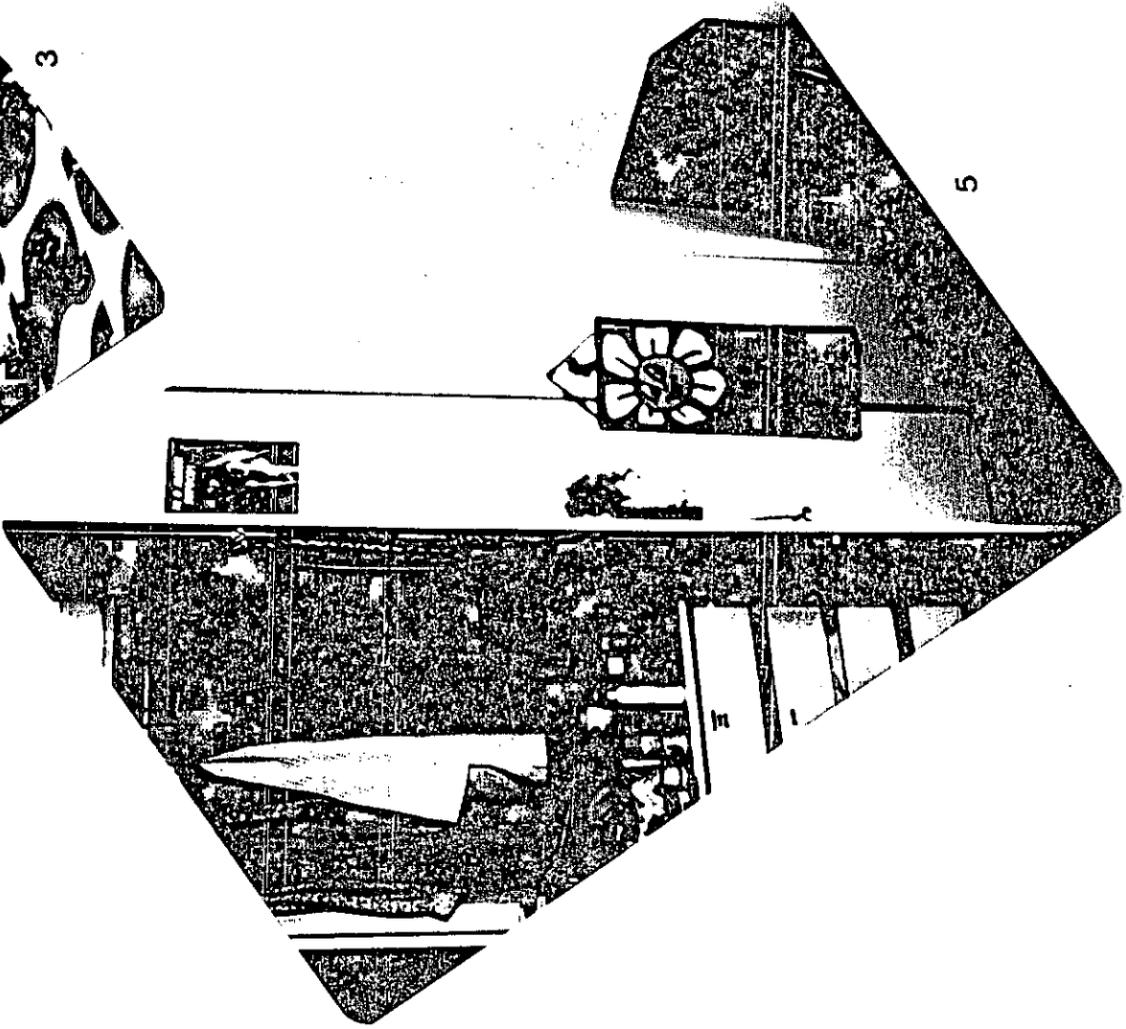
6



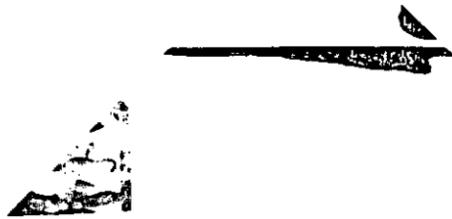
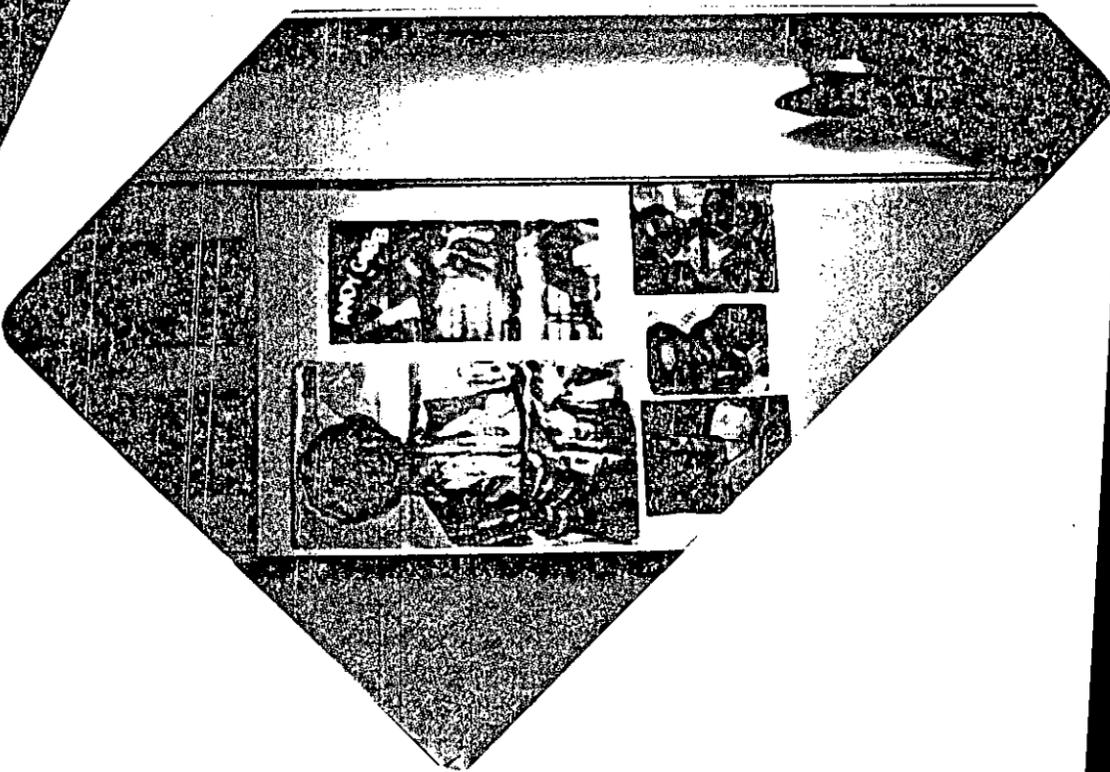
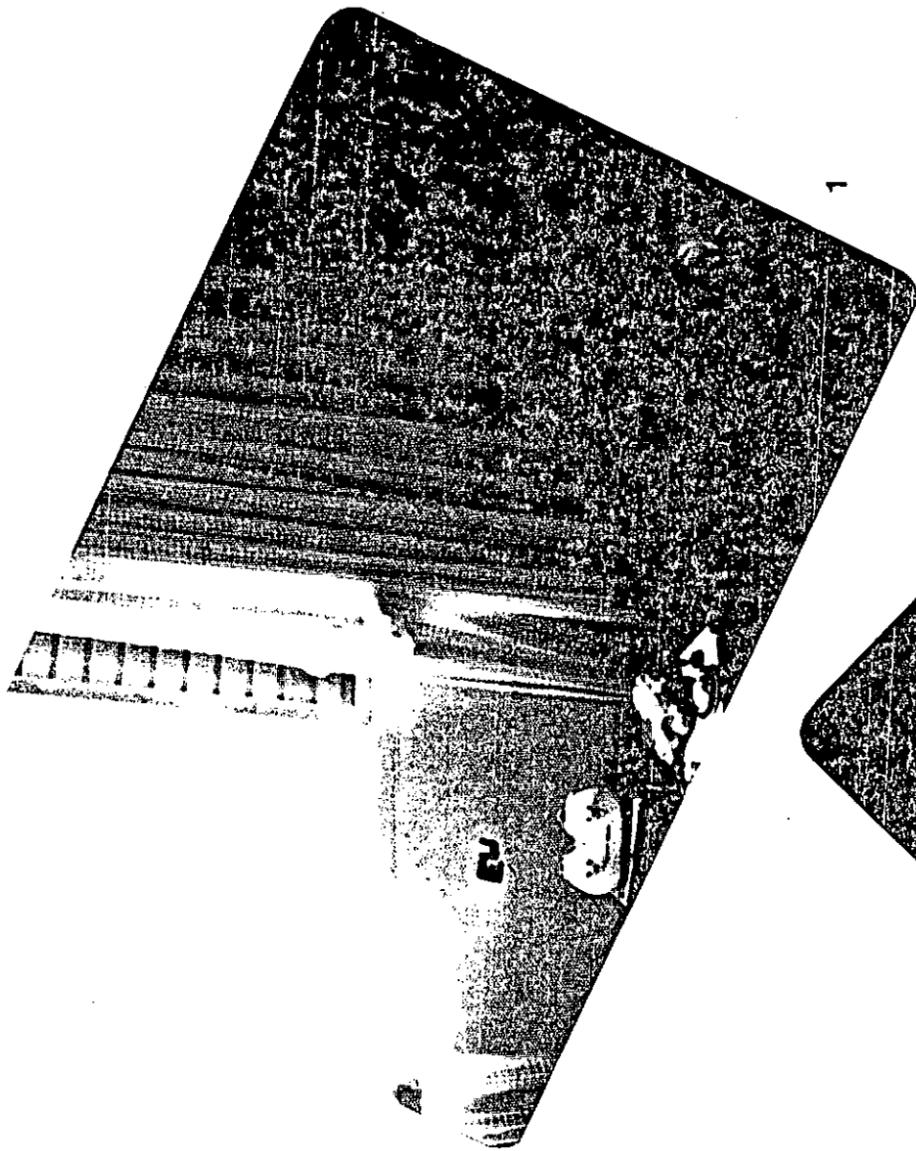
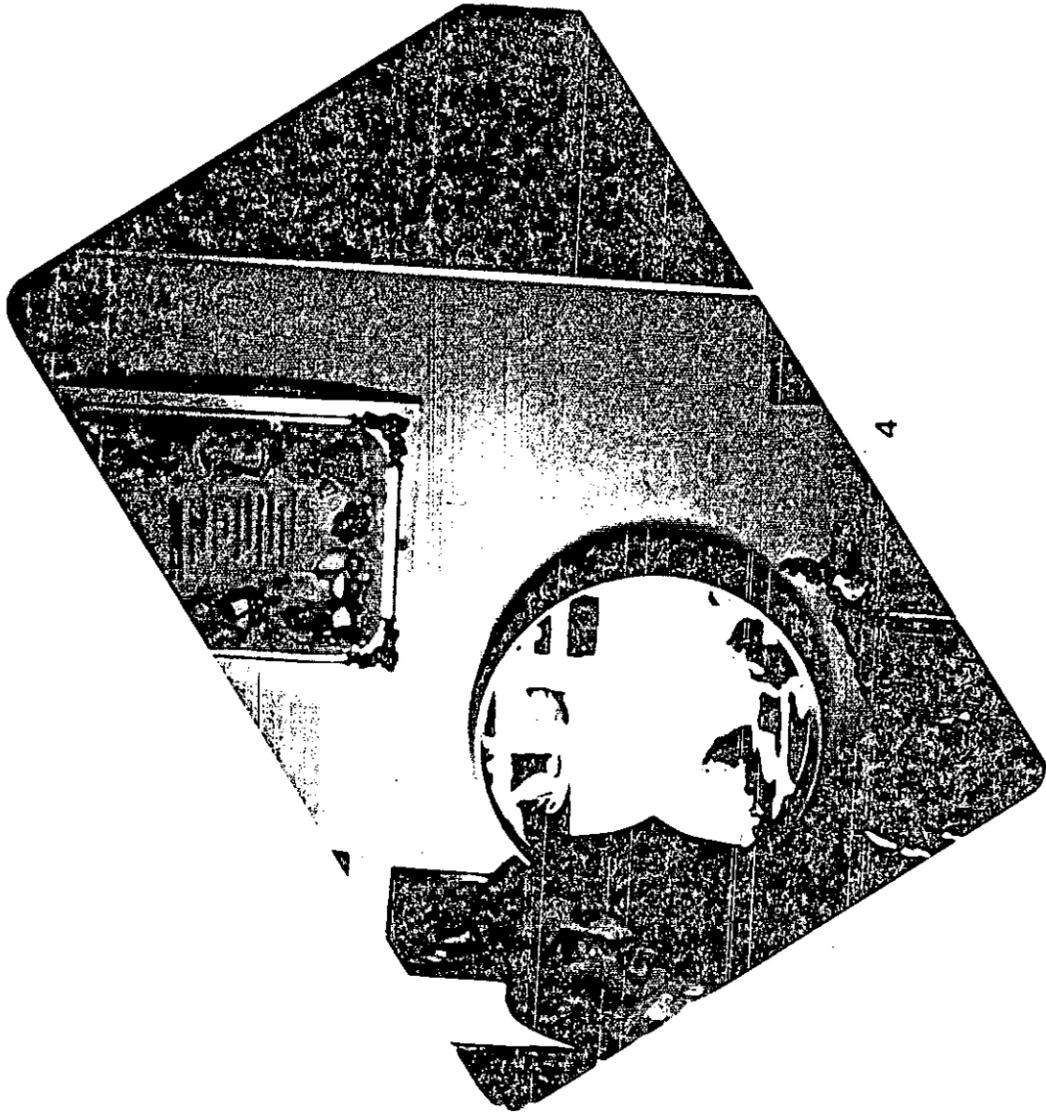
5



3



4





Leitura do quarto

- fachada do prédio: I, mora em apartamento, 14º andar. Morada despersonalizada; um em muitos apartamentos, anônima; prédio novo, classe média. Lugar comum de entrada, penetrabilidade vigiada.

- foto 1: visão do quarto a partir da porta de entrada. Direção frente - centro:
 - canto direito: mundo infantil, povoado com personagens animais e humanas.
 - Para a frente: tem a si mesmo como meta. É auto-centrada.
 - A contra parte do espaço externo é ela mesma, quer se prolongar por ele.
 - É esportiva (esquis aquáticos à direita), tem ligação com os pés, sendo área mobilizadora.

- foto 2: espaço externo visto de dentro.
 - Direção: centro
 - Diante de si tem o céu, construção anônima, vê o mundo de cima (14º andar). No limiar dentro-fora: Eu , novamente o auto-centrismo.

- foto 3: à esquerda, canto da cama:
 - Sobre a cama: dimensão infantil, primitiva, evidenciada por animaizinhos e miniaturas.
 - Na parede acima: o almejado, o sonhado.

Poster central: o romantismo, encontro amoroso trágico, Romeu e Julieta, cujo amor foi impedido de sobreviver e se concretizar através da rivalidade das famílias, nas figuras dos pais.

No entorno, o tema básico é a água: regatas, ondas, surfista, por do sol, veleiro.

Sua cama aparece como suporte desse mundo, voltado para fora.

- foto 4: à direita: no espelho, o lado esquerdo se reflete, se duplica.

Aqui, seu mundo se expõe em três facetas: infantil, religiosa-cristã e a intelectual, que aparece em miniaturas de livros.

- foto 5: armário

lado esquerdo: dentro

Cuidados femininos, cremes, perfumes.

A ordem interna não é igual à externa. É mais simples e sóbria, transparecendo espontaneidade na organização.

fora

esquerda: insinuação de sensualidade feminina, que parece proibida, exibida, vista através da fechadura (figura das coxas cruzadas da galinha).

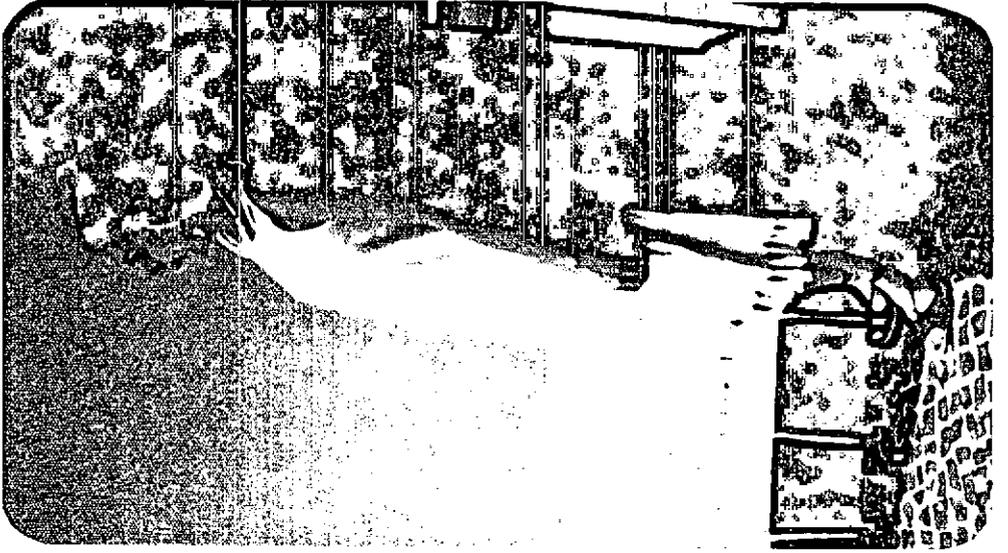
centro:

bonequinha de corda, desengonçada, está sobre a chave do armário: a chave de seu mundo interno é representada pelo feminino desengonçado.

- foto 6: lado direito: fora
em cima: "tá o maior sufoco!" pessoa com máscara con-
tra a poluição: problema de possível contaminação ex-
terna, do próprio ambiente criado.
em baixo: "tudo bem", minimiza a realidade no slogan
chavão: flor e amor!
dentro: vestimentas do feminino, armário abarrotado.
relação dentro/fora: feminino, correndo o risco de
contaminação ambiental.

- foto 7: atrás da porta de entrada,
mundo que vê quando está só consigo. Fantasias diri-
gidas para seus ídolos masculinos, artistas de TV e
cinema; o aspecto masculino é visto como padrão-bele-
za e estrelato.
O corpo (feminino) e cabeça (masculino) aparecem o-
cultados pela porta, quando aberta, representados pe-
lo violão e chapéu, proximamente ordenados.
Acompanha a ordem visual, novamente a sensualidade
proibida (figura das coxas de galinha cruzadas, vis-
tas através da fechadura).

- foto 8: lugar do quarto que mais gosta de ficar e ação cor-
respondente:
sentada no chão batendo a máquina.
Força uma inspiração intelectual que não está dimen-
sionada na estrutura geral de seu mundo, dada a posi-
ção restrita em que aparece.
Hipótese: Produção intelectual inibida, ocultada mas,
valorizada.



Leitura do corpo

de frente: equilíbrio do corpo na perna esquada; busca de apoio na parede, eixo voltado para trás.

Lado esquerdo mais pesado, por isso, mais baixo. Compensação muscular no lado direito, basicamente na pelvis, através da qual procura se encostar.

Observamos assim, um corte na cintura, onde a área sexual fica presa (atrás) e insinuatamente escondida na frente.

A insinuação é sugerida pelas mãos nos bolsos, na medida em que, escondendo, a evidencia.

A tradução efetiva é caracterizada pelo corpo de mulher da cintura para cima, e corpo de menina, da cintura para baixo, sugerindo assim, uma descontinuidade temporal; a tensão pélvica promove a falta de energetização fluida, o que poderia evitar o corte, e um certo receio em se colocar como mulher.

A compartimentalização corporal apontada, indica dificuldade de integração afetivo-sexual.

de costas: a tensão pélvica se mostra evidente, dado o prender das nádegas. Provavelmente I., não gosta de sua parte de trás; a tentativa que faz de verificar a aceitação dos outros, é percebida pela torção do pescoço e da cabeça: há um "rabo de olho" pela esquerda, sugerindo o receio e a vigilância em mostrar as nádegas presas.

O peso do seu corpo está fixado na perna esquerda; o equilíbrio compensatório deveria estar localizado

no lado direito, transversalmente colocado, porém, dada a torção do pescoço e cabeça, a compensação se dá justamente nessa região.

de perfil: lado esquerdo é mais pesado; suspende o ombro direito compensatoriamente.

Seu eixo está voltado para trás, por onde mantém o equilíbrio.

Isto sugere, a fixação no passado tal qual na posição de frente, promovendo uma atitude recuada frente ao presente e ao futuro.

Não estaria aqui impresso o receio apontado nas análises anteriores? A afirmação vem corroborada, novamente pelo "rabo de olho" vigilante e pela tensão na boca.

Por outro lado, I., mostra um corpo trabalhado, provavelmente através de esporte.

Síntese

I, evidencia sua experiência em diferentes espaços criados: espaços infantis, espaço das águas, espaços dos sonhos. Existe uma continuidade espacial, porém, apresenta descontinuidade temporal, contrastada na criança e no adolescente manifesto. I. sugere não conseguir se desligar da infância. Seu "presente" é projetado para fora, ou então vinculado à infância; não tem atualização.

Seu mundo é superpovoado, vivido fora de si e visto através dos olhos dos outros, experienciado na fantasia (placagem), nos heróis e também na atitude vigilante e alerta desempenhada na busca de aceitação.

No plano horizontal é criança, no vertical, pretende-se mulher. A colocação atual de sua feminilidade sugere uma dissociação entre as esferas afetiva e sexual; I esconde a região pélvica, insinua sua sexualidade, mas entre ela e o outro usa de objeto intermediário: se esconde através da jocosidade, do exibicionismo; a ordem interna corresponde a externa, no sentido de brincar de ser mulher..., sua sensualidade parece ser proibida.

Nesse enfoque, seu "redondo" construído se organiza periféricamente. O centro é vazio, lugar de passagem; seu eixo psicológico não é lugar de síntese; vive as periferias nas dimensões feminina/masculina, criança/adulto (fixação provável no passado infantil), deslocando a ordem da estrutura espaço-temporal. Tal deslocamento se traduz num corte horizontal

em sua experiência, cujas tensões não permitem a continuidade e fluência do estiramento.

A interrupção na ordem temporal e provavelmente, seu movimento de fora para dentro, um tanto obsessivo é uma maneira de evitar o risco da contaminação ambiental que ela própria promove.

A dimensão intelectual aparece inibida porém valorizada. Seus interesses se veiculam ao tema básico: esporte na água, indicando a possibilidade de I. vivenciar sua experiência mais na dimensão sensorial que intelectual.

Orientação:

Sugerimos um trabalho psicológico no sentido de colocar seus dinamismos internos nos devidos "lugares". I, necessita atualizar seu projeto de ser, vivendo o tempo psicológico peculiar da adolescência, reorganizando sua espacialidade.

Nome: M. S.

Endereço: Av. Rio de Janeiro 55

Bairro: Santo Amaro

Zona: Sul

Escola: Higienópolis (particular)

idade: 18 anos altura: 1.85 m

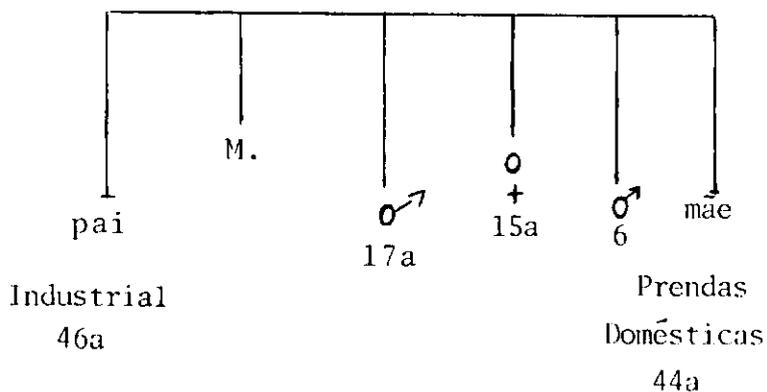
casa: X

comôdos: dentro: 4 quartos, 3 banheiros, 2 salas, 1 copa-cozinha
fora: lavanderia e dependências de empregada

jardins: rodeando a casa toda

quantas pessoas moram: 6

constelação familiar:

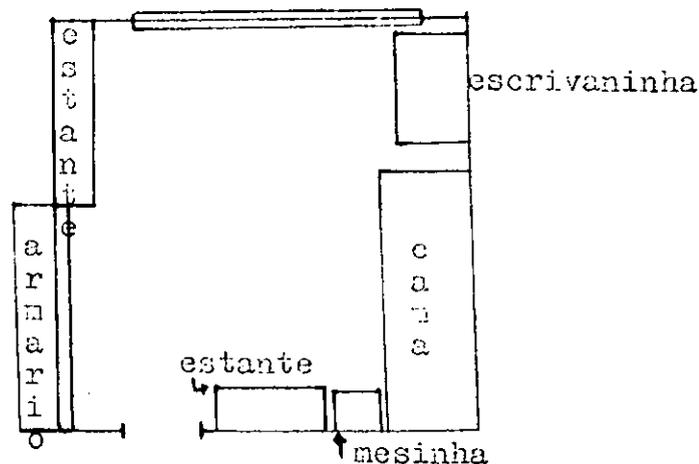


quarto único: tem

dimensões do quarto: 4 m x 4 m

lugar que mais gosta de ficar e ação correspondente: sentado na cama, estudando.

lay-out do quarto:



SANTO AMARO

Amaro, abade, nasceu no ano 513 DC., foi discípulo de São Bento, que desde cedo o apontava como modelo aos companheiros. Operou muitos milagres em vida, morrendo a 15/01/1585. Sua festa é celebrada em 15 de janeiro; é padroeiro dos carregadores, carroceiros, fabricantes de velas e agricultores.

O bairro de Santo Amaro ou Mauro, assim foi chamado porque o casal João Paes e Suzana Rodrigues doou uma pequena imagem de Santo Amaro para ser venerada na capela da catequese de Ibirapuera, veio constituir o nome do bairro a partir da extensão e pregnância que ficou conhecido em toda região.

No século XVI, desde a Fundação da Capitania de São Vicente, a Companhia de Jesus assumiu com a Coroa de Portugal, o compromisso de educar e evangelizar o gentio. Dessa forma houve um deslocamento de núcleos de portugueses para o planalto. Em 12/08/1560, os jesuítas tomam posse do aldeamento indígena de Virapuera, do outro lado do rio Pinheiros, ergue-se uma capela e a partir da fama do santo, até hoje Amaro, torna-se um núcleo de povoamento.

Em 1730, muda-se para o sítio atual, para cá do rio Pinheiros, adquirindo configuração de povoado fixo.

Sua população foi constituída primeiramente por brancos portugueses, destacando-se Pedro Dias e sua esposa Terebé. De seus filhos originaram-se figuras importantes para a história do bairro: Borba Gato - o bandeirante, Pe. Belchior de Pon

tes e Paulo Eirô, o poeta.

No século XVIII, aparecem os mamelucos, o engendramento da mineração e a conquista do indígena. As bandeiras estão no auge; e Borba Gato seguindo o exemplo do sogro Fernão Dias, inicia suas explorações pelo sertão.

A 14/01/1686, Santo Amaro torna-se paróquia, e a paisagem urbana até XIX constitui-se de três a quatro ruas centrais, várias chácaras rodeavam o povoado. Depois da proclamação da República, o governo passa a se preocupar com o povoado na medida em que servia de passagem para Santos e era área de expansão da cidade para o sul.

Os primeiros imigrantes começaram a aparecer. Destacou-se a colônia alemã, nessa região. As terras foram doadas por sorteio e às famílias que couberam terras mais próximas dos centros povoados, conseguiram educar seus filhos. Assim, os alemães influenciaram mais o sertão do que propriamente o núcleo, na medida em que foram logo acablocados pela vertiginosa falta de instrução. Todos se destinavam a atividade agrícola: a povoação não foi elevada à freguesia; não era dotada de pároco, de professor e nem intérprete.

Foi justamente a agricultura que propiciou o primeiro avanço do bairro. Os gêneros de primeira necessidade eram comprados dos agricultores de Santo Amaro, então considerado o celeiro da capital. Em 1832, a freguesia é elevada à vila, e para ligar o centro ao bairro, inaugurou-se uma estrada de ferro que penetrava o sul de São Paulo.

Nos primeiros anos do século XX, aparecem edifícios públicos: a Santa Casa, o hospital de caridade, novo grupo escolar, nova Igreja Matriz. Chegam os bondes.

A São Paulo Light and Power, constrói a represa de Guarapiranga em 1907, que é ampliada por águas de outros rios em 1924, tornando-se a Billings. Uma estrada de rodagem liga São Paulo às reservas da Light, incrementando o turismo na região. O aeroporto de Congonhas foi construído junto à essa estrada, hoje Avenida W. Luís, um melhoramento a mais para a importância de Santo Amaro.

O bairro se transforma em cidade, com prefeitura independente de São Paulo, e dada a sua descendência dos antigos colonos alemães, a região atraiu novos imigrantes germânicos.

Em 1935, Santo Amaro é novamente anexada à capital, incluindo uma zona rural vastíssima, cujas divisas atingem àquelas dos municípios de São Vicente e Itanhaém. Em 1948 foi feita uma tentativa de volta à autonomia, mas o projeto foi rejeitado pela Assembléia Legislativa. Em 1958, através de plebiscito, 93% da população votou contra; nova tentativa apareceu em 1963, porém infundada. Atualmente, ainda é foco de preocupação na medida em que dada sua distância da Sé, há a possibilidade de se expandir para o sul descentralizando-se ainda mais.

Sua cultura está vinculada à alemã e em menor escala à italiana; a população é heterogênea: russos, húngaros, ingleses, americanos e outros, distribuídos em operários, comerciantes, bancários, cargos de chefia de empresas particulares ou

indústrias locais. Sua principal função é residencial-loteamento das antigas chácaras deram lugar a um ótimo sítio para fixar residências. Há parte da população que se desloca para o centro de São Paulo, regressando do trabalho no final do dia ; porém com a recente expansão industrial, a permanência na região aumentou. Destaca-se também a função comercial e industrial, primeira localizada no Largo 13 de Maio e ruas adjacentes, e a segunda, foco de expansão da região, situa-se mais na periferia.

Fora a população abastada, antigos descendentes dos imigrantes germânicos, Santo Amaro também abriga imigrantes nordestinos, caracterizando parte do bairro com uma paisagem pobre e rústica. O centro do bairro, antigo centro da cidade de Santo Amaro, quando autônoma de São Paulo, guarda qualidades interioranas, evidenciando recursos econômicos canalizados num comércio simples e bairrista.

Limites:

- com o município de Itapeverica da Serra: começa no rio M'Boi Mirim, na foz do córrego Jaraú, sobe por este até sua cabeceira mais ocidental.

- com o município de Embu: continua pelo espigão que deixa, à direita, as águas da Guarapiranga e à esquerda as do rio M'Boi Mirim; ganha a cabeceira mais meridional do ribeirão Pirajussara.

- com o município de Taboão: da cabeceira do ribeirão Pirajussara desce para oeste até sua confluência com o ribei-

irão Poá.

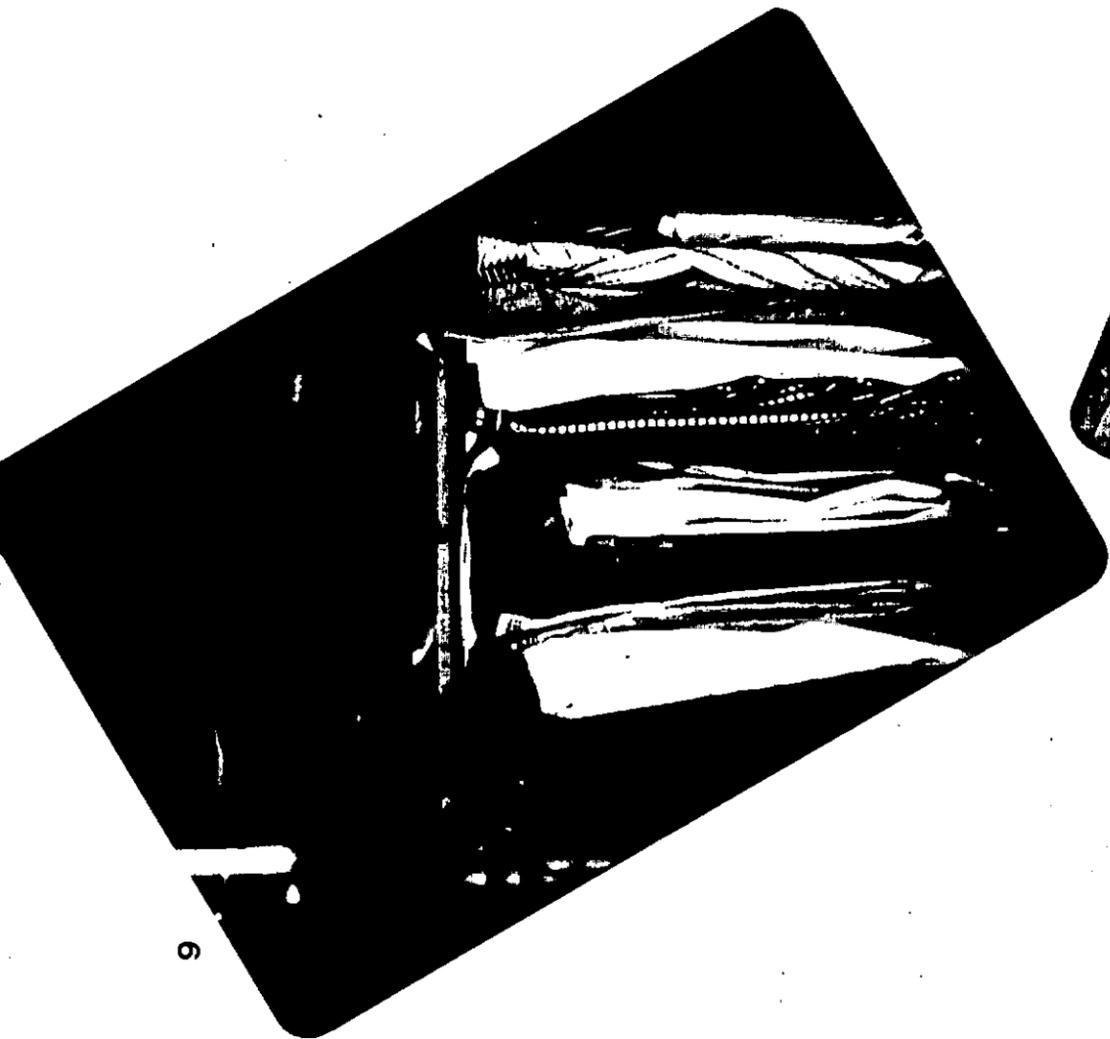
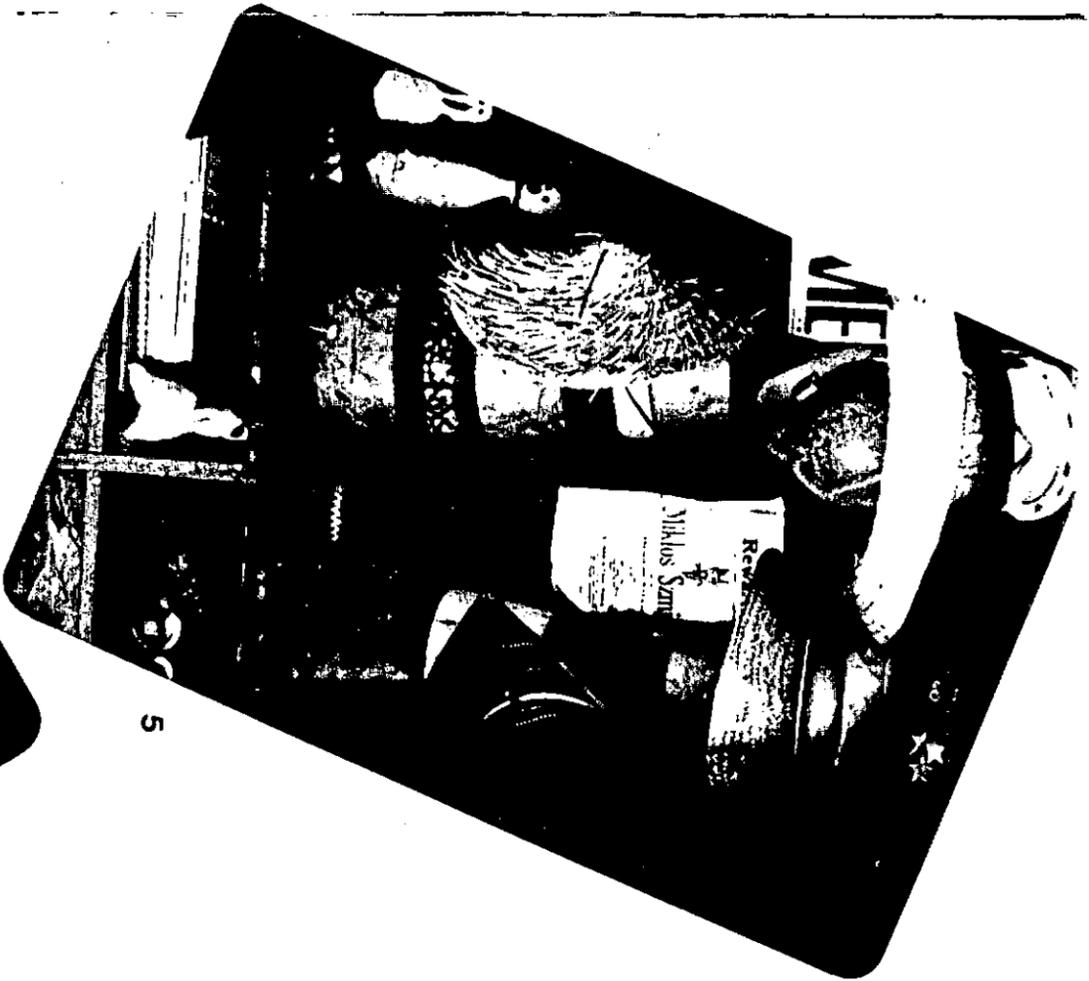
- com o subdistrito do Butantã: começa na confluência dos ribeirões Poá e Pirajussara, desce por este até a foz do córrego Pires.

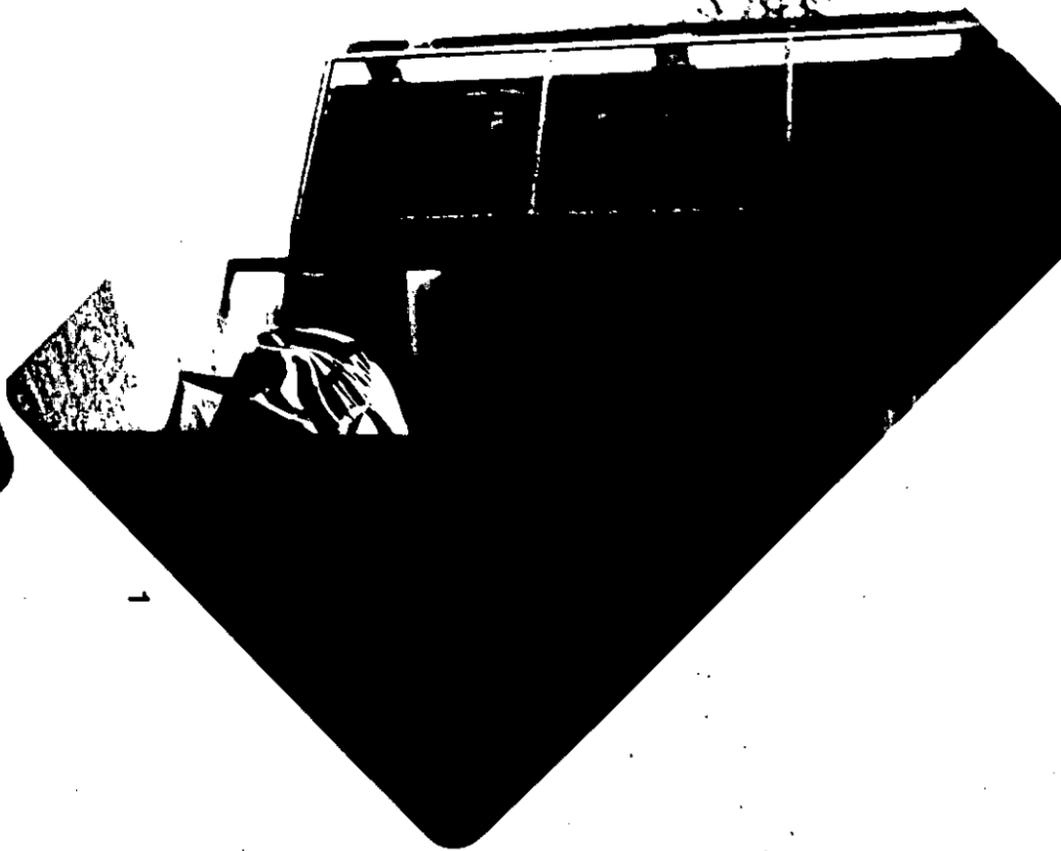
- com o subdistrito de Ibirapuera: começa na confluência do ribeirão Pirajussara com o córrego Pires, segue pelo espigão que deixa, à direita, as águas deste último córrego, passa pelo alto do morro Morumbi e continua pelo espigão até atingir a cabeceira do córrego do Pau Arcado, pelo qual desce ao rio Pinheiros e por este ainda até formar o eixo da rua Bela Vista, que percorre em toda sua extensão até o cruzamento com a rua General Osório; vai em reta até a ponte do rio Itapura sobre o córrego do Cordeiro ou Cupecê, pelo qual sobe até sua cabeceira mais meridional.

- com o município de Diadema: começa no espigão entre as águas do rio dos Meninos de um lado, e as do rio Grande ou Jurubatuba do outro, na cabeceira mais meridional do córrego do Cordeiro ou Cupecê; segue por este espigão até a cabeceira do galho da direita do ribeirão Grota Funda, pelo qual desce até o reservatório do rio Grande ou Jurubatuba.

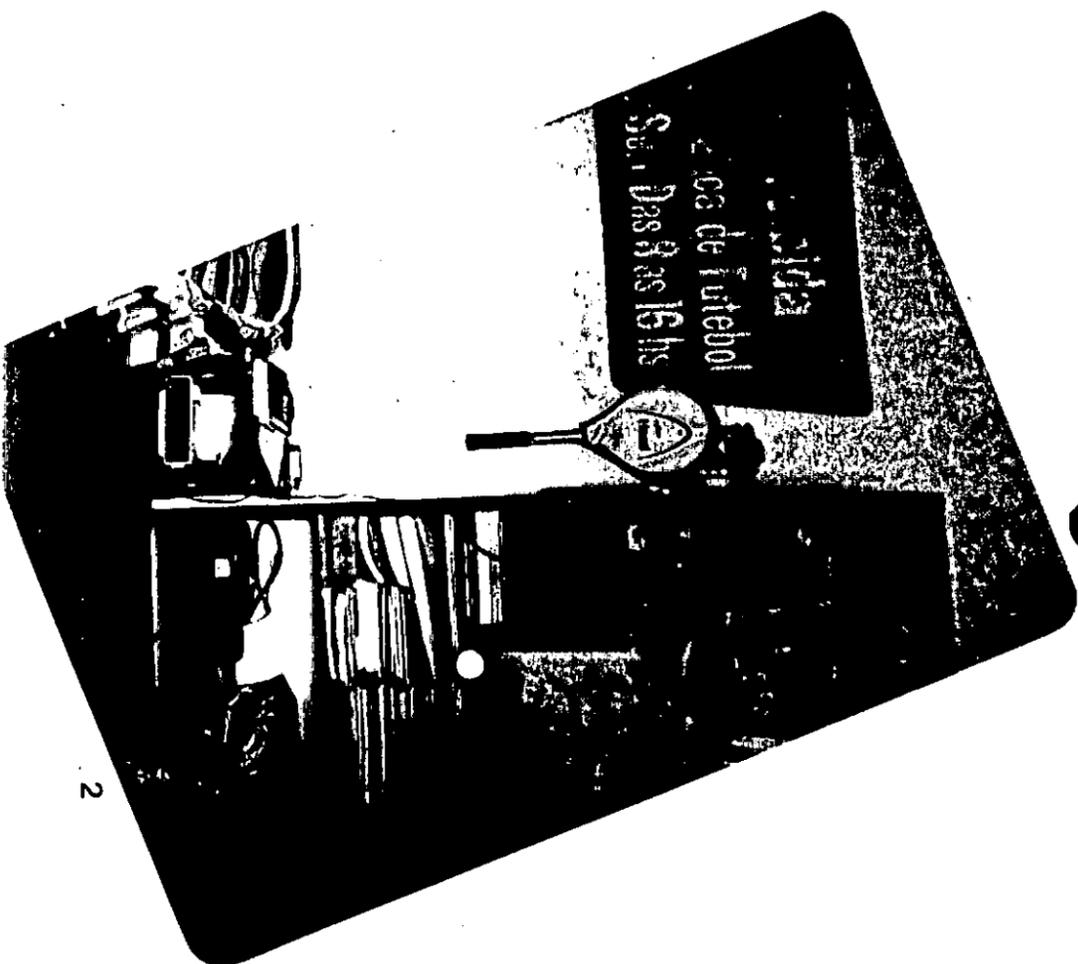
- com o subdistrito da capela do Socorro: começa no reservatório do rio Grande ou Jurubatuba, onde desemboca o ribeirão da Grota Funda, segue pelo leito daquele até o canal de ligação do rio Guarapiranga; daí, em reta, até a estrada do M'Boi Mirim, até o rio do mesmo nome, pelo qual sobe até a foz do córrego Jaraú.







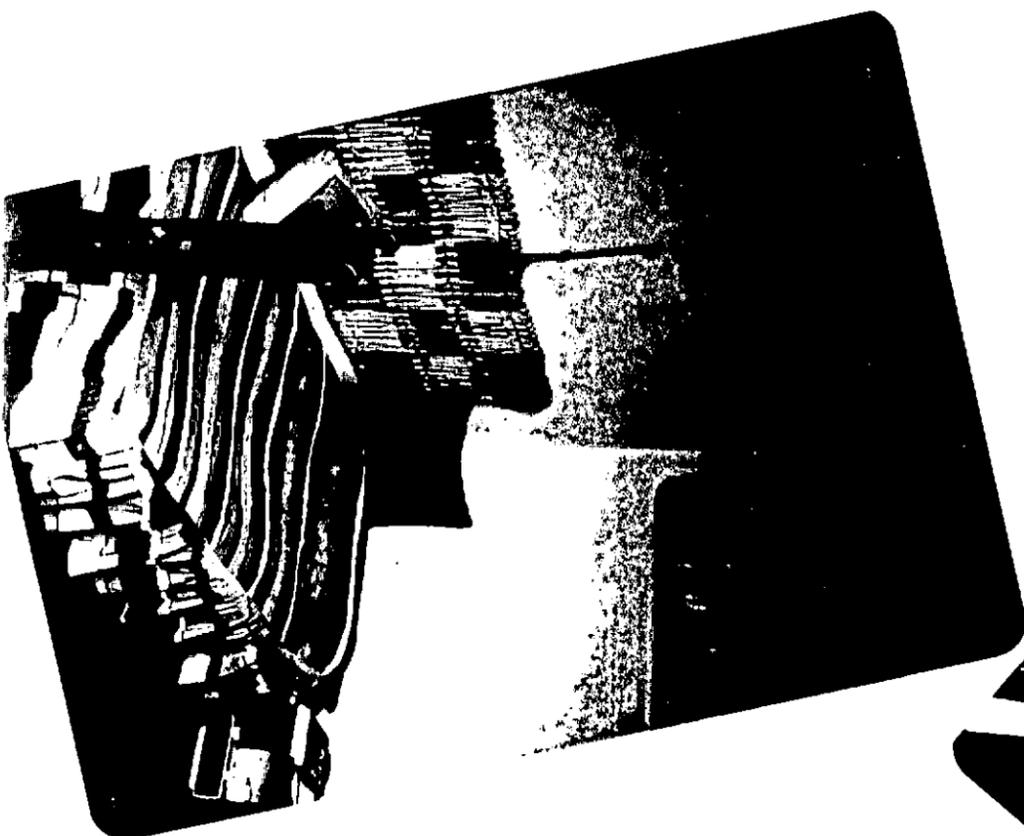
1



2



4



3



Leitura do quarto

- fachada da casa: rua de terra, espaço-vegetação, oculta a parte construída, revelando o muro. Observamos um caráter campestre abundante, primitivo, permeando a entrada da casa. Seu limiar é protegido, guardado, com penetrabilidade concedida através de permissão dos moradores.

- foto 1: visão do quarto a partir da porta de entrada.
Direção: frente/centro/espço externo:
o projetar-se para o futuro vem explicitado por uma área verde, o jardim interno da casa; natureza, sensibilidade/primitividade.
Porta aberta oculta a escrivaninha, local de trabalho intelectual, dando visão às perspectivas e ambições futuras.

- foto 2: visão da porta de entrada à direita:
placa de rua roubada, estante com divisão em três níveis: em cima - livros, objetos decorativos (coca - coca, ladrilho).
centro - pastas, apostilas empilhadas, organizadas; farolete no centro, pendurando na parede; um cantil e fio do relógio que o liga na tomada.
embaixo - máquina em caixa, encapada.
M., rouba o proibido do proibido; deseja ter o que ninguém pode ter (roubos), e traz "tudo sob controle"; excesso de organização.

- foto 3: à direita:
criado - mudo
 ↓
 área de
 interesses

livros e radinho (em cima)
→ próximos, o intelectual e a sensibilidade
→ relógio elétrico (em baixo)
organização temporal

cama

- acima da cabeceira: cartaz de proibição do movimento do corpo no horário útil.
- no canto, cama enfeitada com babados, almofada de canto, tapeçaria como encosto. Sugere um aspecto "almofadinha" de sua personalidade, tudo 'arrumadinho'. Hipótese: isso pode traduzir uma dimensão feminina cuidadosamente colocada?
- ao lado acima: placa de interdição de obras das SABESP, roubada. Aqui novamente o proibido é verificado.

Percebemos que a semiologia espacial do quarto de M., se explicita como um "topos" organizado, contrastando com a análise a seguir cuja desordem na área de produção intelectual provoca uma divisão nas dimensões masculina e feminina.

- foto 4: escrivaninha no canto.

Entulhado de objetos: pedra, vela, calendário, cestinho, chocolate, prato com moedas, correspondências, papéis; em cima - moldura com papéis, adesivo de proibido, disco, sugere falta de espaço para tra

balhar intelectualmente, promovendo dispersão, de vido a estimulação exacerbada.

A direção do olhar para o alto, esbarra no proibido.

- foto 5: à esquerda:

lugar de destaque: em cima - coleção de chapéus apoiados em cones de sinalização de impedimento para passagem. O trânsito é proibido, assim como o reprimido também o é.

No centro se identifica numa cédula o próprio nome, sua imagem é caricaturada na figura de um bandido, onde se lê: procurado. Provavelmente pela polícia. Consideramos esses índices como deslocamento da organização espacial do redondo: o sexual é proibido e "turtido" ao mesmo tempo.

Acompanham novamente placas de proibição: é proibido estacionar e não fume.

Destacamos outra vez uma divisão na organização desse topos. Em cima, pela leitura já feita, a característica exibicionista é pregnante e a seguir, a discrição é mantida. O embaixo da estante, dividido em compartimentos, onde livros, bicho de pano, binóculo, gavetas conservam uma sobriedade.

Comparando a foto 4 e 5, cujos locais evidenciam uma oposição na organização dos objetos, salienta-se um deslocamento claro da área intelectual: sua cabeça é deslocada para a esquerda onde aí aparece exageradamente organizada. (ver no lay-out que a cole-

ção dos chapéus, está em frente da escrivaninha desorganizada).

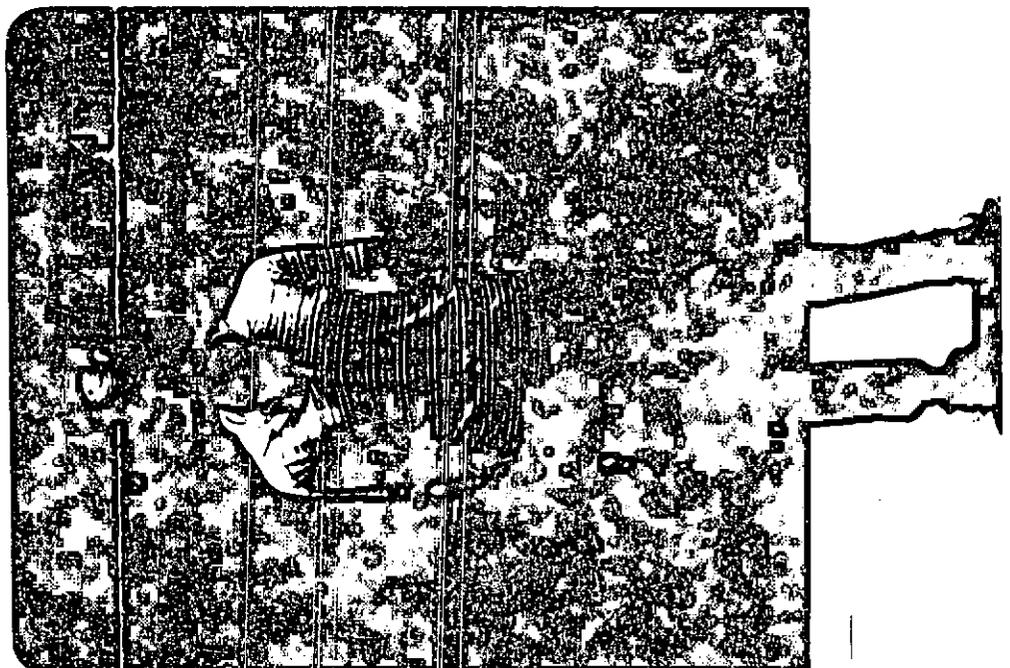
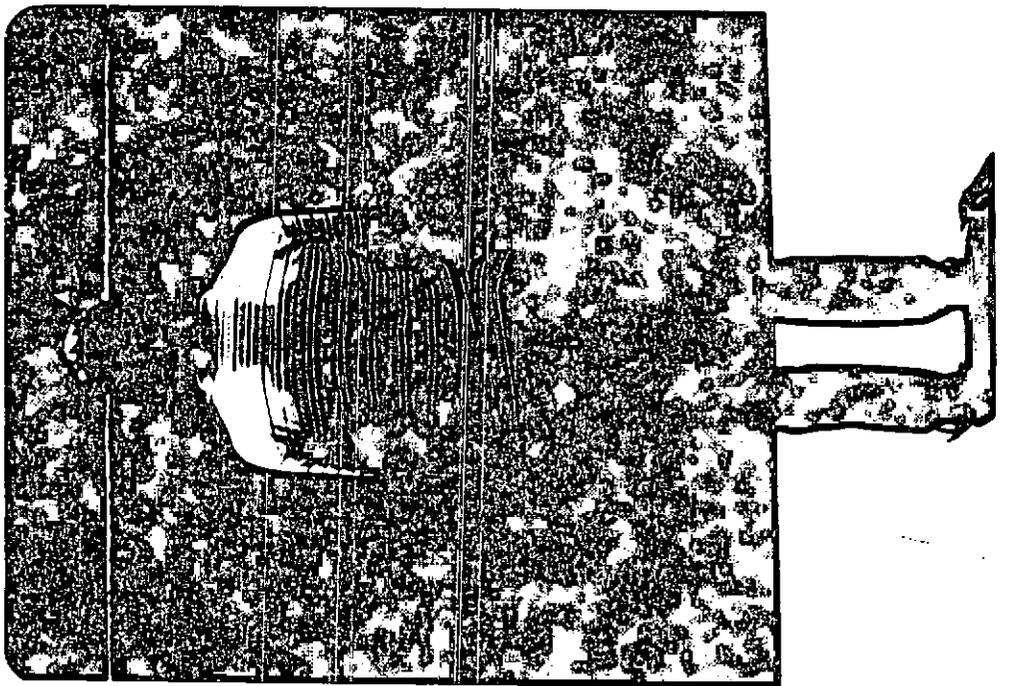
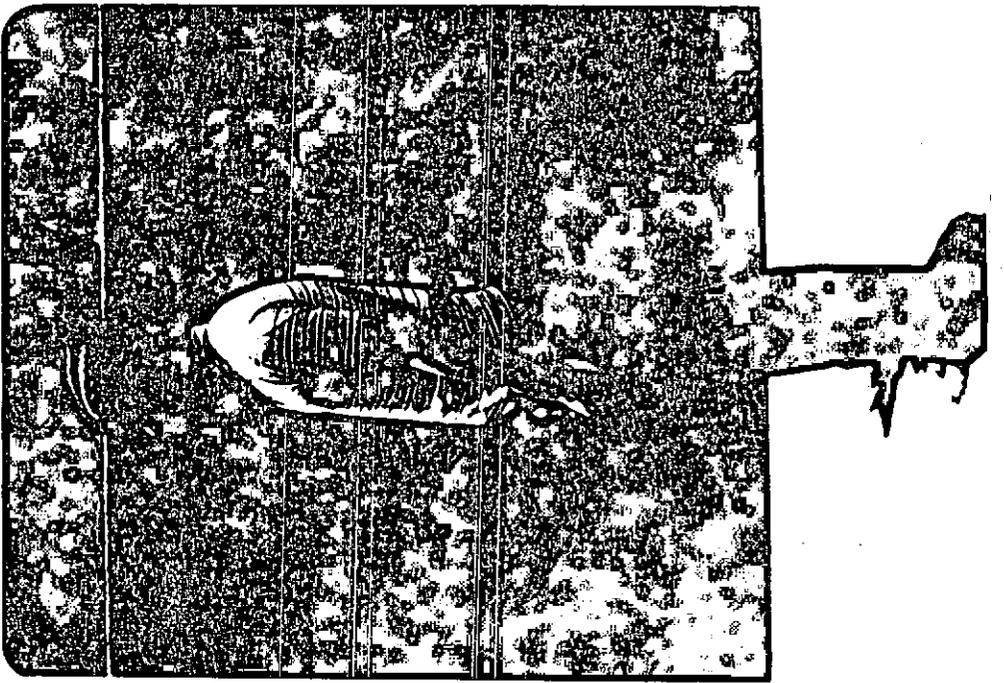
- foto 6: armário (à esquerda).

Roupas de bom gosto (camisas de seda, etc.) abundante, arrumada, rica. Importa-se com o vestir, valorizando a apresentação externa. No interior de si tem preocupação com a aparência.

- foto 7: lugar do quarto que mais gosta de ficar e ação correspondente:

"sentado na cama lendo".

Sua preferência é estar à vontade no seu espaço feminino, deslocamento do seu aspecto masculino.



Leitura do corpo

de frente: peso do corpo na perna direita, sendo justamente por este lado que o corpo se equilibra. Apesar disso, e existe um encolhimento do tronco direito superior, e evidenciando o lado oposto, como o mais desenvolvido, trabalhado e mais solto.

Apontamos um deslocamento corporal entre as lateralidades, sugerindo que a dimensão masculina de M. , está apertada e encolhida, sendo lugar de tensões a fetivas.

O esperado seria justamente o equilíbrio compensat^orio pela esquerda; porém isso não ocorre na medida em que M. , "segura-se" pela direita, prendendo por aí suas possibilidades.

O esquerdo, é posto, "colocado".

de costas: o deslocamento do eixo do corpo é feito pela direita. O peso do corpo é carregado por esse lado, e o fechamento dos músculos peitorais da direita evidenciado na leitura do corpo da frente, é esclarecido aqui.

O peso da dimensão masculina, localizado nas costas, provoca inclusive uma tensão na cintura, através da qual as nádegas ficam mais proeminentes, deslocando a pelvis para a frente, dado o esforço que M. faz para que seu lado esquerdo, feminino, fique bem posto.

de perfil: lado esquerdo, recuado em favor do direito.

O tronco inferior para a frente, pelvis acompanha essa direção.

Síntese

M. passa atualmente por deslocamentos prováveis nas dimensões masculina/feminina. Seu "redondo" assim aparece deslocado nessas áreas qualificadas.

Na medida em que rouba o proibido, gosta e mostra que gosta de transgredir os limites frente autoridades, frente a leis, sugere distorções do real, daquilo que não é permitido em detrimento daquilo que é. Identificamos aqui, um conflito entre o permitido e o proibido.

A lei roubada, transforma-se em repressão interna, e possível deslocamento do objeto de desejo. Levantamos por outro lado, que essa evidência pode também ser caracterizada por uma adesão social: o grupo ao qual pertence pode ter como valor o roubo do proibido, daquilo que simboliza a interdição, o não. A aderência ao grupo pode também estar levando M, a praticar tais ações. Porém, ressaltamos que a organização de sua intimidade, tal qual é realizada e lida, denuncia essa peculiaridade também como sendo sua. M. brinca e realiza a brincadeira, decora seu mundo com o roubo. Há prazer e exibição ao mesmo tempo; transparece uma força falsa; se identifica com o bandido; roubando o coletivo, faz mal à uma dimensão coletiva: agride a todos.

Sua organização interna, assim é perifericamente ordenada cuja essência é de ataque agressivo.

Seu espaço é ocupado pelo proibido habitado.

Há, decorrentemente, uma desordem na área de produção intelectual, provocada pela falta de espaço para concentração. Provavelmente se dispersa em fantasias.

Fantasias homossexuais podem aparecer, denotando a manipulação pela imaginação, do deslocamento apontado.

M. é externamente organizado, controlado, mostrando em contrapartida: sensibilidade, criatividade, valorizando a dimensão estética do mundo.

O esporte aparece como área de interesse, refletido no corpo trabalhado, energetizado.

Orientação:

Sugerimos uma pesquisa em nível familiar para identificar as regras do "sim" e do "não", e também, um trabalho psicológico, no sentido de descobrir e/ou recuperar sua força real.

SÉ

O bairro da Sé nasceu em 25 de janeiro de 1554, no Pátio do Colégio, embora encontramos vários autores afirmando ser anterior a essa data. Falar do bairro da Sé implica necessariamente dizer da fundação da cidade de São Paulo. São Paulo nasceu nesse bairro e até 1800 Sé e São Paulo constituíam uma só coisa. São Paulo começou a crescer em volta da Igreja e Casa do Colégio. Tinha por limites os conventos com respectivos largos: São Bento, Carmo e São Francisco.

O Largo da Sé, antes fora chamado de Pátio da Sé, bem amplo para o bairro e quase contemporâneo do Pátio do Colégio. Inicialmente era a quarta parte da superfície atual. Nele desembocavam ruelas e becos, beco dos Mosquitos (hoje rua Felipe de Oliveira), rua da Esperança, rua do Quartel de S. Gonçalo. Na rua da Esperança, ergue-se a primeira Igreja da Sé, simples e modesta. Em 1745, uma reforma é feita, acontecendo uma mais vultuosa em 1764. Era assim:

"Tinha a estrutura de uma cruz latina. Nobre escadaria de granito, dando acesso à entrada principal. Havia uma reentrância do lado direito aproveitado para estacionamento de carros de aluguel. Com o surto cafeeiro, a cidade enriquecida procurou melhorar o seu templo maior."

(Barros Ferreira; 1971:49)

Em 1884 foram feitas reformas de certa amplitude consideradas ainda insuficientes. E, assim, no começo do século

era decidida nova transformação de vulto. Sacrificou-se a Igreja de São Paulo da Pedra, erguida em 1749, e que ocupava o terreno onde hoje se encontra a Caixa Econômica Federal. O incêndio do Teatro São José, deixara um grande espaço vazio. Surge, então a atual Sé, ao fundo da qual começou a ser construída a nova catedral em 1911. Como predominava grande confusão, o estilo "art-nouveau" fazia furor, o velho colonial parecia coisa do passado; decidiram os promotores do novo templo adotar o modelo das grandes catedrais da Idade Média. E assim, foi projetado o novo templo em estilo gótico; ainda não estava conhecido o nosso estilo barroco nos primores do Aleijadinho.

A cidade foi resultado da Freguesia da Sé, seu primeiro bairro, quase predestinada pela sua topografia: no alto da Colina entre o rio Tamanduateí e Anhangabau. Cresceu funcionalmente e de acordo com as necessidades locais e pelo templo. A partir desse núcleo histórico, a capital paulista apresentou uma forma de expansão concêntrica, com um centro de irradiação em várias direções.

O bairro da Sé, constitui um compêndio de ensinamentos. Nele surgiram os melhoramentos públicos e, aí foram experimentados.

Em 1901 inicia-se um verdadeiro sistema metropolitano pela conjugação das trilhas dos bondes. Com eles, a iluminação progride lentamente: tochas de fogo, luminárias encaixadas em locais próprios nas fachadas das casas, lampiões a querosene, a gaz; e em 1900, a eletricidade.

A partir dessa data, a Sé começa a perder as características de bairro: sua função residencial vigente no império, é substituída pelo valor do emprego de capitais. O comércio toma grandes proporções e o Viaduto do Chá, é marco de importância no comércio da Sé: antes dele, a função comercial é presente porém mais despojada e simples; depois dele, o requinte e o refinamento tanto em termos dos produtos vendáveis como em relação ao pessoal que o frequentava.

E, 1934, Na Praça da Sé é estabelecido o "marco zero", início, gênese, umbigo da cidade. Aí, foi sede a Justiça, com seu Tribunal instalado; centro de diversão com os cinemas e teatros; os monumentos, os jornais, a Faculdade de Direito de São Francisco, os bancos e as casas de especulação econômica e comerciais.

A metamorfose do bairro devido a riqueza do café, o advento de construtores italianos integrando a grande massa de imigrantes peninsulares e a urgência de aplicação de capitais consequentes do "rush" cafeeiro, promoveu a urbanização da cidade: ao antigo bairro da Sé coube uma urbanização de cidade italiana.

Depois da segunda guerra mundial, São Paulo ficou diferente.

Surgiram os loteamentos com as mesmas características de hoje e a Sé deixa, definitivamente de ter função residencial; agora é o centro, onde o edifício é olhado com função comercial.

Em 1979, a Praça da Sé é novamente reformada, o paisagismo hoje aparece com um novo jardim e chafarizes de um la - do; de outro, guarda ainda lembranças do passado, - a catedral - uma parte antiga que serve de palco para camelôs, passagem para as pessoas que hoje lá trabalham, ou mesmo para desocupados, "trombadinhas", engraxates e pessoas que vão às compras.

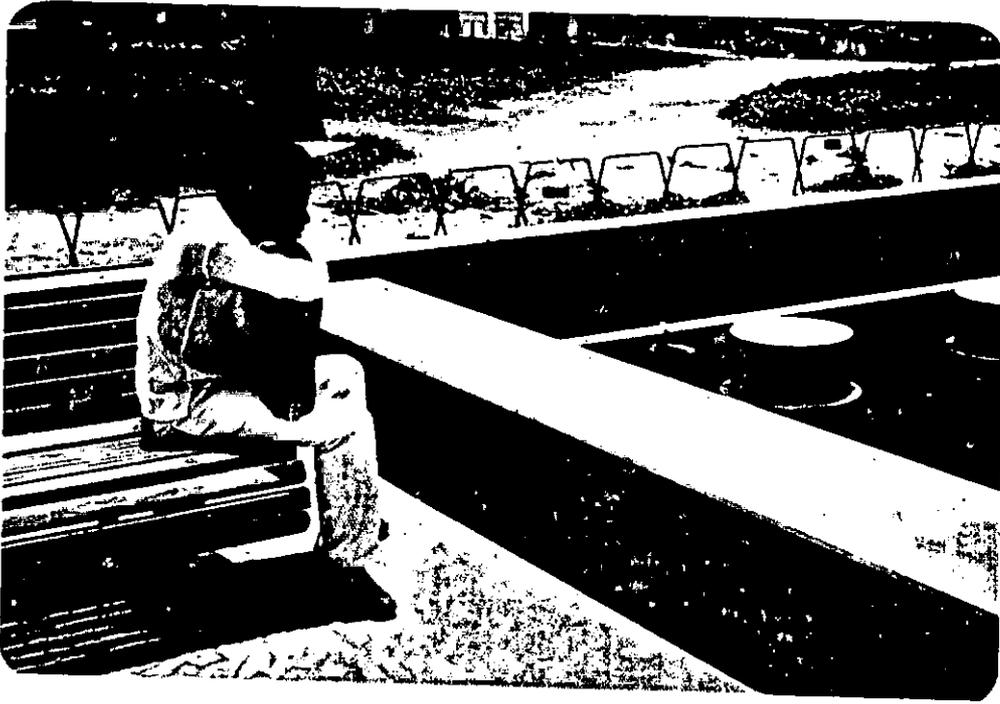
O centro, a Sé, é povoada pela população da periferia em maior escala. Hoje, a praça é do povo; o lugar mais impregnado de história da cidade de São Paulo, é "passeio".

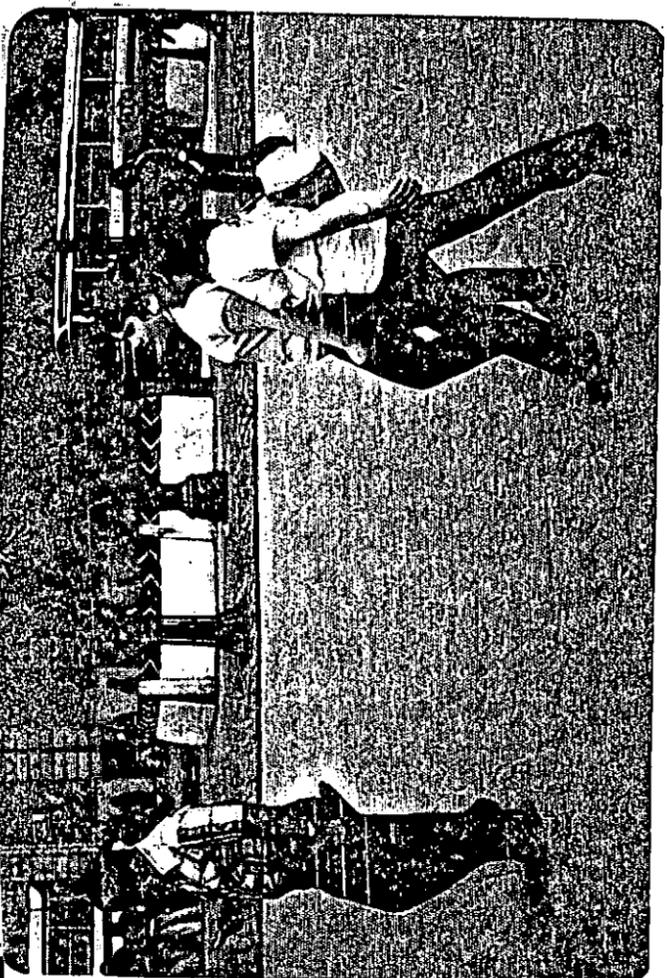
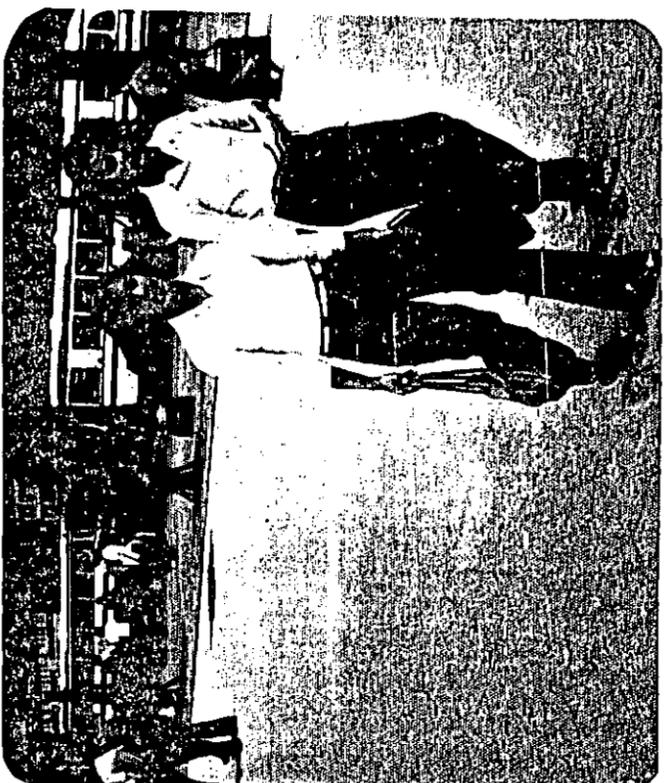
Limites:

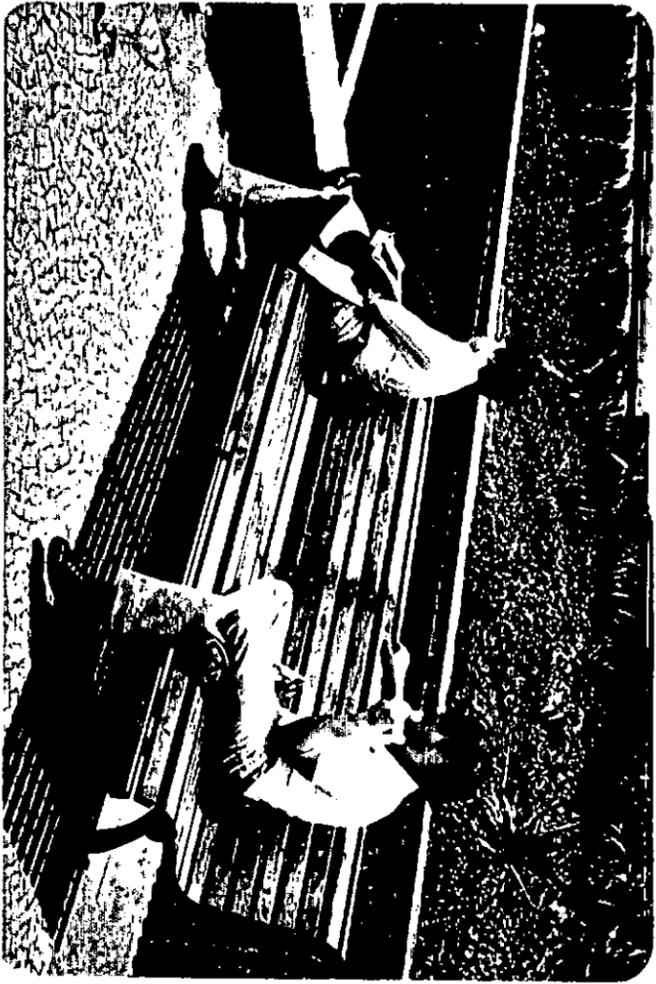
Atualmente a Sé é uma das doze Administrações Regionais em que a capital paulista foi dividida, de acordo com o plano da descentralização administrativa. Assim, tem como limite extremo sul, a Avenida Paulista, seguindo pelas ruas Paraíso, Topázio, Machado de Assis, José do Patrocínio, Kimbô, um trecho da Coronel Diogo até a Avenida Lins de Vasconcelos, pela qual desce. Em seguida, desenvolve-se pela rua Barão de Jaraguá até atingir a Avenida Alcântara Machado, continuando por esta até a rua Domingos Paiva, passando a rua Monsenhor Andrade até a rua João Teodoro, e por esta até a rua Paraíba. Continua pela Avenida Dr. Carlos de Campos, pela marginal esquerda do Tietê e por esta prossegue no trecho chamado Elizabete Nobiano, continuando até a Avenida Rudge, atingindo a Avenida Pacaembu, que faz uma espécie de vértice de grande ângulo agudo com a larga artéria que corta a várzea do Bom Retiro. Continua pela Avenida Pacaembu e ao chegar a praça do Es-

tádio segue pela avenida lateral denominada Paulo Passalágua .
Ruma depois em direção à Rua Fagundes, acompanha a rua Major
Natanael até a Avenida Dr. Arnaldo e por esta, atinge a Aveni-
da Paulista.









VII. Discussão e conclusão

Se, falar de espaço é se reportar à uma cosmologia; é se remeter à criação do mundo, é reconstruir a origem;

Se, falar de adolescente é afirmar a construção de sua identidade,

Então, pode-se paralelizar:

Construir sua identidade é:

- colocá-lo como arquiteto de seu mundo íntimo a partir da reconstrução de sua origem;
- expressar sua intimidade na igualdade:

corpo = casa = cosmos

ou

corpo = quarto = cosmos

Nossa hipótese, agora verificada e confirmada, adquire caráter conclusivo em várias direções.

De fato, o adolescente se coloca como arquiteto de seu mundo íntimo na construção de sua identidade. Pela dinamização do herói que trás dentro de si, transgride o espaço dos adultos, atualizando seu projeto de ser.

Falar de adolescente é falar de espaço e de tempo. Espaço porque seu desenvolvimento bio-sócio-individual provoca uma ruptura no mundo infantil. Tal qual uma bolha de ar, a brecha rompida abre novas dimensões do existir. Tempo, porque as mudanças ocorridas se orientam na espera dialética, onde pequenas sínteses vão fortalecendo e edificando seu eixo psicológico. Esse tempo, quando vivido em essência pelo adolescente se traduz no ego-espaço-temporal que envolve o reconhecimento de que ele é uma pessoa única, dentro de uma determinada sociedade, com um passado presente e futuro particulares. Nesse sentido, identidade aparece como um conceito ampliado.

Construir sua identidade, construir o espaço primitivo, aquele da morada do homem, representa a tarefa do adolescente. A dialética centro-limites simboliza sua arquitetura, e é justamente nessa construção que sua intimidade se equipara ao espaço mítico, o qual se define pelos limites e demarcações, constituindo seu espaço sagrado, aquele do real e das significações.

Na praxis, a homologação corpo = casa = cosmos, também foi verificada e vivenciada.

No dizer de Bachelard, "a casa é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, lembranças e os sonhos do homem Sem ela, o homem seria um ser disperso Ela é corpo e alma. É o primeiro mundo do ser humano" (1967:26).

Nesse trabalho, o quarto, miniatura das propriedades da casa, assume sua função também. O "grande" está no "pequeno" desde que seja possível uma correspondência sem perdas da essência de ambos. O quarto do adolescente pode ser equiparado à sua casa. Essa postura mítica-fenômenica, nos leva a evidenciar estruturas invariáveis na função de habitar do adolescente.

A função de habitar é predicado espacial. Sua semiologia própria, índices pictóricos, aqueles de correspondência com o espaço mítico, foram encontrados na organização manifesta em cada quarto.

A análise da arquitetura é, assim, diferencial. Em cada quarto estudado, percebemos a personalidade projetada nos locais onde a organização dos objetos, identifica as particularidades de seu proprietário.

Em se tratando de adolescentes, pudemos observar a relevância das organizações periféricas em detrimento daquelas centrais. Ora, na medida em que adolescência é compasso de espera dialética e construção, a organização nos limites do quarto evidenciam justamente o processo dinâmico da edificação do eixo psicológico dialeticamente colocado em relação aos limites. Falamos então que o adolescente, que ainda não tem o centro do quarto preenchido, caminha para ele, na medida em que cortar os vínculos in

fantis. Antes de afirmar de patologia, dizemos que tal organização é permitida para adolescentes; dessa forma, apontamos dinâmismos condizentes com seu desenvolvimento natural, evitando erros de diagnóstico. Podemos nesse sentido, afirmar que a organização periférica é uma organização adolescente.

As nuances esquerda/direita foram apresentadas nas polaridades opostas, masculino/formal/ o gesto empreendedor de um lado, e de outro, o feminino/o sensitivo/ o gesto acolhedor e continente, em suas projeções pudemos identificar e conhecer como essas dimensões psicológicas acontecem na intimidade de cada adolescente.

Houve aqueles em que se verificou a equivalência nas representações, sem deslocamentos, um onde a descontinuidade espacial foi detetada; outro onde distorções do "redondo", sugeriram um equilíbrio do mesmo desfocado, outro, onde na partilha do espaço/quarto, a interação percebida nos levou a levantar hipóteses apontando simbiose, invasão e desrespeito mútuo; encontramos também um último cujas influências sócio-culturais, interferiram em sua organização.

Em frente/atrás, dimensões da estrutura espaço-temporal, verificadas através da história passada e aquela por acontecer, pelo menos nos projetos a serem realizados, nortearam a captação e análise do passado, do presente e do futuro. Quais as aspirações impressas no devir? Ora, nos deparamos com o auto-centrismo, na necessidade de ser "anistiado" para realizar a ambição pretendida; perspectivas mais limitadas nos quartos partilhados e muitas possibilidades desde que assumidas, em outro.

A verticalidade da arquitetura interna e externa, foi verificada somente num quarto onde seu habitante utiliza o centro e por ele tenta uma síntese.

Em cima/embaixo, dos céus, da imaginação, da criatividade do consciente; e da terra, do inconsciente, apareceu como um eixo sintetizador e dinâmico na própria organização global dos quartos.

A toponáalise, tal qual a definimos anteriormen - te, se fez possível. Na proposta de Bachelard, em relação a esse termo, fica evidente a junção do topos com a psicanáalise. Nesse sentido, salientamos que a anáalise e a investigação fenomenolôgi ca somada à linguagem e apreensão mítica da realidade que desen - volvemos nesse trabalho, justificada através da semiologia espa - cial, seus índices imagéticos ordenados, vieram mostrar um cami - nho diferente daquele da psicanáalise, uma outra modalidade na compreensão e explicitação do ser-no-mundo.

Assim, as imagens inconscientes e conscientes es - tão gravadas na disposição do espaço vivido. Este é um espelho do homem. É possível então dizer que tal como a imagem da casa , o quarto habitado concentra e revela o ser que o habita.

Por que o íntimo está para fora.

"O corpo fala, todos ouvem mais ninguém entende.O passado está escrito no corpo. Todos vêem mas ninguém sabe ler. Há uma gramática de gestos, jeitos e tons de voz, tão padroniza - da e tão preciosa quanto a palavra. Mas ninguém declara que é as

sim". (Gaiarsa, 1976: 306): Se faz evidente a existência de uma semântica e uma sintaxe dos gestos, das posições e atitudes do corpo.

O corpo, "este estranho objeto que utiliza suas próprias partes como símbolo geral do mundo e pelo qual consequentemente pode viver este mundo, compreendê-lo e lhe dar uma significação" (Merleau-Ponty, 1971:52), é presença cativa no espaço psicológico.

Através dele, somos e mostramos aos outros todos os modelos dos quais assumimos a forma. As imagens internas, nos sas figuras conscientes ou inconscientes se manifestam fora de nós; nos envolvem e nos amparam. Promovem o nosso equilíbrio , harmonioso, desarmonioso, quebrado, inteiro...

No centro corpóreo, o tronco compreende uma musculatura que envolve totalmente nossas vísceras, da mesma forma que o útero envolve o feto. "Nosso íntimo está protegido por u ma camada de carne quente, elástica, e capaz de adensar, criando em torno de nossos órgãos vitais, uma parede assás resistente" (Gaiarsa, 1966:2). Contraíndo os músculos a despeito de qualquer ameaça física ou psíquica, diminuímos nosso volume e nos fazemos compactos porque assim podemos conservar nossa posi ção ereta como base de qualquer ação. A apreensão da organiza - ção corporal é sempre holística; não há soma de suas partes, es tas funcionam como um todo dinâmico.

O "homem ereto", habita o espaço do corpo, do quarto e também aquele antropológico, através do qual se une ao cosmos. O esquema corporal, a geometria intuitiva corpórea re

flete a organização do homem nele, e orienta-o na locomoção e projeção dos lugares qualificados e ordenados diferentemente.

Assim, na leitura dos corpos pudemos identificar as posturas, as atitudes psicológicas, o sistema de equilíbrio. Toda ação ou intenção, modifica a estrutura da consciência atual, altera a atitude e faz variar o movimento do corpo. O estiramento da coluna, eixo vertical, opera, como vimos contra a gravidade. O equilíbrio do peso do corpo vem guiar o indivíduo na forma pela qual se mantém internamente.

Lemos nos corpos estudados diferentes formas de equilíbrio: compensações afetivo-musculares transversais para a esquerda, corte na dimensão horizontal, evidenciando a descontinuidade temporal, no caso de I., cujo aspecto feminino vem compartimentalizado; o esforço de equilíbrio observado em A., quando "empinando" o tórax e prendendo a respiração revela o sufocamento provável do espaço invadido; o conformismo de Is., na postura axial submissa.

A essência do espaço mítico, aquele dos sete pontos é comum ao corpo e ao quarto. Dessa forma, a imagem do corpo e do quarto podem ser equiparadas e dirigidas para um foco de convergência comum. Porque o corpo habitado e o quarto habitado expressam uma linguagem equivalente. Não só o corpo fala, como o quarto também.

A linguagem da organização dos objetos é a mesma linguagem da organização do corpo, é claro, considerada no seu continente e pertencer próprio.

A dialética centro-limites representa o ponto fundamental no crescimento psicológico. No eixo, nós nos equilibramos e sintetizamos igualmente as polaridades expressivas do corpo e quarto simbólicos. Os limites, manifestação da possibilidade de transcendência se concretiza a todo momento de construção.

"A estruturação do espaço vem a ser a melhor forma pela qual a consciência do homem consegue exprimir sua própria natureza, no esforço que empreende para organizar as distâncias e laborando nelas trajetos e direções" (Minkovski, 1967:35).

- DO VALOR HEURÍSTICO:

Consideramos nossa pesquisa como um ensaio sobre as regras da gramática do corpo e do quarto. Sabemos que ambos se expressam, e que a expressão é traduzida na intimidade, na personalidade individual e que é possível uma leitura, leitura assim, psicológica.

O valor heurístico se clarifica; diagnosticamos ou apontamos caminhos para tal; sugerindo e explicitando uma forma de apreensão intuitiva no campo do psicodiagnóstico, encontramos o adolescente.

Pretendemos correlacionar nosso modelo de leitura com outro instrumento já existente na psicologia. Pensamos no teste de Rorschach, ferramenta do psicólogo que se baseia na organização do espaço: "uma adaptação a determinados estímulos externos, uma intervenção da função do real, a interpretação de

formas que obedecem a certas condições de ritmo espacial" (Rorschach, 1961:37); esses os requisitos e os preceitos da técnica.

Assim, poder-se-ia introduzir nas hipóteses de trabalho do psicodiagnóstico, uma visita domiciliar, onde o quarto do adolescente seria fotografado, seu corpo também, e na apreensão dos dados "in locum" a leitura seria feita tal qual indicamos no capítulo anterior.

Nessa visão, a aproximação psicólogo-cliente, propiciaria, para o primeiro, sair em campo fazendo pesquisa clínica aplicada; para o segundo, a possibilidade de ser conhecido através de seu próprio espaço sem mistérios.

O estudo e a ampliação das estruturas do espaço mítico enriquece a psicologia, dita como o estudo do indivíduo, com a dimensão antropológica. Podemos dizer então de uma psicologia clínica antropológica. Nessa afirmação recuperamos a história do indivíduo considerando-o também em relação à sociedade, à família e à cultura atual ou antepassada na qual ele está inserido. Expandimos o existir em suas características inerentes. Daí, também, a inserção das histórias dos bairros pesquisados na cidade de São Paulo.

Não consideramos aqui a clínica conceituada através do modelo médico onde a doença é meta principal. Nosso enfoque, amalgamado de Minkovski se assenta nas questões:

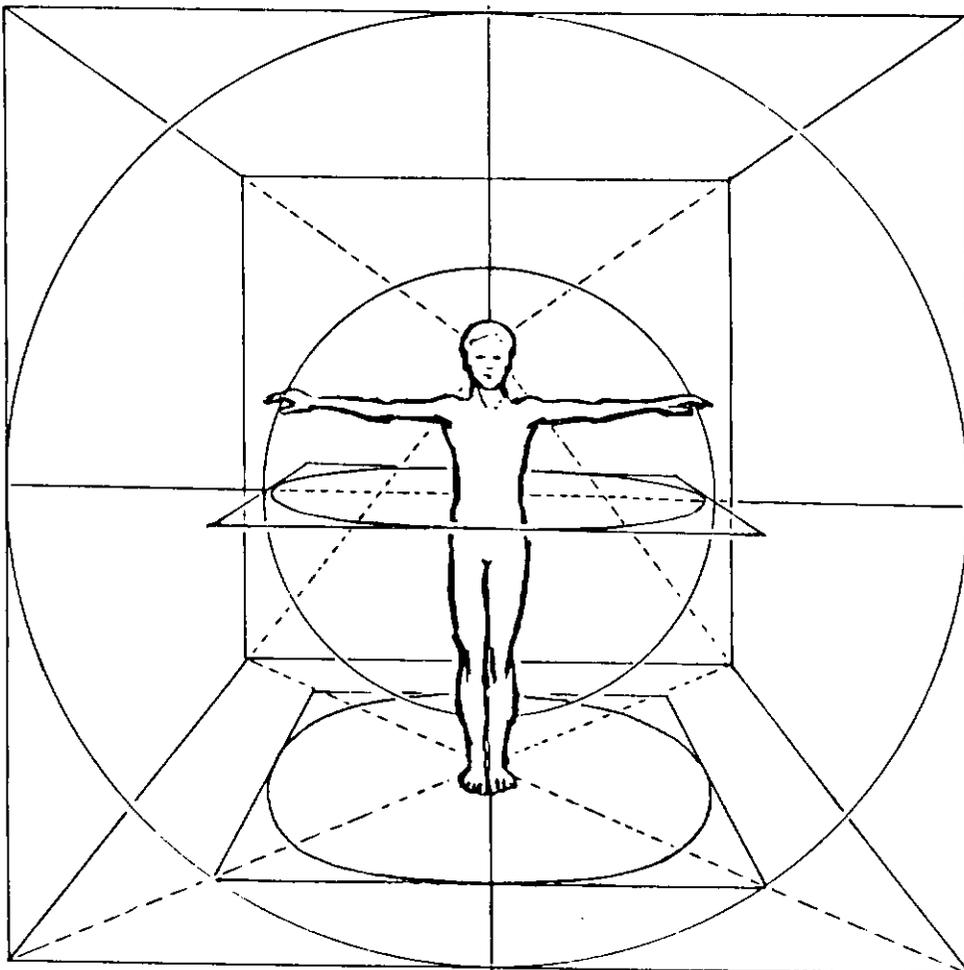
- como se expressam os fatores ideo-afetivos e a estrutura espaço-temporal do cliente?

Apreendendo as formas e as modalidades de sua experiência com posterior análise:

- o cliente é doente ou sadio?
- se doente, o que está intato nele?

O psicodiagnóstico passa a ter uma dimensão de total apreensão da realidade do ser. Poder-se-ia estabelecer assim, um critério de sadio, através da organização adequada do "redondo; pleno de significados, porque a recuperação do símbolo significa a recuperar o homem sadio.

Poderíamos representá-lo assim:



A mobilidade em todas as direções e dimensões desse "redondo" elucida o mundo das possibilidades da existência e a transformação contínua da paisagem humana.

Ampliando nossa pesquisa, poderíamos pensar numa continuidade onde o conceito de "corpo peneira" de Deleuze, cujos limites não são demarcados, havendo ausência de estruturas e formas de ser, onde transparece a invasão e a penetrabilidade esquizofrênica pudesse ser estudado. Talvez, pesquisando o espaço dos menores abandonados que habitam "o debaixo das pontes", cujo abrigo para o sono se declara em ninhos de jornais amassados, último reduto para os seus corpos, provavelmente iríamos encontrar, em extensão a esse conceito, o correspondente "quarto peneira".

Afirmamos da leitura da intimidade do adolescente.

Podemos estender nosso modelo de análise para outras idades?

O fato da criança ser dependente dos pais, seu espaço construído não estaria evidenciando a modalidade dos pais, substituindo a dela? Ou mesmo, a discriminação não seria difícil?

Em quartos de casais, seria possível analisar cada membro do par em separado, ou estaríamos lendo a construção do espaço do casal?

E o que dizer em relação a gerontologia? O velho em nossa cultura, com espaço próprio tão parco e restrito, poderia ser examinado nessa perspectiva?

Podemos atribuir a mesma direção assumida, aquela da análise interacional dos quartos partilhados para verificar o espaço das crianças e dos casais?

Sobre os quartos partilhados, nosso modelo teria condições de discriminar nuances decisivas em diagnósticos diferenciais?

Concluindo, o trabalho em equipe mostrou-se extremamente enriquecedor. Acrescentaríamos: sociólogo, arquiteto, antropólogo, economista, assistente social para propor:

Não se poderia dizer de uma nova definição do ambiente para uma nova expressão do corpo e retomada do ser?

VIII. BIBLIOGRAFIA

- Arguelles, M. - Mandala
Berkeley - London, Shambhala, 1972
- Augrās, M. - O ser da compreensão
Petrópolis, Editora Vozes, 1978.
- _____ - Mitos Brasileiros em Literatura Infantil
Revista Bras. de Estudos Pedagógicos, Brasília,
vol. 62, nº 141, Jan./Abr. 1977
- Bachelard, G. - A poética do espaço
Rio de Janeiro, Livraria Eldorado Tijuca Ltda.,
1967.
- _____ - O novo espírito científico
Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro Ltda.,
1968.
- Barhotin, E. - El language del cuerpo
Madrid, Talleres Gráficos de E. Castilla, 1977,
vol. I, II
- Barros, F. - O nobre e antigo bairro da Sç.
São Paulo, Oficinas de Artes Gráficas Bisordi S.
A.. 1971.

- Beirão, M.F.F. - Vivências do espaço e do tempo na criação artística.
São Paulo, Editora Escolas Profissionais Salesianas, 1970.
- Bernard, M. - Le corps
Paris, Editions Universitaires, 1972.
- Campbell, J. - The hero with a thousand faces
New York, Princeton University Press, 1971.
- Cassirer, E. - Filosofia de las formas simbólicas
México, Fondo de Cultura Economica, 1970, vol. I
II e III.
- _____ - Linguagem e Mito
São Paulo, Editora Perspectiva, 1972.
- _____ - Antropologia Filosófica
México, Lito Ediciones Olimpia, 1975.
- _____ - Linguagem, mito e religião
Portugal, Editora Rés, 1976.
- Deleuze, G. e Guattary, F. - El Antiedipo - capitalismo y esquizofrenia
Barcelona, Barral Editores, 1972
- Eliade, M. - O sagrado e o profano
Lisboa, Editora Livros do Brasil, 1965.

-
- Tratado de história das religiões
Lisboa, Edições Cosmos, 1970
-
- Mito e Realidade
São Paulo, Editora Perspectiva, 1972.
-
- Rites and symbols of initiation
New York, Harper Torch Books, 1975
- Feitis, R. - Ida Rolf Talks about rolfing and phisical reality
New York - Hangerstown - San Francisco - London,
Harper & Row Publishers, 1978.
- Freitas, E. - Espaço pessoal: Uma revisão bibliográfica
Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas / ISOP ,
1978.
- Gaiarsa, J. A. - O corpo e a terra
Revista Normal e Patológica, São Paulo, ano VII,
nºs 1, 2, 3, Jan./Set. 1961.
-
- A Psicologia do movimento
Departamento de Psicologia de Itatiba, São Paulo
1966 - exemplar mimeografado.
-
- O espelho mágico
Petrópolis, Editora Vozes, 1973.
-
- A estátua e a bailarina
São Paulo, Editora Brasiliense, 1976.

- Gelven, M. - A commentary on Heidegger's "being and time"
USA, Harper Torch Books, 1970.
- Gonde, J. - Les religions de l'Inde, I - Védisme et hindouisme Ancien
Paris, Payot, 1962.
- Johnson, D. - The protean body - a rolfer's view of human flexibility
New York - Hangerstown - San Francisco - London
Harper & Row Publishers, 1977
- Jung, C. G. - Simbolos de transformacion
Buenos Aires, Editorial Paidós, 1962
- _____ - Tipos psicológicos
Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1974.
- Keen, E. - Introdução à psicologia fenomenológica
Rio de Janeiro, Editora Interamericana, 1979.
- Lacey, H.M. - A linguagem do espaço e do tempo
São Paulo, Editora Perspectiva, 1972.
- Leeming, D. - Mythology
New York, Joseph Gardner Editor, 1977.
- Lynch, K. - De qué tiempo es este lugar?
Barcelona, Editorial Gustavo Gili S.A., 1975.

- Lobell, M. - Spatial Archetypes
Quadrant, USA, vol. 10, nº 2, winter 1977
- Marc, O. - Psychanalyse de la maison
Paris, Éditions du Seuil, 1972
- Merleau-Ponty, M.- Fenomenologia da Percepção
Rio de Janeiro, São Paulo, Livraria Freitas Bas
tos, 1971
- Minkovski , E.- Vers une Cosmologie
Paris, Aubier-Montaigne, 1967.
- Morse, R.M. - Formação Histórica de São Paulo
São Paulo, Difusão Européia do Livro - 1970
- Neumann, E. - The origins and history of consciousness
New York, Princeton University Press, 1969.
- Nunes, E.P. - Obsessão e delírio: neurose e psicose
Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976.
- Paz, O. - El labirinto de la soledad
México. Fondo de Cultura Economica, 1959.
- Platão, - Diálogos
São Paulo, Abril Cultural, 1972.

- Rank, O. - The myth of the birth of the hero
New York, Alfred A. Knopf Publisher Inco., 1964
- Rolf, I.P. - Rolfing: the integration of human structures
New York - Hangerstown - San Francisco - London
Harper & Row Publishers, 1977.
- Rorschach, H. - Psicodiagnóstico
Buenos Aires, Editorial Paidós, 1961
- Santos, W. - Relatos orais em entrevistas a respeito da história dos bairros de São Paulo.
- Sidman, M. - Táticas da Pesquisa Científica
S. Paulo, Ed. Brasiliense, 1976.
- Smart, J.J.C. - Problems of space and time
New York - London, Macmillan Publishing Co., Inc.
1964.
- Van Gennep, A. - Os ritos de passagem
Petrópolis, Editora Vozes, 1978
- Vater, R. - X-Range, catálogo da exposição
Patrocinado pela Embaixada do Brasil na Argentina,
1977.
- Eller, R.C. e Smith, D.M. - A phenomenological utilization of photographs
Journal of Phenomenological Psychology, N. Jersey
spring 1977.

Anexo 1

Nome:

Endereço:

Bairro:

Zona:

Escola:

Idade:

Altura:

casa: ou

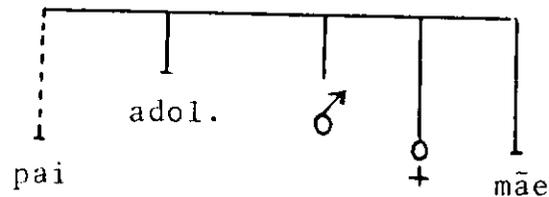
apto:

cômodos:

jardins:

quantas pessoas moram:

constelação familiar: (com profissão e idade de todos os membros)



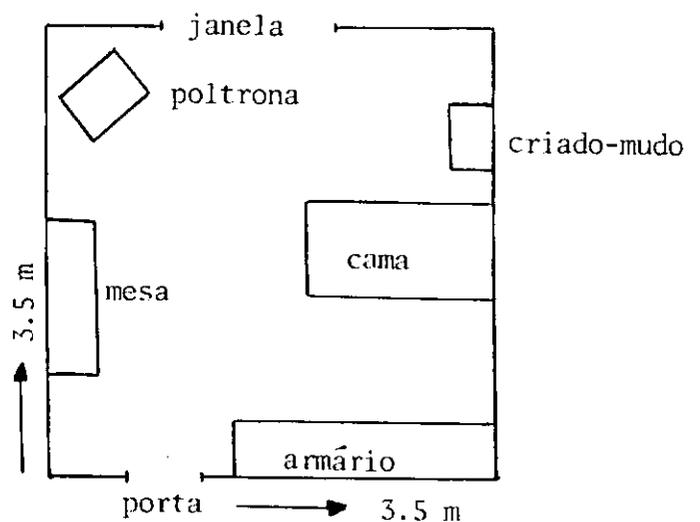
quarto único?

dimensões do quarto:

lugar do quarto que mais gosta de ficar e ação correspondente:

lay-out do quarto:

Por exemplo:



	N	Casa	Apto	Cômodos	Jardins	nº de pessoas da casa	Constelação Familiar	Quarto Único	Peq. - até 7,5m ² Méd. - 8 a 16,5m ² Grande - 17m ² acima	Idade
SANTANA NORTE-	5	4	1	7 (1)		4 (3)	3 (1)	2 (sim)	Médio (4)	15 (1)
				8 (1)	-	5 (1)	4 (3)	3 (não)	16 (2)	
				9 (1)		8 (1)	5 (1)		17 (2)	
				12 (2)						
Sto. AMARO SUL-	5	5	-	10 (1)		3 (1)	3 (1)	3 (sim)	Pequeno (1)	15 (5)
				11 (1)		4 (1)	6 (1)	2 (não)	Médio (3)	
				13 (1)	5 (sim)	6 (1)	5 (2)		Grande (1)	
				14 (1)		7 (1)	13 (1)			
			17 (1)		14 (1)					
LAPA DESTE-	5	4	1	9 (1)	1 (sim)	4 (3)	4 (4)	2 (sim)	Médio (5)	15 (2)
				11 (2)	4 (não)	5 (1)	6 (1)	3 (não)	16 (1)	
				12 (1)		6 (1)			17 (1)	
				15 (1)					18 (1)	
PENHA LESTE-	5	5	-	6 (2)	2 (sim)	4 (1)	5 (4)	5 (não)	Médio (3)	14 (1)
				7 (1)	3 (não)	5 (1)			16 (1)	
				8 (1)		6 (3)			17 (3)	
				9 (1)						

ANEXO 2

MASCULINO	N	Casa	Apto	Cômodos	Jardins	nº de pessoas da casa	Constelação Familiar	Quarto Único	Dimensões do quarto Peq. - até 7,5m ² Med - 8 a 16,5m ² Grande - 17m ² acima	Idade
ANTANA NORTE-	5	5	-	6 (1) 8 (2) 9 (2)	-	5 (2) 5 (2) 6 (1)	3 (2) 5 (3)	3 (sim) 2 (não)	Médio (4) Grande (1)	15 (1) 16 (1) 17 (5)
o. AVARO SUL-	5	4	1	11 (1) 12 (1) 13 (1) 14 (1) 25 (1)	4 (sim) 1 (não)	14 (2) 6 (1) 8 (1) 3 (1)	12 (1) 4 (1) 5 (2) 3 (1)	5	Pequeno (1) Médio (3) Grande (1)	15 (1) 18 (4)
PA STE-	5	5	-	8 (1) 9 (1) 12 (1) 14 (2)	3 (sim) 2 (não)	4 (1) 5 (1) 6 (2) 8 (1)	4 (1) 5 (3) 7 (1)	2 (sim) 5 (não)	Médio (5) Grande (2)	15 (1) 16 (2) 17 (1) 18 (1)
NHA STE-	5	5	-	4 (1) 5 (1) 6 (1) 7 (1) 12 (1)	1 (sim) 4 (não)	4 (3) 5 (1) 8 (1)	3 (1) 4 (3) 8 (1)	1 (sim) 4 (não)	Médio (4) Grande (1)	16 (3) 17 (2)

Acrescentamos ainda, um quadro com referência aos outros quartos e corpos documentados, sintetizando suas características, no intuito de completar a análise de nossa amostra.

Para tal, três tópicos serão ressaltados, os quais nos guiarão na topoanálise dos quartos:

Bairro: Santo Amaro

Sexo: Masculino

1. Dialética: centro X limites:

Dos 5 quartos pesquisados, nenhum deles aponta organização dos objetos no centro. Este é usado como passagem, corredor. É lugar preenchido pela trajetória. À medida em que o centro assim se pontua, a organização percebida é periférica.

2. Integridade do "redondo":

Destacamos um deslocamento da direita para a esquerda; fixação no passado e basicamente, a síntese dos opostos: sensibilidade-racionalidade; feminino-masculino; aspirações futuras-vivências passadas, é conseguida às custas de uma intenção intelectual.

Dessa forma, o eixo consciente/inconsciente aparece entendido e apoiado em características de elaboração racional, em detrimento de uma elaboração integradora dos afetos e da razão. Apontamos por outro lado, a busca que

o adolescente faz para o encontro de seu centro, atualizando sua existência, na manutenção egôica que através do intelectual se firma.

3. Lugar do quarto que mais gosta de ficar e ação correspondente:

A variação fica entre: sentado na escrivaninha e deitado na cama lendo, estudando, ou mesmo olhando o quarto. Novamente a dimensão intelectual é apontada; para o "olhar" o quarto, hipotetizamos ser um olhar para dentro, através do qual as nuances de reflexão, fantasia, imaginação podem ser inferidas.

Sexo feminino:

1. Dialética: centro X limites:

Parte da cama de uma adolescente é organizada no centro de seu quarto. Em outro, onde o espaço-quarto é partilhado com a empregada, a organização espacial vem contaminada pelos pertences de ambas, somado à utilização do quarto para passar a roupa da casa. Sugere ser mais uma rouparia do que um quarto.

Nos outros três, o centro não é lugar ordenado.

Destacamos, organização periférica nos três quartos citados acima; no anterior, a simbiose vivida impede a discriminação da partilha dos limites e no primeiro quarto, é possível indicar a dialética centro-limites,

embora o centro seja organizado parcialmente, sua cama, que é o lugar que mais gosta de ficar, deitada, não fazendo nada, indica que, atualmente sua proprietária se deixa e utiliza o quarto como repouso para suas fantasias; é lugar de devaneios. Sua cama é território onde se entrega aos sonhos e não se compromete: não faz nada.

2. Integridade do redondo:

As áreas organizadas e qualificadas diferentemente, não apontam dados a comprometer a integridade do redondo, a não ser no quarto onde a simbiose é percebida, destacamos a necessidade da discriminação, ponto vital para o crescimento psicológico, que no momento compromete a vivência espacial e psicológica da adolescente.

Também nas meninas, a tentativa de síntese é feita através da dimensão intelectual.

3. Lugar do quarto que mais gosta de ficar e ação correspondente:

Sentada, lendo nas almofadas apareceu em 2 quartos; deitada na cama, não fazendo nada em um outro, já citado, naquele da simbiose, a adolescente disse "que não tem lugar" (sic.); em realidade, seu espaço é restrito; e no último: "gostar não gosto, mas o lugar que mais fico é na escrivaninha estudando" (sic.), foi o seu pronunciamento.

Observamos variação dos gostos e por ela, a análise diferencial acompanha a organização espacial peculiar de cada uma. Um ponto que une três adolescentes é a saída intelectual; noutra o "deixar-se levar" pela fantasia; a restrição de espaço próprio é indicado naquela que vivencia a simbiose.

Bairro: Santana

Sexo: Masculino

1. Dialética: centro X limites

Toda organização percebida é periférica. O centro não aparece como lugar ocupado e preenchido.

2. Integridade do redondo:

A integridade do redondo é conservada; observamos dificuldades em lidar com o feminino, isto é: ora essa dimensão vem embutida, com exagero do uso da dimensão intelectual; ora o sensível é racionalizado no presente; ora é canalizado para a criação intelectual; ora os vínculos infantis, impedem a livre expressão das polaridades diferenciadas; ora o espaço pessoal aparece restrito porque invadido pela mãe.

3. Lugar do quarto que mais gosta de ficar e ação correspondente:

Dois entre os cinco adolescentes estudados, preferem a cama e nela desenvolvem atividade intelectual: sentados,

estudam ou leêm.

Os outros dois, usam a escrivantina ou a prancheta e nelas também estudam ou leêm.

O último deles, deitado na cama esparramado, evidencia uma soltura e não comprometimento, e é justamente aquele onde os vínculos infantis sobrepujam a assumpção adolescente.

Sexo Feminino:

1. Dialética: centro X limites

Em dois dos quartos estudados, o centro não é utilizado como topos organizado. Nos outros dois, parte da cama das adolescentes se localiza no centro. Num desses quartos, é nítida como a posse de parte do centro, redonda na propriedade maior do quarto. Nesse caso específico, onde, o quarto é partilhado com uma outra irmã, o espaço desta, aparece reduzido em favor daquela. Já no outro quarto, a cama de sua irmã que já não mora mais lá, continua intata e indica o quanto a adolescente, ligada ao passado, não consegue apropriar-se totalmente de seu espaço-quarto, já que no presente, ele é seu.

O quinto quarto estudado tem tapetes preenchendo o espaço central; o chão está assentado, o eixo assentado existe e pode ser transportado.

Percebe-se assim que a dimensão centro-limites ora é indicada somente em organização periférica, ora o centro, como posicionamento de eixo psicológico e meta, é vivenciado ainda dentro de perspectivas dialéticas, do vir a ser.

2. Integridade do redondo:

Só destacamos a descontinuidade temporal em dois dos quartos, onde o apego à infância impede as adolescentes atualizarem suas experiências. Estas aparecem voltadas e ligadas ao mundo infantil.

3. Lugar do quarto que mais gosta de ficar e ação correspondente:

Duas entre as cinco adolescentes, usam a cama como lugar predileto: uma para ler - a dimensão intelectual é usada como apego e esteio; outra "fica lá pensando" - seu pensar pode também ser traduzido em fantasia e imaginação. Outra, usa o chão para ouvir música: tem respaldo para a fantasia. As outras duas, "sentada no chão batendo a máquina" e "só entro no quarto para dormir", evidenciam camuflagem da realidade interna. Estas duas, exibem aquilo que não são.

Bairro: Penha

Sexo: Masculino

1. Dialética: centro X limites

Todos os quartos são partilhados. A partilha se faz com irmão, irmãos, com pais e irmã; um dos quartos é usado como passagem, imprimindo neste uma dimensão do social que invade a intimidade do adolescente.

O centro utilizado como topos organizado aparece em dois quartos; no primeiro, a cama do pai ocupa o centro, fazendo dele o proprietário do espaço - a seu filho é delegado um canto do quarto: a parte de cima do beliche que acaba sendo o seu espaço pessoal. No segundo, o adolescente aparece como guardião da entrada do quarto.

Nos três restantes, o centro é utilizado como passagem e corredor; a partilha interfere na delimitação do centro e dos limites.

2. Integridade do redondo:

Excetuando a provável divisão comunitária indicada no quarto de Is, aquele que aparece na análise detalhada, a invasão do espaço íntimo, a simbiose familiar é a tônica.

3. Lugar do quarto que mais gosta de ficar e ação correspondente:

Fora de seu mundo, ligado ao mundo externo; racional

dade extrema; dimensão intelectual como recurso para a manutenção psicológica, falta de comprometimento consigo mesmo, são as traduções encontradas nos quartos dos adolescentes da Penha.

Sexo Feminino:

1. Dialética: centro X limites

Quatro quartos são partilhados; uma das adolescentes não tem quarto - seu quarto é ocupado pelos avós maternos; ela dorme na sala.

Nos quartos partilhados, observamos que a posse do centro, pertence à pessoa que se apropria dele e por extensão ao espaço-quarto. Assim, um dos quartos, parte da cama da avó ocupa o centro; em outros dois, parte da cama das irmãs da adolescente estudada ocupa o centro; e outro, parte da cama da própria adolescente se localiza centralmente.

2. Integridade do redondo:

As condições sócio-econômicas somadas às qualidades psicológicas comprometem o redondo espacialmente qualificado: encontramos simbiose, invasão do espaço-pessoal; transgressões mútuas no quarto habitado.

3. Lugar do quarto que mais gosta e ação correspondente:

Quatro utilizam a cama como lugar predileto; fantasia e apreensão intelectual da realidade vivida indicam a forma pela qual as adolescentes elaboram suas experiências.

Aquela que não tem quarto, lê numa escada, fora da casa, e diz ser aí o lugar que mais fica. A condição de ter seu espaço íntimo dividido e invadido pelo espaço social da casa, corrobora a necessidade de procurar fora da casa um lugar para se assentar. A leitura, é a atividade através da qual procura, provavelmente a organização interna.

Bairro: Lapa

Sexo : Masculino

1. Dialética: centro X limites

Dois quartos são partilhados, um com irmã mais velha, cuja cama ocupa o centro do quarto, e faz dela sua proprietária; outro com irmão mais novo, neste, interferências da mãe são visíveis, assim, vínculos infantis impedem a atualização do projeto de ser do adolescente.

Um terceiro, a partilha é feita com dois irmãos que estudam fora de São Paulo. Sua cama ocupa o centro. O quarto atualmente é dele.

Os dois outros quartos, não são partilhados; num deles o adolescente organiza o centro através de mesa de estudo. Aí, tenta sintetizar as polaridades opostas, empregando recurso intelectual. É o único adolescente que ocupa totalmente o centro do quarto e faz dele seu lugar predileto. O último quarto, é organizado centralmente por parte da cama. Aí é o topos que abriga fantasias, provavelmente sexuais na medida em que, posters de moto e mulher nua vestem as paredes de seu quarto nos índices "para frente", "para trás" do centro habitado.

2. Integridade do redondo:

No último quarto colocado anteriormente, levantamos hipótese de que provavelmente a dimensão intelectual no momento pode aparecer prejudicada. Sugerimos que o adolescente pode apresentar problemas escolares.

Os dois primeiros quartos, apresentados no item anterior indicam que o espaço íntimo é sufocado; num pela mãe, noutro pela irmã mais velha.

Nos dois outros restantes, a integridade do redondo mantém consistência.

3. Lugar do quarto que mais gosta de ficar e ação correspondente:

A dimensão intelectual aparece como recurso mantenedor

da organização interna em dois quartos. Noutro a fantasia pode ser inferida a partir do "sentado na cama escutando som". Os dois últimos têm um quartinho de estudos fora da casa. Lá estudam. A dimensão intelectual-escolar acontece fora do quarto.

Sexo: Feminino

1. Dialética: centro x limites

Três quartos são partilhados. No primeiro deles, o centro não é lugar de organização de objetos, a periferia é preenchida. No segundo, um tapete em forma de "pê" ocupa o ponto central, isso pode indicar que o centro é assentado, a trama do eixo-chão está elaborada. No terceiro, parte da cama da adolescente ocupa a posição central: mesmo dividindo o quarto com irmã mais nova, a posse do espaço é dela.

Nos dois quartos, onde as adolescentes, são as únicas proprietárias, parte de suas camas também ocupam o centro. Assim, o repouso, o "largar o corpo", o devaneio, a fantasia, o sono são as atividades de eixo.

Organização periférica: as estantes, os armários, dimensão infantil nos bichos de pelúcia, a dimensão intelectual nas escrivatinhas perfazem e preenchem a dialética centro-limites.

2. Integridade do redondo:

Não há comprometimento do redondo. Observamos descontinuidade temporal num dos quartos onde a vinculação à infância sobrepuja a atualização das vivências de duas adolescentes.

3. Lugar do quarto que mais gosta de ficar e ação correspondente:

Duas das adolescentes preferem ficar "sentada na cama conversando com amiga e/ou irmã".

A comunicação com o outro da mesma época, do mesmo tempo, é atividade de encontro e troca de experiências.

As outras três, usam a dimensão intelectual como forma ou de fugir, ou integrar suas vivências; uma delas, usa a escrivaninha para estudar: na época fazia curso e se preparava para o vestibular. Nesse caso, a dimensão intelectual aparece como necessidade temporária, dirigida a um objetivo específico.

Para análise dos corpos, um quadro sintético vem a seguir:

MASCULINO	Equilíbrio do corpo	Equilíbrio compensatório	Desvio do eixo	Pélvis	Cabeça	-Conclusão-
Sto. AMARO -SUL-	lado D: 3 lado E: 2	lado D: 2 lado E: 3	lado D: 3 lado E: 1	aberta: 4 fechada: - eixada: 1	D: 1 eixada: 4	-Apontamos síntese feita através da dimensão intelectual. Um único corpo, mostra deslocamento do aspecto masculino para o feminino.
SANTANA -NORTE-	lado D: 3 lado E: 2	lado D: 2 lado E: 3	lado D: 1 lado E: 1 p/baixo: 1	aberta: 2 fechada: 3 eixada: -	P/C: 1 P/B: 1 eixada: 3	-Dimensão intelectual predomina sobre a emocional; dificuldade em integrar o sensitivo. Racional sobrepuja este aspecto.
PENHA -LESTE-	lado D: 3 lado E: 2	lado D: 2 lado E: 3	lado D: 3 lado E: 2	aberta: 2 fechada: 2 eixada: -	D: 1 E: 1 A: 1 P/B: 1 eixada: 1	-Só um corpo aparece eixado na dimensão intelectual; os outros, a utilizam como saída dos aspectos sociais e familiares, aos quais atualmente se acham submetidos.
LAPA -OESTE-	lado D: 3 lado E: 1 eixo: 1	lado D: 1 lado E: 3	lado D: 4 lado E: 1	aberta: 1 fechada: 3 eixada: 1	D: 1 F: 1 P/B: 2 eixada: 1	-Fantasias, vínculos infantís aos quais se submetem, impedem a atualização do processo da adolescência. Somente aquele eixado, tenta a síntese dos opostos pelo intelectual.

	Equilíbrio do corpo	Equilíbrio compen-satório	Desvio do eixo	Pélvis	Cabeça	-Conclusão-
FEMININO						
AMARO	lado D : 3 lado E : 2 eixo : -	lado D : 2 lado E : 3	lado D : 3 lado E : 2 -	aberta: 1 fechada: 4 eixada: -	D: - E: 1 F: 1 A: - E/C: - E/B: 1 eixada: 2	-Ora a dimensão intelectual aparece como tentativa de síntese dos opo- tos; ora o feminino vem escondido (pélvis fechada) em favor do mascu- lino, mais desenvolvido; ou mesmo a submissão breca a integração.
SUL-						
antana	lado D: - lado E: 2 eixo p/ frente: 2 eixo : 1	lado D: - lado E: 1 p/trás: 2	lado D :- lado E :1 p/trás: 2	aberta: 3 fechada: 2 eixada: -	F: 1 A: 2 E/B: 1 eixada: 1	-Uso do feminino fica evidente: eixo mais para o lado E. Destacamos liga- ções com o passado, cujos vínculos infantis breca às vezes, a fluência e livre atualização do feminino.
enha	lado D: 5 lado E: - eixo: -	lado D: - lado E: 5	lado D: 5 lado E: -	aberta: - fechada: 5 eixada: -	D: 2 F: 1 eixada: 2	-O gesto empreendedor faz com que as adolentes da Penha exacerbem o uso do masculino como necessida- de social, familiar e individual. Dá o desvio ser localizado na dimensão direita da corpo.
ESTE-						
apa	lado D: 4 lado E: 1 eixo: -	lado D: 1 lado E: 3	lado D: 1 lado E: - p/trás: 4	aberta: - fechada: 5 eixada: -	D: 1 E/B: 1 A: 2 eixada: 1	-Fantasias ligadas ao passado, com- pensam a utilização da dimensão masculina equilibrando a feminina, compensatóriamente (pélvis fechada). O eixo corpóreo é traduzido, então, em termos intelectuais.
ESTE-						

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ, fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores:

Monique Rose Aimée Augras

Monique Rose Aimée Augras

(orientador)

PUC/RJ - Deptº Psicologia

Maria Helena Novaes Mira

Maria Helena Novaes Mira

PUC/RJ - Deptº Psicologia

Terezinha Fereq Carneiro

Terezinha Fereq Carneiro

PUC/RJ - Deptº Psicologia

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 01/08/1980.

Vera Maria Ferrão Candau

Vera Maria Ferrão Candau

Coordenadora dos programas de

Pós-Graduação do Centro de

Teologia e Ciências Humanas.